



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL

MIRIELEM BARBOSA DE SOUSA SANCHES

ENTRE O HUMOR E A REFLEXÃO: MEMES COMO
FERRAMENTA DIDÁTICA NO ESTUDO DO GOVERNO
BOLSONARO NA PANDEMIA (2020-2022)

São Luís
2026

Uema

ENTRE O HUMOR E A REFLEXÃO: MEMES COMO
FERRAMENTA DIDÁTICA NO ESTUDO DO GOVERNO
BOLSONARO NA PANDEMIA (2020-2022)

2026



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO/DOUTORADO PROFISSIONAL**

MIRIELEM BARBOSA DE SOUSA SANCHES

**ENTRE O HUMOR E A REFLEXÃO: MEMES COMO FERRAMENTA
DIDÁTICA NO ESTUDO DO GOVERNO BOLSONARO NA PANDEMIA (2020-
2022)**

**São Luís
2026**

MIRIELEM BARBOSA DE SOUSA SANCHES

**ENTRE O HUMOR E A REFLEXÃO: MEMES COMO FERRAMENTA
DIDÁTICA NO ESTUDO DO GOVERNO BOLSONARO NA PANDEMIA (2020-
2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado e Doutorado Profissional, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador/a: Prof(a). Dr(a). Raíssa Gabrielle Vieira
Cirino

**Linha de Pesquisa: Linguagens e Construção do
Conhecimento Histórico**

**São Luís
2026**

Sanches, Mirielem Barbosa de Sousa.

Entre o humor e a reflexão: memes como ferramenta didática no estudo do governo Bolsonaro na pandemia (2020-2022). / Mirielem Barbosa de Sousa Sanches. – São Luís, 2026.

156 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Raíssa Gabrielle Vieira Cirino.

1. Ensino de História. 2. Memes. 3. Governo Bolsonaro. 4. Pandemia.
I.Título.

CDU 93/94:37:[004.738.5:94(81)]"2019/2022"

MIRIELEM BARBOSA DE SOUSA SANCHES

**ENTRE O HUMOR E A REFLEXÃO: MEMES COMO FERRAMENTA
DIDÁTICA NO ESTUDO DO GOVERNO BOLSONARO NA PANDEMIA (2020-
2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado e Doutorado Profissional, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **RAISSA GABRIELLE VIEIRA CIRINO**
Data: 29/06/2026 17:55:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Raíssa Gabrielle Vieira Cirino (orientador/a)
(PPGHIST/UEMA)

Documento assinado digitalmente
 **EDUARDO ROBERTO JORDAO KNACK**
Data: 29/06/2026 17:35:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Roberto Jordão Knack (Examinador/a Externo)
(UFCEG)

Documento assinado digitalmente
 **LIDIANE ELIZABETE FRIDERICH**
Data: 29/06/2026 17:30:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Lidiane Elizabete Friderichs (Examinador/a Interno)
(UEMA)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido ser aprovada no processo seletivo do mestrado, mesmo quando eu própria não acreditava plenamente em mim, e por ter me sustentado ao longo desses dois anos de caminhada. Por ter me dado força para permanecer, coragem para seguir e, sobretudo, por ter me protegido em cada ida e volta de São Luís, tantas vezes sozinha, tarde da noite.

Ao meu pai, que em todas as noites em que eu chegava (mesmo sendo extremamente tarde para alguém como ele que acorda às quatro horas da madrugada para trabalhar), estava lá me esperando, com seu cuidado silencioso e sua presença constante. À minha mãe, que sempre preparava a melhor comida para que eu me alimentasse quando chegasse das aulas, transformando esse gesto em acolhimento, afeto e incentivo. Ambos, que tiveram poucas oportunidades de estudo, mas que, ainda assim, souberam me ensinar, por meio de seus exemplos e de sua luta, que a educação é um dos caminhos mais dignos e transformadores para vencer na vida.

Ao meu esposo, por ter sido paciente diante da minha ausência nos momentos em que precisei me dedicar aos estudos, por ter me acolhido quando o peso da jornada acadêmica se fazia maior e por sempre me incentivar, lembrando-me de que eu era “a melhor” justamente quando eu pensava que não seria capaz de dar conta.

Aos meus alunos, que são o combustível diário que utilizo para tentar ser uma profissional cada vez melhor. Foi com eles e por causa deles que iniciei esta pesquisa e é também por eles que hoje consigo chegar à sua conclusão.

À minha orientadora, pela condução atenta e generosa deste trabalho, pelas contribuições valiosas, pela escuta sensível e pela dedicação com que acompanhou cada etapa desta pesquisa. Sua orientação foi fundamental para o amadurecimento deste estudo e para o meu crescimento acadêmico. À Universidade Estadual do Maranhão, por me proporcionar o espaço de formação, reflexão e construção do conhecimento, tornando possível a realização desta trajetória acadêmica e contribuindo de maneira significativa para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos meus amigos e amigas, que sempre demonstraram orgulho por mim e torceram sinceramente para que eu chegasse até aqui, oferecendo palavras de apoio e afirmação, carinho verdadeiro e brilho nos olhos que tantas vezes me fortaleceram ao longo da caminhada. Que esta conquista jamais me faça esquecer de onde vim, de quem caminhou comigo e de tudo o que ainda sonho alcançar.

RESUMO

O presente trabalho analisa o uso dos memes digitais como ferramenta didática no ensino de História, tomando como recorte o contexto político e social do governo Jair Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19 (2020–2022). A pesquisa parte da compreensão de que os memes, enquanto produtos culturais e expressões do humor político, constituem fontes históricas capazes de revelar percepções, tensões e disputas de memória no tempo presente. A partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada nos estudos da História do Tempo Presente, da cultura digital e do ensino de História, o estudo busca compreender de que forma os memes podem ser utilizados para promover reflexões críticas sobre o discurso governamental, a circulação de desinformação e a construção de narrativas sobre a crise sanitária. O trabalho também contempla um produto educacional: um E-book, voltado para professores de História utilizarem com seus alunos em sala de aula, apresentando estratégias de análise e mediação pedagógica com base em exemplos concretos de memes produzidos durante o período.

Palavras-chave: Ensino de História. Memes. Governo Bolsonaro. Pandemia.

ABSTRACT

This study analyzes the use of digital memes as a didactic tool in History teaching, focusing on the political and social context of Jair Bolsonaro's government during the Covid-19 pandemic (2020–2022). The research is based on the understanding that memes, as cultural products and expressions of political humor, constitute historical sources capable of revealing perceptions, tensions, and disputes over memory in the present time. Drawing on a qualitative and interpretive approach, grounded in the fields of History of the Present Time, digital culture, and History education, the study seeks to understand how memes can be used to promote critical reflection on governmental discourse, the circulation of disinformation, and the construction of narratives about the health crisis. The work also includes an educational product: an e-book designed for History teachers to use with their students in the classroom, presenting strategies for analysis and pedagogical mediation based on concrete examples of memes produced during the period.

Keywords: History Teaching. Memes. Bolsonaro Government. Pandemic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 O FENÔMENO DOS MEMES NA CULTURA DIGITAL E NO ENSINO	15
1.1 As raízes conceituais: de Richard Dawkins à internet.....	15
1.2 Como nascem os memes? Origem, circulação e tipos na era digital.....	21
1.3 A infodemia e o campo disputado da comunicação digital	28
1.4 Desafios do ensino de história na era digital: O uso de memes em sala de aula	34
2. MEMES, HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E A GESTÃO DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO GOVERNO BOLSONARO	48
2.1 A pandemia no Brasil, a gestão Bolsonaro e a emergência dos memes	51
2.2 Memes e a memória coletiva da pandemia na gestão Bolsonaro	63
2.3 Humor, ironia e crítica social nos memes da pandemia	70
2.4 Entre a ciência e o caos: O negacionismo de Bolsonaro na gestão da crise sanitária	77
2.5 A historiografia do tempo presente e os desafios metodológicos de analisar memes como fonte histórica	90
3 MEMES COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE HISTÓRICA	96
3.1 Uso de memes em sala de aula: desafios e possibilidades	97
3.2 Entre o humor e a crítica: análise dos memes do governo Bolsonaro na pandemia.....	108
3.3 O papel do e-book na construção do conhecimento histórico	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	146

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa surgiu a partir de uma reflexão crítica sobre minha prática docente. Ao perceber a dispersão dos(as) alunos(as) durante as aulas e seu baixo rendimento, compreendi a necessidade de adotar metodologias que fossem além do uso do livro didático tradicional. Foi nesse contexto que identifiquei nos memes um recurso potencial para tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas. A estratégia mostrou-se eficaz: as conversas paralelas diminuíram significativamente, os(as) discentes passaram a demonstrar maior interesse pelos conteúdos e, como resultado, apresentaram um desempenho mais satisfatório nas avaliações.

Ao analisar os resultados positivos que essa prática proporcionou, percebi a importância de compartilhar a experiência com outros colegas de profissão. Durante essas conversas, tornou-se evidente que muitos desconheciam formas de utilizar esse recurso de maneira pedagógica em sala de aula. Diante disso, percebi a necessidade de desenvolver um trabalho que não apenas discuta o uso do meme como recurso didático no ensino de História, mas que também ofereça orientações práticas, por meio de um passo a passo, sobre como incorporá-lo de forma eficaz ao processo de ensino-aprendizagem. Além disso, considera-se que os memes também podem ser mobilizados como estratégia metodológica, especialmente quando os(as) estudantes são convidados(as) a produzi-los, sintetizando e reinterpretando conteúdos históricos. Nesse caso, o meme deixa de ser apenas fonte ou recurso e passa a integrar o próprio processo de construção do conhecimento.

A definição do recorte temático decorreu, inicialmente, da afinidade pessoal com o período da História do Brasil Republicano. No entanto, à medida que a pesquisa avançou, constatou-se a necessidade de delimitar de forma mais precisa o objeto de análise. Nesse sentido, estabeleceu-se como recorte o período em que o Brasil enfrentou o auge da pandemia Covid-19, sob o governo de Jair Messias Bolsonaro, de 2020 a 2022. Tal escolha fundamenta-se no fato de esse intervalo ter se configurado como um momento singular de intensificação das disputas políticas e narrativas no espaço público digital, e pela ampla produção e circulação de memes. Dados levantados pela consultoria Bites indicam que em 2020, Jair Bolsonaro foi o principal alvo de memes relacionados à política na internet brasileira, evidenciando a centralidade desse recurso comunicacional como forma de crítica, resistência e construção de sentidos em meio à crise sanitária.¹

¹ A empresa Bites analisa e interpreta dados com o objetivo de permitir que as decisões sejam tomadas dentro de um ambiente mais seguro, por meio de dados analisados por especialistas. Assim, com base em dados públicos do

Além disso, esse período foi atravessado por intensas disputas narrativas, nas quais se destacaram fenômenos como o negacionismo científico, a circulação massiva de desinformação e a utilização de recursos midiáticos, como os memes, tanto para a crítica quanto para a banalização da situação vivida. Embora se trate de um tema sensível, o seu estudo revela-se necessário, pois permite compreender a gravidade de como a condução inadequada das políticas públicas agravou a crise sanitária. Também possibilita registrar e analisar os posicionamentos políticos de caráter negacionista assumidos pelo governo em diversas ocasiões, de modo que tais práticas sejam lembradas criticamente, rejeitadas e combatidas, prevenindo a sua reprodução em contextos futuros.

Por se tratar de um tema recente, sensível e que envolve diretamente práticas adotadas por um governo específico, reconhecemos que alguns professores(as) possam demonstrar receio em abordá-lo em sala de aula. Tal hesitação pode estar relacionada tanto ao caráter ainda presente na memória social e política do país, quanto ao risco de interpretações equivocadas de que o trabalho pedagógico estaria assumindo uma posição partidária. Além disso, é importante destacar que, em sentido oposto, setores ligados à direita não demonstram o mesmo receio: ao contrário, têm produzido e difundido ativamente suas próprias narrativas sobre o período recente. Um exemplo significativo é o caso da produtora Brasil Paralelo, que com amplo financiamento, tem lançado documentários e materiais audiovisuais que circulam em diferentes espaços, inclusive alcançando escolas.

Nesse sentido, torna-se necessário compreender que a análise crítica desse período histórico não se reduz a uma disputa ideológica, mas se insere no compromisso ético e científico de problematizar fenômenos sociais relevantes, como o negacionismo, a desinformação e a gestão pública em contextos de crise.

No ensino de História os recursos didáticos são essenciais para ajudar no processo educativo, facilitando a compreensão de conceitos e de processos históricos. A atualização desses recursos se faz necessária para aproximar a realidade e vivência dos(as) alunos(as) à sala de aula. Como estamos inseridos na sociedade da tecnologia e da informação, os(as) discentes têm contato diário com a internet e as redes sociais. Por isso, é viável que o meme (uma das principais linguagens utilizadas das redes) seja associada ao ensino.

Na atualidade os memes têm ocupado um local de destaque na internet e consequentemente na vida das pessoas que a acessam. Eles podem e devem ser trazidos para o

Twitter, um levantamento realizado empresa examinou, entre 1º de janeiro de 2020 e o dia 28 de dezembro de 2020, o desempenho de publicações com conteúdo relacionado à política. Além disso, a empresa identificou quais foram os tweets em português que tiveram maior repercussão e compartilhamento.

campo educacional para ajudar na compreensão e interpretação dos assuntos. Assim, é fundamental o desenvolvimento de pesquisas que busquem recursos para aproximar o universo dos(as) jovens e a escola.

Os memes podem ser utilizados como fonte histórica, capazes de provocar reflexão e interpretação por parte dos(as) alunos(as), ao mesmo tempo em que dialogam com a linguagem e os repertórios culturais que eles já dominam. Essa metodologia também contribui significativamente para estimular os processos criativos, pois rompe com a lógica das aulas puramente expositivas, uma vez que além de exibir essas mídias digitais, o(a) professor(a) pode incentivar a criação autoral de memes com temáticas históricas, permitindo que os(as) estudantes participem ativamente da construção do conhecimento, indo além da simples memorização de conteúdos. Dessa forma, cria-se a possibilidade de romper com o modelo tradicional e verticalizado de ensino, em que o(a) professor(a) apenas transmite o saber e o(a) aluno(a) escuta passivamente. Promove-se assim, uma prática pedagógica centrada no protagonismo discente, favorecendo o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia intelectual.

A relação entre educação e cultura digital tem se tornado cada vez mais evidente no contexto contemporâneo, especialmente no campo do ensino de História. A emergência dos memes como linguagem social e política, amplamente disseminada nas redes sociais, transformou a maneira como os sujeitos interagem com os acontecimentos do presente e reconstróem o passado. Dessa forma, essa abordagem favorece uma maior aproximação entre o ensino e o ambiente virtual no qual os(as) estudantes já estão inseridos(as), promovendo um aumento da interação em sala de aula, maior engajamento e atenção durante as atividades. Com isso, o ensino de História torna-se mais significativo, despertando o interesse dos(as) jovens e conectando os conteúdos escolares às experiências cotidianas que eles vivenciam no mundo digital.

A coleta dos memes utilizados na elaboração deste trabalho foi realizada por meio da aba de pesquisa do Google imagens, na qual foi digitada a formulação textual “memes sobre o governo Bolsonaro durante a pandemia”, culminando na exposição de memes vinculados ao contexto referido. Além disso, utilizou-se a aba de pesquisa da rede social X (antigo Twitter). A escolha por essa plataforma justifica-se pela possibilidade de delimitar, em sua ferramenta de busca, o período em que as mídias foram publicadas, o que facilitou a seleção do recorte temporal de 2020 a 2022. Ademais, o recurso permite a inserção de palavras-chave,

possibilitando uma busca mais direcionada e precisa, o que contribuiu significativamente para a coleta dos memes analisados.

O corpus desta pesquisa foi constituído a partir de memes relacionados à pandemia de Covid-19 e ao governo Bolsonaro, coletados em plataformas digitais amplamente utilizadas no Brasil. Embora esses materiais circulem de forma difusa na internet, ferramentas como o Google desempenham papel fundamental na indexação e localização de conteúdos, enquanto redes sociais como o Twitter (atualmente denominado X) se configuram como espaços privilegiados de produção e circulação de discursos em tempo real. Nesse sentido, tais ambientes digitais não são apenas meios técnicos de acesso, mas espaços sociais nos quais se constroem e disputam narrativas sobre o presente.

Além disso, torna-se fundamental considerar o papel da imagem digital na construção de sentidos. Diferentemente das imagens tradicionais, as imagens digitais são produzidas, editadas e compartilhadas por meio de dispositivos tecnológicos, o que amplia significativamente sua circulação e capacidade de transformação. Conforme argumenta Flusser (2007), as imagens técnicas não apenas representam a realidade, mas participam ativamente da sua interpretação, orientando modos de ver e compreender o mundo. No caso dos memes, essa articulação entre imagem e texto intensifica a produção de sentidos, tornando-os objetos particularmente relevantes para a análise histórica do tempo presente.

É importante enfatizar que as redes online citadas acima não são neutras, uma vez que seu funcionamento está estruturado por interesses econômicos, lógicas algorítmicas e critérios de visibilidade que influenciam diretamente a circulação das informações. Como sugere Harari (2024), toda rede de informação articula poder e produção de verdade. O autor ao discutir historicamente como as redes informacionais “fizeram e desfizeram” o mundo, mostra que elas não apenas transmitem conteúdos, mas estruturam relações de autoridade, visibilidade e controle. Nessa ótica, as redes digitais contemporâneas devem ser compreendidas não como meios puramente técnicos e imparciais, mas como sistemas que hierarquizam conteúdos, orientam a atenção dos usuários e interferem naquilo que se torna mais acessível, relevante e confiável no espaço público.

O Google, enquanto mecanismo de busca, não apenas localiza conteúdos disponíveis na internet, mas os rastreia, indexa e hierarquiza segundo sistemas automatizados de classificação. Nesse sentido, o buscador não funciona como espelho imparcial da web, mas como uma instância de mediação que organiza a visibilidade das informações a partir de critérios próprios de relevância.

No entanto, reconhecer os limites do Google não impede seu uso como fonte de localização de material, ao contrário, exige um uso crítico e metodologicamente consciente. Sua utilização nesta pesquisa se justifica não por sua neutralidade, mas por capilaridade, alcance e centralidade na circulação de conteúdos digitais. Considerando que os memes circulam amplamente na internet e em diferentes plataformas, o buscador foi adotado como ferramenta de localização e mapeamento inicial desse material, não como instância neutra de validação. Assim, seu uso ocorreu de forma crítica e metodologicamente consciente, entendendo que os resultados encontrados não representam a totalidade da circulação dos memes, mas um recorte mediado por dinâmicas de indexação, relevância e visibilidade próprias do ambiente digital.

A presente pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro, intitulado *O fenômeno dos memes na cultura digital e no ensino*, apresentamos a trajetória do termo “meme”, evidenciando como sua concepção original foi ressignificada até ser incorporada ao universo digital para designar conteúdos da internet. Diferencia, ainda, memes e charges, ressaltando que, embora os primeiros tenham sua origem e circulação predominantemente nos ambientes digitais, sua linguagem ultrapassa o espaço virtual e se projeta no cotidiano social. Essa primeira seção também discute o impacto da infodemia durante a crise sanitária da Covid-19, bem como analisa os diferentes tipos de memes e seus processos de criação. Além disso, problematiza os desafios contemporâneos do ensino de História e os fundamentos que justificam a utilização de memes em sala de aula, destacando a relevância da consciência histórica dos(as) estudantes, a qual se forma não apenas no ambiente escolar. Por fim, o texto evidencia que a aplicação pedagógica de memes encontra respaldo legal em documentos normativos como a BNCC e a LDB.

Já o segundo capítulo, *Memes, história do tempo presente e a gestão da pandemia*, discute a História do Tempo Presente, abordando seus fundamentos, especificidades e desafios. Inicialmente, apresenta o conceito seu conceito, destacando suas diferenças em relação a outras áreas do conhecimento historiográfico, bem como as balizas temporais que a definem. Em seguida, analisa-se a relação entre essa área e a memória social, enfatizando a importância da preservação das fontes digitais e a centralidade da memória coletiva no contexto da pandemia da Covid-19. Nesse cenário, são examinadas tentativas de imposição de narrativas por parte do governo Bolsonaro e as disputas discursivas que emergiram, especialmente entre grupos que minimizaram a gravidade da crise sanitária. O texto também evidencia como as redes sociais se tornaram espaços de denúncia e crítica aos posicionamentos oficiais, ressaltando a relevância das chamadas “fontes não oficiais” para a pesquisa da História do Tempo Presente. Outro ponto

debatido é o papel do humor em contextos de tragédia, analisando suas manifestações durante a pandemia, ora como recurso de enfrentamento, ora como estratégia de legitimação ou crítica ao negacionismo. Por fim, o capítulo discute o conceito de negacionismo e demonstra como ele foi recorrentemente utilizado pelo governo como estratégia política, elencando momentos emblemáticos dessa prática.

Esta pesquisa não se limita à produção de um texto dissertativo, estendendo-se também à elaboração de um material didático voltado para o professor(a) utilizá-lo em sala de aula com os(as) discentes. Trata-se de um E-book, intitulado “Risos e Reflexões: Memes como ferramenta didática para estudo do Brasil Contemporâneo (2020-2022)”. O material reúne oito memes do referido período, acompanhados de análises acerca dos contextos em que foram publicados nas redes sociais, bem como de seções que abordam conceitualmente o que é um meme, seus principais tipos e os modos de interpretá-lo. É nesse sentido que o terceiro capítulo intitulado *Memes como Ferramenta de Análise Histórica*, discute e evidencia os desafios e as possibilidades do uso de memes em sala de aula. Além disso, apresenta de forma detalhada o E-book produzido, problematizando as razões pelas quais o ensino de História do Tempo Presente pode se beneficiar desse recurso. O capítulo também contempla uma análise específica dos memes relacionados ao governo Bolsonaro durante a pandemia, a fim de compreender como essas produções digitais se configuraram como instrumentos de crítica, memória e disputa narrativa.

1 O FENÔMENO DOS MEMES NA CULTURA DIGITAL E NO ENSINO

1.1 As raízes conceituais: de Richard Dawkins à internet

O termo meme foi inicialmente empregado no campo da genética pelo cientista Richard Dawkins em 1976, anteriormente ao processo de democratização da internet. Em sua obra denominada de *O Gene Egoísta*, o autor define o meme como uma unidade de transmissão cultural responsável pela propagação de comportamentos, estilos e símbolos de um indivíduo para outro, permitindo que ideias, comportamentos e práticas culturais se disseminem rapidamente, de maneira análoga à transmissão genética das características biológicas.

Dessa forma, Dawkins argumenta que os memes funcionam como replicadores culturais, disseminando-se por meio da imitação. Assim como os genes estão sujeitos à seleção natural, os memes passam por um processo de seleção cultural: aqueles mais eficazes em se

espalhar e persistir são preservados, enquanto outros caem no esquecimento e deixam de existir (Dawkins, 1976). Em suma, como bem destacado pelo pesquisador Viktor Chagas (2021, p. 2): “é como se os memes fossem os genes da cultura”. Ou seja, se um gene transmite informações de características hereditárias, o meme transmite informações culturais, que carregam ideias, comportamentos e símbolos que as pessoas copiam e repassam umas às outras.

A partir disso, torna-se perceptível que o termo meme não é originário do meio virtual, pois apenas posteriormente à sua criação, com o advento da internet, é que essa nomenclatura passou a ser amplamente utilizada no ambiente digital, especialmente nas redes sociais. Ainda que seja difícil determinar com exatidão quando os conteúdos que circulam na internet passaram a ser reconhecidos como memes, é possível afirmar que essa terminologia passou por um processo gradual de reapropriação até adquirir o sentido que possui atualmente.

Já na década de 1990, tornou-se comum referir-se aos memes como piadas, trocadilhos e outras formas de conteúdos virais que rapidamente se espalhavam pelos fóruns de discussão online (Chagas, 2021). Um evento significativo ao longo desse processo foi, em 1998, a criação do site Memepool por Joshua Schachter, que funcionava como um agregador de links virais². Nesse sentido, o uso do termo “virais” se consolidou na internet como uma forma de se referir a um material altamente replicável e de grande alcance no meio digital. Com base nisso, Vitória (2019, p. 33), aponta que somente a partir de 2012 que a palavra meme se consolidou como uma definição para conteúdos viralizados na internet. Assim como na definição original, os memes digitais se espalham rapidamente, mas agora por meio de imagens, vídeos ou frases, adquirindo diferentes formatos conforme são adaptados e compartilhados pelas pessoas.

Percebe-se que o conceito de meme evoluiu ao longo do tempo, expandindo-se para um novo campo (o digital) e respondendo às mudanças sociais provocadas pelo meio *online*. No entanto, certos elementos de sua definição permaneceram estáveis, como o fato de continuar representando algo que se replica e se propaga culturalmente. Essa transformação reforça a argumentação do historiador e teórico alemão Reinhart Koselleck (2006), que defende que os conceitos não são estáticos, mas sim mutáveis, evoluindo conforme as sociedades se transformam.

Koselleck (2006) enfatiza que os conceitos históricos são constantemente reinterpretados e recebem novos significados ao longo do tempo, refletindo as experiências e expectativas das sociedades. De maneira semelhante, os memes contemporâneos não se limitam a operar como unidades de replicação cultural, mas atuam ativamente na construção de sentidos

² Conteúdos amplamente compartilhados e que ganhavam destaque entre o público que utilizava a rede.

sobre acontecimentos históricos e sociais. Nesse processo, não apenas reinterpretam eventos, mas também os reconfiguram, articulando linguagem, contexto e recepção em uma dinâmica contínua de produção de significados.

Além disso, é fundamental considerar que grande parte dos memes se estrutura a partir da articulação entre imagem e texto. Nesse sentido, as reflexões de Flusser (2007) contribuem para compreender que as imagens, especialmente no ambiente digital, não devem ser entendidas como elementos passivos, mas como formas de mediação que orientam modos de ver e interpretar o mundo. Nos memes, essa dimensão visual intensifica a produção de sentidos, pois as imagens não apenas ilustram conteúdos, mas participam diretamente da construção das narrativas que circulam nas redes.

Nesse sentido, a dinâmica dos memes de internet reflete essa transformação conceitual. O que antes era compreendido por Dawkins como uma unidade de replicação cultural encontra, no ambiente digital, um novo espaço de propagação, mantendo sua essência, mas adquirindo características próprias da era da informação.

Dado o exposto, surge a indagação de por que, anos mais tarde, o termo proposto por Dawkins passou a ser adotado por usuários do meio digital para nomear conteúdos virais na internet? Para responder essa indagação, Chagas (2021, p.7) aponta que

O fato de que as abordagens sobre o conceito de meme se concentraram em tentar compreender como a informação era passada adiante, somado ao modo como o termo teve ampla aceitação nos meios de divulgação científica desde a sua origem, ajuda a explicar as razões por que, anos depois, entusiastas das tecnologias digitais se apropriaram dessa mesma categoria para designar os conteúdos materiais que compartilhavam.

A maneira como seu significado foi ressignificado nas últimas décadas contribuiu para legitimar o meme de internet como uma linguagem própria da cultura digital, marcada por sua capacidade de rápida disseminação, adaptação e apropriação coletiva.

Davison (2020, *apud* Chagas, 2021, p.10), destaca que “o meme de internet é uma peça ou conteúdo cultural, tipicamente uma piada, que ganha influência a partir de sua transmissão online.” Contudo, é importante enfatizar que o humor não é um elemento obrigatório nessa mídia social, visto que nem todos possuem essa característica. A piada não é um ingrediente essencial nesse tipo de mídia, pois o que a define é a capacidade de transmitir uma ideia cultural de forma replicável, seja ela engraçada, crítica, reflexiva, política ou informativa. Assim, o foco está em sua replicação cultural e não necessariamente na intenção cômica.

Candido e Gomes (2015, p.1295) apontam que “Um meme é em resumo, qualquer conceito propagado através da internet, independentemente da forma, podendo ser, por

exemplo, uma imagem, um vídeo, um áudio ou até mesmo uma palavra ou uma frase”. Nesse sentido, apesar de grande parte dessas mídias digitais estarem inseridas no ambiente virtual no modelo de imagem/foto, ele não está restrito a um único formato visual, pois pode assumir diversos modelos de linguagem e mídia, desde elementos visuais até textuais e sonoros.

Nessa perspectiva de linguagem, Marcuschi (2004) destaca que quando surgem essas novas mídias é comum que surjam novas formas de linguagem, mas elas não são propriamente novas. Muitas vezes representam reconfigurações de práticas discursivas já existentes, adaptadas aos novos suportes e tecnologias. Mesmo que as mídias digitais abram espaço para diferentes formas de expressão, frequentemente possuem raízes em gêneros tradicionais, sendo adaptações ou evolução desses. Essa ótica é fundamental para compreender que as inovações nas formas de comunicação digital não estão ligadas necessariamente a criação de linguagens inéditas, mas sim a transformação e ressignificação de práticas comunicativas já conhecidas. Um exemplo disso é a relação estreita entre charge e memes.

As primeiras aparições das charges ocorreram nos meios impressos de comunicação que faziam/fazem o uso dessa linguagem como uma ferramenta de crítica política e social, utilizando-se do humor e da ironia, com o poder de provocar uma reflexão no leitor. Nessa perspectiva, segundo Romualdo (2000, *apud* Barbosa, 2019, p. 65),

as charges tiveram sua origem em jornais impressos com a função de não apenas reproduzir, mas construir de forma ficcional acontecimentos das manchetes ou dos cadernos políticos, ou seja, o diálogo com o atual por meio da intertextualidade faz parte de sua essência.

Os memes possuem essas mesmas características de diálogo com a atualidade, utilizando-se desse hibridismo textual para criar (em alguns casos) crítica a acontecimentos políticos. De maneira análoga, Barbosa (2019, p.64), afirma que “existem pontos em comum nos seus mecanismos de produção, principalmente nas relações intertextuais que constituem o humor desses textos”. Na produção dos memes tem sido cada vez mais observável um “diálogo com o atual e o cunho crítico dado pela intertextualidade com um contexto político muito presente em charges” (Barbosa, 2019, p.69).

Diante do exposto e considerando a perspectiva de Marcuschi (2004) (já citada anteriormente), podemos afirmar que os memes são reconfigurações de uma prática discursiva já existente (as charges), adaptados aos novos suportes e tecnologias. Contudo, mesmo uma sendo reconfiguração de outra linguagem, é importante compreender quais pontos divergem entre ambas.

Há alguns anos, poderíamos afirmar que uma discrepância entre as duas seria o meio de circulação: as charges em jornais impressos e os memes no meio cibernético. Entretanto, com a migração dos jornais impressos para o meio digital, as charges foram inseridas no ambiente da internet, mas sem perder suas características originais, acrescentando-se a partir de então uma particularidade: seus criadores não necessariamente precisam de páginas de jornais para divulgá-las e torná-las acessível ao grande público. Atualmente, embora muitos chargistas publiquem em veículos de imprensa, também utilizam seus próprios perfis nas redes sociais para divulgar conteúdos. Nesse ambiente digital, as charges passam a disputar atenção com outros formatos visuais e, assim como os memes, buscam alcançar viralização e engajamento, sendo compartilhadas amplamente por seu apelo crítico, humorístico ou emocional.

Diante das similaridades dessas duas linguagens, concordamos com o pensamento de Rocha (2017, p. 14), ao afirmar que:

No caso das charges, em termos de conteúdo político espera-se também a crítica por meio do humor, da sátira, mas é um gênero textual que requer habilidades artísticas na produção dos traços, diferentemente dos memes, que são rapidamente produzidos através do uso de programas de computador facilmente disponíveis. E além disso, não possuem um compromisso com a qualidade ‘artística’.

Essa observação permite compreender a diferença estrutural entre os dois gêneros, especialmente no que diz respeito aos recursos técnicos e ao compromisso estético envolvido. As charges, por um lado, exigem habilidades artísticas específicas e apresentam uma produção original, não passível de replicação ou adaptação direta a outros contextos. Já os memes se consolidam como produções digitais espontâneas e acessíveis, cuja força está na rapidez de replicação, circulação e na simplicidade visual. Essa comparação pode ser observada nas Figuras 1 e 2.

Figura 1 – Charge de Bolsonaro sem pressa para comprar vacina.



Fonte: Borges, Altamiro (2020)

Figura 2 – Meme recusa inicial de vacinas pelo governo brasileiro.



Fonte: Poder 360 (2021)³

As Figuras 1 e 2 fazem referência ao mesmo contexto: o momento no qual o governo do presidente Jair Bolsonaro, sob gestão da pandemia da Covid-19, negligenciava a gravidade da pandemia e a compra de vacinas⁴. Na Figura 1, o presidente está descansando em uma cadeira, apoiando os pés em um esqueleto, que faz alusão às mortes causadas pelo vírus. Na charge, Bolsonaro afirma “Tô sem pressa para comprar vacina”. Do outro lado, sentado em uma

³ Imagem disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/carlos-bolsonaro-participa-de-reuniao-sobre-compra-de-vacina-e-vira-meme/> Acesso em: 30 de maio de 2025.

⁴ Este contexto será analisado com maior profundidade nos Capítulos 2 e 3. Neste momento, as imagens apresentadas têm apenas o propósito de exemplificar as diferenças entre charges e memes.

cadeira, o vírus aparece 'lanchando' cloroquina (medicamento amplamente defendido pelo presidente como cura da Covid-19, mesmo sem comprovação científica e com diversas contraindicações ao seu uso) e responde: “Eu também tô de boa”.

Na Figura 2, observa-se Jair Bolsonaro em uma postura tranquila ao lado de seu filho, Carlos Bolsonaro (que, na época, exercia o cargo vereador do município do Rio de Janeiro), onde ele está mostrando algo no celular ao pai. Em cima da foto foi inserida a descrição: “exato momento em que o Brasil rejeitou 70 milhões de vacinas Pfizer”, fazendo referência à negligência do presidente ao ignorar os e-mails enviados pela empresa multinacional com ofertas de vacinas.

Ambas as produções abordam o mesmo contexto político por meio da intertextualidade. Todavia, a charge revela um caráter mais artístico, construído a partir de ilustrações autorais e recursos como balões de fala. Por sua vez, o meme se limita (neste caso) a uma fotografia com legenda sobreposta de maneira amadora, marcada por uma simplicidade visual que exemplifica, com precisão, o que foi apontado por Rocha (2017, p. 14), conforme citado anteriormente.

De maneira geral, os memes podem ser compreendidos como manifestações típicas da cultura digital. Essa cultura pode ser entendida, conforme Oliveira (2019), como um conjunto de práticas, linguagens e formas de sociabilidade mediadas por tecnologias digitais, nas quais a produção, circulação e consumo de informações ocorrem de maneira descentralizada e interativa. Nesse contexto, os memes se configuram como mídias que circulam rapidamente nas redes sociais, caracterizando-se por sua estrutura flexível, podendo assumir formatos diversos (como imagens, vídeos ou textos), com ou sem apelo humorístico, e sem necessariamente apresentar refinamento estético ou compromisso com a qualidade artística. Nesse sentido, eles se diferenciam das charges, linguagem que existe há mais tempo e cuja intenção crítica e cômica converge, muitas vezes, com a do meme.

Dando continuidade à discussão sobre os memes e suas diversas funções não só no ambiente digital, mas também fora dele, no próximo subtópico será realizada uma análise sobre a origem, tipos e as formas como essas mídias circulam nas redes sociais.

1.2 Como nascem os memes? Origem, circulação e tipos na era digital

Os memes surgem a partir de eventos ou circunstâncias da vida cotidiana. Nesse sentido, Fontanella (2009, p.3 *apud* Horta, 2015, p.15), destaca que eles

podem surgir das mais variadas formas, desde um fato marcante até mesmo uma simples fotografia de um artista conhecido. A ideia trazida por eles é facilmente compreendida por aqueles que estão inseridos no ambiente comunicacional dos meios digitais.

As características citadas por Fontanella (2009), demonstram que esse tipo mídia digital funciona como uma linguagem rápida e acessível, transmitindo mensagens de forma quase instantânea. Contudo, ela não é compreendida apenas por aqueles que estão inseridos no meio virtual, pois mesmo sem ter acesso ao espaço *online*, a compreensão pode ser alcançada e até mesmo facilitada, uma vez que o conteúdo visual tem o poder de despertar a atenção e proporcionar uma compreensão mais lúdica do conteúdo.

Segundo Verón (2004, apud Dalmolin et al., 2024, p. 182), os memes são construídos por meio de operações de recorte, combinação e reenquadramento, frequentemente associadas às práticas de mix e remix. No entanto, essas operações não se limitam a um processo técnico de reorganização de conteúdos, mas envolvem a atuação ativa dos sujeitos na produção de sentidos. No contexto das redes sociais, os usuários não apenas recebem informações, mas as reinterpretam, ressignificam e as reinscrevem em novos circuitos de circulação, atribuindo-lhes novos significados e intencionalidades. Assim, a intertextualidade e a criatividade próprias dessa mídia permitem que conteúdos previamente conhecidos sejam continuamente transformados por meio do humor, da crítica e da ironia.

Outro aspecto relevante é que os memes representam um modo de comunicação que envolve tanto adultos quanto jovens, como destacam Candido e Gomes (2015, p.1299):

No caso dos memes, observamos uma comunidade integrada geralmente por jovens e adultos que expressam situações do cotidiano de maneira cômica, utilizando a internet, ou seja, essas novas formas de linguagem são produzidas e propagadas no ciberespaço, podendo se expandir para outros espaços e até mesmo outros grupos.

Desse modo, é possível que essa mídia digital transcenda para a sala de aula e ultrapasse o ambiente do digital para o real. Em complemento, Candido e Gomes (2015, 2015, p.1301) reforçam essa ideia ao afirmarem: “Embora sempre nos referirmos à internet já que esta seria o berço dessa linguagem por assim dizer, a linguagem dos memes não se restringe a este ambiente, pois como toda linguagem, ela não é bitolada nem restrita”. Prova disso é a presença desse tipo de conteúdo em mídias impressas, publicidade e marketing offline, produtos e embalagens – como camiseta e canecas (Figura 3), programas de tv, entre outros espaços.

Figura 3 – Camisa meme.



Fonte: Mega Festas, 2025⁵.

A camiseta exibida apresenta a estampa de um meme personalizado, com a imagem de uma figura masculina adornada por elementos gráficos caricatos (como uma coroa, óculos e gravata borboleta), acompanhada da frase "Saudade do que a gente ainda não viveu", uma expressão popular amplamente difundida nas redes sociais. Ao inserir a imagem e o texto juntos, a estampa combina humor visual (pela montagem propositalmente exagerada) e humor verbal (pela frase irônica), preservando o formato típico de um meme digital, mas transportando-o para um suporte físico: a camiseta.

Esse exemplo evidencia que a linguagem dos memes extrapola os limites da internet e migra para produtos comercializados, transformando-se em peça de consumo que carrega não apenas uma função estética, mas também um valor simbólico ligado à cultura digital.

Nesse sentido, a comunicação e as formas de expressões envolvida nos memes excedem para além do meio virtual, pois a linguagem presente neles tende a se consolidar até mesmo como bordões que as pessoas utilizam no cotidiano. Uma demonstração prática desse fenômeno é o meme "é sobre isso... E tá tudo bem". A princípio, o uso dessa expressão era empregue nas redes sociais de maneira sincera (no real sentido da frase), principalmente em postagens motivacionais. Entretanto, com o tempo, ela passou a ser usada de maneira irônica. Seu surgimento nas redes sociais foi por volta de 2020, e é utilizada desde então em diversos contextos como uma fala sarcástica, engraçada e até conformada de situações do dia a dia que deveriam ser problematizadas, mas que são simplesmente aceitas ou resumidas de maneira

⁵ Camisa estampada com meme disponível em: <https://www.megafestas.com.br/p-11194173-Camisa-Meme>. Acesso em: 20 de jul. de 2025.

superficial. É uma reação extremamente positiva ou conformada diante de situações que na prática, muitas vezes não estavam "tudo bem", como podemos observar na Figura 4:

Figura 4- Exemplo do meme “é sobre isso e tá tudo bem”



Fonte: Rodrigues, Edila. É sobre isso e tá tudo bem. 2021.

Na Figura 4 observa-se o anúncio de aluguel de uma casa que é pequena e está em condições estruturais precárias. Na área externa da residência há um tanque com água, descrito pelo anunciante como uma piscina, na qual cabem 15 pessoas; e ainda ironiza: “1 dentro e 14 fora”. Uma usuária da rede social compartilhou o anúncio escrevendo a frase “é sobre isso e tá tudo bem”, de maneira evidentemente irônica, uma vez que a situação retratada demonstra sérias limitações e não condiz com a normalidade sugerida pela frase.

Essa expressão transcendeu o ambiente do digital para o real, sendo frequentemente utilizada por diversas pessoas (principalmente jovens) em conversas, com o mesmo viés irônico de dizer que “está tudo bem”, quando, na verdade, não está. Além da presença em conversas

orais, transformou-se também em produtos comercializados, tendo canecas, camisas, tapetes e diversos outros objetos sendo vendidos com a frase estampada, reforçando sua popularização como um símbolo de humor conformado diante das adversidades cotidianas. Ademias, no contexto da Covid-19, essa expressão foi utilizada em larga escala nas redes sociais, com o mesmo viés irônico, criticando a péssima postura do governo Bolsonaro diante do surto mundial e destacando a discrepância entre a realidade e as afirmações do presidente.

Outra demonstração clara de uma linguagem dos memes que rompeu os limites do digital para o mundo real é o meme *Troll*, personificado por uma figura amplamente reconhecida, associado a atitudes que visam enganar, irritar ou frustrar outras pessoas, geralmente de forma proposital (Figura 5). Dessa prática surgiu o verbo “trolar”, incorporado ao vocabulário cotidiano de muitos grupos. Não é raro ouvir expressões como “fulano vai aprontar uma trolagem”, “isso foi uma trolagem” ou ainda “ele está me trolando” (Candido; Gomes, 2015).

Por isso, é um exemplo expressivo de uma linguagem que emerge no contexto da cibercultura e se projeta para além dos ambientes digitais, interferindo diretamente nas práticas sociais. Conforme Lévy (1999), a cibercultura diz respeito ao conjunto de técnicas, práticas e valores que se desenvolvem com a expansão do ciberespaço, reconfigurando formas de comunicação, sociabilidade e produção de sentido. Nesse sentido, os memes ilustram como elementos oriundos do ambiente digital não permanecem restritos a ele, mas passam a influenciar comportamentos, discursos e modos de interação na vida cotidiana.

Figura 5 – Exemplo do meme Troll.



Fonte: Memedroid (2012).

Troll é o rosto que aparece no primeiro quadrinho da Figura 5, faz parte de um estilo de meme denominado de *Rage Comic*⁶. Ele circula na rede com um sorriso debochado (como pode ser observado na imagem) e é comumente usado para indicar que uma pessoa foi alvo de uma trollagem ou foi enganada.

Embora a Figura 5 tenha uma configuração muito parecida com o que nós conhecemos como quadrinhos, ela é na verdade um dos diversos estilos de memes presentes na internet. Esse em específico é denominado de *Rage Comic* e, possui algumas características que divergem daquela linguagem como, por exemplo, o fato dessa mídia não possuir necessariamente um autor conhecido, como bem destacado por Luiz (2012, p.7): “Ao contrário das histórias em quadrinhos, as rage comic não tem um autor conhecido, ou seja, seus criadores não são conhecidos ou divulgados”.

Outro fator de divergência que merece destaque é a mutação, que “consiste no fato de que um mesmo personagem pode apresentar diferentes rage faces numa mesma tirinha” (Candido; Gomes, 2015, p. 1297). Esse aspecto pode ser observado na Figura 6, na qual um mesmo personagem aparece no início de uma história com um rosto e no final, este mesmo personagem aparece com um outro rosto, significando apenas a mudança do seu estado emocional, e não outro personagem.

Figura 6 - Exemplo de mutação de uma *rage face*



Fonte: Tirinhas de Troll Face (2011)

⁶ São tirinhas curtas que utilizam rostos caricatos, chamados de rage faces, para representar emoções com um tom cômico, como pode ser observado na Figura 4 e 5.

A expressão *rage faces* podem ser compreendida como “rostos enfurecidos”, referindo-se, de maneira mais específica, à representação visual de expressões faciais que comunicam emoções intensas. No entanto, nem todas as imagens associadas a esse formato se restringem à raiva ou irritação, como destacado por Luiz (2012, p. 2), ao afirmar que as *rage faces* não são necessariamente rostos demonstrando raiva, mas podem corresponder a diferentes tipos de ilustrações criadas e propagadas na internet para representar emoções ou estados de espírito.

Além disso, as histórias em quadrinhos possuem balões de conversa, que interpretam não somente a fala, mas ruídos, sons e possuem desenhos elaborados, o que não é observado nas Rage Comics, que possuem um caráter mais amador e um traço mais grotesco.

O aspecto amador citado anteriormente, é algo que pode ser observado em outros tipos de memes, como os imagéticos⁷, uma vez que as montagens fotográficas para construí-los não exigem um caráter realístico para que sejam entendidos e interpretados. Nesse sentido, Dalmolin *et al.* (2024, p.187) enfatizam que “uma característica muito presente nos memes é a simplicidade das montagens e desenhos, presentes na origem do fenômeno, com os chamados rage comics”. Todavia, a característica citada não diminui a força e o impacto da mensagem transmitida por essa mídia social, pois na verdade esse elemento contribui para que essa mídia digital seja amplamente explorada na atualidade para difundir ideias políticas, uma vez que o apelo para o amador dialoga fortemente com a tentativa de estabelecer uma comunicação com as camadas mais populares. Trata-se de uma linguagem simples, justamente para alcançar e ser interpretada pela maior parte da população. Essa construção comunicativa, marcada pela simplicidade e adaptabilidade, contribui para a ampla circulação dos memes nas mais diversas esferas sociais, como destaca Barbosa (2019, p.69)

Hoje em dia, os memes circulam livremente em todas as esferas de comunicação, característica ligada ao fato de a internet ser um universo em que elas se sobrepõem. Isso permite que o meme assuma formatos diversos, entre eles, vídeos, frases, capturas de tela de posts em redes sociais e muitos outros.

Desse modo, fica evidente a versatilidade dessa mídia digital e a capacidade de se adaptar a diferentes assuntos comunicacionais. Diante do exposto, neste estudo consideramos um tipo particular de meme: os imagéticos, caracterizados pela articulação entre elementos visuais e textuais provenientes de diferentes contextos comunicacionais. Esse é um tipo de

⁷ São memes que combinam imagens e textos verbais que foram tirados de outros contextos e os adequam a uma nova temática, criando uma nova unidade de sentido.

memes cuja principal forma de expressão é a visual, ou seja, ele se constrói prioritariamente por meio de imagens como fotografias, ilustrações, capturas de tela, montagens ou combinações desses elementos, podendo ou não incluir texto. Por utilizar imagens marcantes ou familiares, é facilmente identificado e compartilhado.

1.2 A infodemia e o campo disputado da comunicação digital

A pandemia de Covid-19 trouxe à tona a expressão infodemia, utilizada pela Organização Mundial da Saúde para definir a disseminação acelerada de informações, muitas vezes imprecisas, que dificultam respostas eficazes em crises sanitárias. No Brasil, esse fenômeno adquiriu contornos particularmente graves em razão da combinação entre a polarização política e a atuação deliberada de agentes que exploraram o ambiente digital para difundir desinformação. Soares et al. (2023) destacam que a infodemia não pode ser vista apenas como um efeito colateral do medo coletivo, mas como estratégia de disputa narrativa por parte de setores do poder.

A infodemia brasileira se alimentou de múltiplas fontes, incluindo canais oficiais de comunicação do governo, redes pessoais de autoridades políticas e grupos privados em plataformas como WhatsApp e Telegram. Miskolci (2021) observa que a arquitetura técnica dessas plataformas, marcada pela criptografia e pelo alcance viral, contribuiu decisivamente para a circulação de conteúdos sem qualquer checagem. Nesse contexto, os limites entre notícia, opinião e boato tornaram-se cada vez mais tênues.

A lógica algorítmica das redes sociais potencializou a propagação de desinformação, pois conteúdos que evocam indignação e medo tendem a ter maior engajamento. Estudos como os de Penteado et al. (2022) demonstram que a retórica negacionista encontrou um terreno fértil nesses ambientes digitais, onde a reprodução incessante de mensagens favorecia a formação de crenças equivocadas sobre a pandemia. Essa dinâmica produziu bolhas informacionais resistentes a qualquer tentativa de contestação racional.

Um exemplo emblemático desse processo foi a disseminação de teorias conspiratórias sobre a origem do vírus. Narrativas que atribuíam à Covid-19 o status de “arma biológica chinesa” circularam com intensidade nos primeiros meses de 2020, reforçando discursos nacionalistas e desconfiados em relação à comunidade científica internacional. Um estudo realizado nos Estados Unidos pelo Centro de Políticas Públicas Annenberg da Universidade da

Pensilvânia⁸ revelou que em julho de 2020, cerca de 37% da população do país acreditava em um boato de que o governo chinês criou o coronavírus como uma arma biológica. Essas versões, embora desmentidas por especialistas⁹, continuaram a reverberar nos grupos bolsonaristas como evidência de uma suposta ameaça global.

A compreensão desse ambiente digital pode ser aprofundada a partir das reflexões de Byung-Chul Han (2022), que analisa a sociedade contemporânea a partir do excesso de informação e da dissolução de critérios estáveis de verdade. Para o autor, a superabundância informacional não produz necessariamente esclarecimento, mas pode gerar desorientação, fragmentação e dificuldade de construção de consensos, configurando um cenário em que diferentes narrativas disputam legitimidade em condições desiguais. Esse quadro ajuda a compreender por que, durante a pandemia, informações falsas ou distorcidas encontraram ampla circulação e adesão social.

Além disso, a análise das dinâmicas comunicacionais digitais exige considerar o papel das imagens nesse processo. Vilém Flusser (2007) argumenta que as imagens técnicas, produzidas por dispositivos digitais, não apenas representam a realidade, mas a reconfiguram, orientando modos de percepção e interpretação. No contexto dos memes, essa dimensão é ainda mais evidente, pois a articulação entre imagem e texto produz sentidos sintéticos, rápidos e altamente compartilháveis. Assim, compreender a infodemia também implica analisar como essas imagens operam na construção de narrativas e na disputa por significados no espaço público digital.

Outro aspecto notável foi a proliferação de mensagens que minimizavam a necessidade de isolamento social, apresentando supostas estatísticas alternativas que indicariam baixa letalidade do vírus. Ortega (2021) aponta que essa prática se inseriu em uma estratégia mais ampla de produção de incerteza, que confundia a população e reduzia a capacidade de adesão a políticas públicas de contenção da pandemia. Um estudo da Harvard Misinformation Review¹⁰ apontou que, no início da pandemia (março–abril de 2020), muitas mensagens de WhatsApp

⁸ Estudo disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S027795362030575X?via%3Dihub#bib10>. Acesso em: 29 de jul. de 2025.

⁹ Um artigo de David *et al.* enfatizava já em fevereiro de 2020: “os cientistas nos dizem que o SARS-CoV-2 não escapou de um frasco: as sequências de RNA se assemelham muito às dos vírus que circulam silenciosamente em morcegos, e as informações epidemiológicas implicam um vírus de origem de morcego infectando espécies animais não identificadas vendidas nos mercados de animais vivos da China” (David *et al.*, 2020, p.1293). Além disso, um estudo dos cientistas Andersen *et al.*, denominado de “A origem proximal do SARS-CoV-2”, publicado em março de 2020, comprovava que o vírus não havia surgido por meio da manipulação laboratorial.

¹⁰ Estudo disponível em: <https://misinforeview.hks.harvard.edu/article/research-note-bolsonaros-firehose-how-covid-19-disinformation-on-whatsapp-was-used-to-fight-a-government-political-crisis-in-brazil/>?. Acesso em: 29 de jul. de 2025.

enquadravam a Covid-19 como um tema político, minimizando sua seriedade e favorecendo discursos alinhados ao governo Bolsonaro¹¹. Assim, segundo a pesquisa, as *fakes news* no WhatsApp estavam relacionadas ao discurso político de extrema direita e tratou as questões da pandemia como uma questão política e não como uma questão de saúde pública.

O fenômeno da infodemia expôs também o déficit de letramento midiático na sociedade brasileira. Muitos cidadãos não possuíam ferramentas para avaliar a confiabilidade de conteúdos compartilhados em seus círculos de amizade (ou quando possuíam essas ferramentas como smartphones e acesso à internet, não necessariamente sabiam utilizá-las para verificar a veracidade de informações). A desinformação se tornou um fenômeno socialmente enraizado, associado a práticas cotidianas de sociabilidade digital e reforçado pelo sentimento de pertencimento a comunidades virtuais.

A atuação de influenciadores digitais e figuras públicas que endossaram discursos negacionistas ampliou o alcance da infodemia. Alguns deles, mesmo que não fosse diretamente com palavras, reforçavam condutas negacionistas a partir de sua postura, como por exemplo, desrespeitar medidas de distanciamento social e promover/participar de festas. Segundo a Forbes¹², em maio de 2020, a influenciadora digital Gabriela Pugliesi, publicou storys de uma festa realizada em sua residência, onde estavam presentes diversos amigos, comportamento totalmente contrário às recomendações de distanciamento social da OMS para aquele momento. Com essa conduta, a influenciadora reforçava, mesmo que de forma indireta, práticas negacionistas que minimizavam a gravidade da pandemia.

Outras figuras públicas criticavam publicamente as medidas para conter o avanço do coronavírus, como por exemplo o apresentador da TV Alterosa: Stanley Gusman, que em junho de 2020 chegou a declarar no programa Alterosa Alerta que não permitiria ter sua temperatura verificada na porta de estabelecimentos comerciais, alegando que um estudo havia determinado que os termômetros infravermelhos causariam danos ao cérebro.¹³ Além disso, o apresentador publicou em suas redes sociais um vídeo no qual o prefeito de Belo Horizonte fazia um alerta à população para que tivessem cuidado com as festas de fim de ano e mantivessem o isolamento

¹¹ Por diversas vezes o presidente adotou uma postura negacionista durante a pandemia. Esses posicionamentos do governo frente à crise sanitária serão tratados com mais profundidade no próximo capítulo.

¹² Disponível em: <https://forbes.com.br/principal/2020/05/festa-durante-isolamento-pode-ter-causado-prejuizos-de-r-3-milhoes-a-gabriela-pugliesi/>. Acesso em: 29 de jul. de 2025.

¹³ Vídeo do apresentador afirmando que os termômetros infravermelhos utilizados para medir a temperatura durante a pandemia, causavam danos ao cérebro, disponível em: https://as.com/diarioas/2021/01/12/actualidad/1610462955_673800.html?. Acesso em: 29 de jul. de 2025.

social para não ocasionar a morte de pessoas da família. Na descrição do vídeo, Gusman escreveu:

Eu não vou matar meus pais. Não tem ninguém nesse mundo que me impeça de olhar nos olhos dos meus pais e dizer a eles: Eu amo vcs! Vou buscar um diploma que meu herói (pai) guarda na parede da sala da nossa inviolável residência #Dia22VaiSerGigante e ninguém vai me impedir” (Gusman, 2020).¹⁴

Com postagens e falas como essa, o apresentador foi diversas vezes de encontro a medidas que pretendiam conter o avanço do vírus. Ao utilizar a hashtag #Dia22VaiSerGigante, ele convocava seus seguidores a participarem de manifestações presenciais que iriam ocorrer em diversas cidades do Brasil contra medidas sanitárias. Gatti (2020) observa que a autoridade simbólica desses comunicadores reforçava a percepção de que medidas sanitárias, seriam desnecessárias ou motivadas por interesses escusos. Esse processo contribuiu para desmobilizar esforços coletivos de prevenção.

No plano institucional, as agências de checagem de fatos tentaram criar mecanismos de contenção da desinformação, mas encontraram limites diante do volume e da velocidade com que conteúdos circulavam. Santos (2022) observa que o esforço de verificação, embora importante, não conseguiu reverter o efeito cumulativo da repetição, que consolidou convicções resistentes a qualquer desmentido.

A polarização política intensificou a dinâmica de hostilidade contra especialistas em saúde pública. Ventura (2021) sustenta que o discurso oficial, ao qualificar recomendações médicas como “histeria” ou “exagero”, legitimizou a perseguição simbólica a cientistas e jornalistas. Essa postura não apenas comprometeu o debate público, mas também fomentou negacionistas.

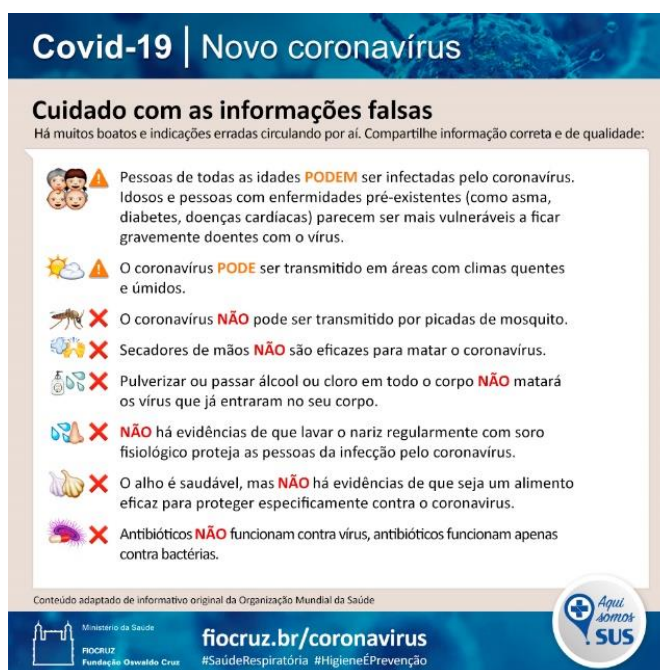
É importante observar que a desinformação não foi um fenômeno puramente difuso ou espontâneo. A circulação de conteúdos falsos frequentemente estava articulada a estratégias políticas que buscavam enfraquecer instituições e consolidar uma base social coesa em torno de lideranças carismáticas. Essa perspectiva permite compreender a infodemia como uma modalidade contemporânea de luta pelo poder.

¹⁴ Vídeo disponível em:

https://x.com/StamleyGusmantv/status/1340067404349644802?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetemb ed%7Ctwterm%5E1340067404349644802%7Ctwgr%5E9faec4e616c56608bcffc2e6cc8e3e44f78dcff3%7Ctwco n%5Esl_&ref_url=https%3A%2F%2Fbrasil.elpais.com%2Fbrasil%2F2021-01-11%2Fo-apresentador-bolsonarista-que-desdenhava-da-pandemia-e-morreu-por-covid-19.html. Acesso em: 29 de jul. de 2025.

Essa relativização do conhecimento científico configurara, segundo Ortega (2021), um processo de corrosão da confiança pública que tende a se prolongar para além da pandemia, pois a crise de credibilidade institucional representa um desafio para democracias que dependem de consensos mínimos sobre fatos verificáveis. Ao mesmo tempo, surgiram iniciativas de resistência que buscaram contrapor a infodemia com campanhas educativas e produção de conteúdos verificados (Figuras 7 e 8). Seno (2025) menciona que memes informativos, vídeos curtos e materiais acessíveis foram mobilizados para esclarecer dúvidas, desmentir boatos e incentivar o cumprimento de medidas sanitárias. Essas ações evidenciam que a disputa comunicacional se estendeu também ao campo da saúde pública.

Figura 7 – Alerta de informações falsas sobre a Covid-19



Fonte: Caps Acolher, 2020¹⁵

A Figura 7 é um material visual acessível que foi produzido pela Fiocruz e amplamente compartilhado nas redes sociais durante a pandemia para combater notícias falsas que circulavam a respeito do vírus. O cartaz trás instruções claras a respeito do que é falso e as orientações verdadeiras para prevenção e cuidados.

¹⁵ Alerta de informações falsas sobre a Covid , disponível em: Caps Acolher - Cuidados com a notícias falsas sobre o... | Facebook. Acesso em: 01 de agosto de 2025.

Figura 8 – Meme do Superman com mensagem de prevenção a Covid-19



Fonte: O Globo, 2020.¹⁶

A Figura 8 apresenta um meme adaptado de uma cena do filme *O Homem de Aço* (2013), na qual o personagem Superman é questionado sobre o significado do “S” em seu peito. Na versão modificada, a resposta é alterada para “Stay Home” (fique em casa), transmitindo de forma humorística uma mensagem de conscientização sobre a importância do isolamento social durante a pandemia. Ambas as Figuras (7 e 8), evidenciam como os memes e diferentes formatos de mídia foram utilizados para esclarecer informações, combater notícias falsas e estimular a adesão às medidas de prevenção.

Por fim, a experiência brasileira com a infodemia durante a Covid-19 sugere que enfrentar problemas dessa magnitude demanda mais do que ações pontuais de checagem. Em cenários como esse é necessário fortalecer a educação midiática, promover políticas de regulação responsáveis e criar espaços de diálogo que reconstruam a confiança pública. Nesse contexto, o(a) historiador(a) do tempo presente assume a tarefa de registrar e problematizar a dimensão comunicativa da tragédia, para que o legado da desinformação não seja naturalizado.

O termo “infodemia”, cunhado pela Organização Mundial da Saúde, define o transbordamento informacional que acompanha epidemias globais. No Brasil, esse fenômeno adquiriu contornos dramáticos: conteúdos fraudulentos circulavam com mais rapidez que boletins oficiais (Ortega, 2021), alimentando percepções distorcidas sobre riscos e soluções. O WhatsApp ocupou papel central na circulação de mensagens falsas e a produção de pânico moral foi uma tática recorrente. Teorias conspiratórias (como a de que a Covid-19 seria arma

¹⁶ Meme do Superman disponível em: Coronavírus: memes mostram o lado do humor na pandemia - Jornal O Globo. Acesso em: 01 de agosto de 2025.

biológica) encontraram audiência cativa em públicos desinformados. Esse temor difuso criou terreno fértil para rejeição de medidas de proteção.

Os algoritmos de recomendação reforçaram bolhas informacionais que se retroalimentavam. Penteado et al. (2022) sugerem que essa dinâmica de homogeneização cognitiva intensificou a polarização, tornando quase impossível qualquer forma de diálogo racional sobre evidências. Além disso, o cansaço emocional também ajudou a naturalizar a infodemia. Gatti (2020) afirma que, diante da sobrecarga de informações, muitos cidadãos passaram a relativizar todas as versões, num gesto de autopreservação psíquica.

É importante sublinhar que a infodemia não afetou todos os grupos sociais de modo homogêneo. Oliveira e Ferreira (2022) destacam que populações com menor escolaridade ou acesso restrito à internet foram especialmente vulneráveis à crença em conteúdos conspiratórios.

O fenômeno da infodemia evidenciou que alfabetização midiática é uma necessidade urgente. Gatti (2020) defende que políticas públicas de educação digital devem ser incorporadas ao sistema educacional para criar cidadãos menos suscetíveis ao contágio informacional.

É relevante notar que a infodemia não se encerrou com a queda das taxas de contágio. — Ela deixou como herança uma desconfiança difusa em relação a fontes jornalísticas e instituições científicas, um legado que ainda repercute na cultura política brasileira que ainda permanece (Ventura, 2021).

Por fim, a memória desse transbordamento informacional precisa ser preservada como advertência histórica. Santos (2022) sugere que documentar a infodemia é também um ato de responsabilidade coletiva: é a forma de impedir que o apagamento simbólico legitime futuros negacionismos.

1.3 Desafios do ensino de história na era digital: O uso de memes em sala de aula

A sociedade contemporânea demonstra estar imersa no poder da imagem, visto que nunca se consumiu e se produziu tantas representações visuais como atualmente. Vivemos em uma época marcada pela predominância do visual sobre o linguístico, em que a mídia privilegia a representação e a expressão imagética como principais formas de comunicação. Logo, se esse tipo de linguagem se encontra tão inserida no cotidiano da sociedade, torna-se indispensável que esse recurso também seja incorporado às práticas de sala de aula. O uso de memes

apresenta-se uma maneira de trazer a realidade externa para dentro do ambiente escolar, pois, como bem afirma Cerri (2011, p.44)

a formação histórica dos alunos depende apenas em parte da escola, e precisamos considerar com interesse cada vez maior o papel dos meios de comunicação de massa, da família e do meio imediato em que o aluno vive se quisermos alcançar a relação entre história ensinada e a consciência histórica dos alunos.

Nesse sentido, o autor argumenta que a formação histórica dos(as) estudantes não ocorre apenas dentro da sala de aula, pois o(a) discente já possui uma bagagem de conhecimento influenciada pelo ambiente em que ele(a) está inserido(a) e dos meios de comunicação aos quais ele(a) tem acesso. Assim, o meio social também educa e ajuda a construir sua consciência histórica. Para estreitar a relação entre o conhecimento histórico escolar e a consciência histórica, é imprescindível considerar a conjuntura na qual o(a) aluno(a) está inserido(a). Uma das possibilidades para isso são os memes, que têm ganhado grande relevância não apenas no ambiente da internet, mas em diversos outros espaços (como já destacado anteriormente) aos quais os(as) estudantes estão diretamente conectados(as).

Devido à sua natureza intertextual e, muitas vezes, ao seu caráter humorístico, os memes possuem um forte potencial para captar a atenção de quem os visualiza. Por isso, mesmo que os(as) discentes possuam acesso restrito à internet ou não tenham contato com ela, conseguem realizar a interpretação dessa linguagem devido ao seu caráter visual e por ela já estar presente em outros ambientes além do virtual, como em televisões, revistas, jornais e panfletos.

É perceptível que nem sempre o ensino oferecido nas escolas tem possibilitado que o(a) aluno(a) compreenda os conceitos científicos ensinados e os utilize em seu dia a dia para que esses conhecimentos não sejam esquecidos. Tomando como base o ensino de História, é recorrente que os(as) estudantes dos anos finais da educação básica apresentem dificuldades no entendimento de conceitos, de processos históricos e na construção do senso crítico. Isso se deve, em parte, à falta de conexões explícitas entre os temas e a metodologia de ensino que, por vezes, é centrada somente na repetição ou no emprego mecânico de conceitos (Oca, 1995).

A ausência de conexão entre os conteúdos escolares e a realidade dos(as) estudantes remonta ao século XIX, período em que a História se consolidava como disciplina escolar. Naquele contexto, não havia uma preocupação efetiva com as metodologias de ensino, mas com a construção de uma identidade nacional. Como bem pontua Cerri (2017, p.13)

É forçoso reconhecer que, por muito tempo não houve Didática da História, na mesma proporção em que não houve Teoria da História ou estudos historiográficos. A

disciplina de História como a conhecemos, nascida no século XIX (Furet, 1986), apenas por estudos individuais e isolados começava a se debruçar sobre si própria, preocupada que estava em dizer sobre o passado, bem como participar do esforço conjunto para produzir a nação nas mentes e nos corações.

Para além dos motivos citados acima, os contextos políticos e sociais que influenciaram a consolidação da História enquanto disciplina escolar, como o “nacionalismo, linearidade temporal, fatos como o centro do ensino, regime moderno de verdade, método catequético de perguntas e respostas” (Bruter, 2003, p.177 *apud* Cerri, 2017, p.14), constituíram uma espécie de “modelo” que, mesmo muitos anos depois, permanece em diversas estruturas do ensino.

Para superar esses resquícios que ainda permeiam no atual sistema educacional, o ensino de História deve considerar os recursos didáticos como uma ferramenta para ajudar no processo educativo. A atualização desses recursos se faz necessária para aproximar a realidade e vivência dos(as) alunos(as) à sala de aula. Como estamos inseridos na sociedade da internet e da informação, é plausível supor que os(as) estudantes têm contato diário com diferentes linguagens do mundo digital. Nesse sentido, é pertinente considerar o meme — enquanto uma das linguagens mais expressivas e recorrentes nas redes sociais — como um recurso potencialmente eficaz no contexto educacional.

Partindo desse cenário em que a linguagem do ambiente virtual está cada vez mais presente no cotidiano dos(as) discentes, essas ferramentas podem e devem ser utilizadas de maneira que afetem positivamente o(a) estudante, ampliando as formas de aprender e gerando uma prática pedagógica que não esteja apegada apenas a uma transmissão de conhecimentos, mas que permaneça engajada na formação crítica de discentes, de forma a capacitá-los(as) a interpretar diferentes linguagens e conjunturas.

O digital é algo que pode e deve ser incorporado de maneira lúdica ao ensino, pois a tecnologia tem se mostrado presente em diversos setores da contemporaneidade, ocasionando profundas transformações na sociedade. Neste cenário, é de suma importância que o ensino nas escolas se utilize de novas ferramentas tecnológicas com o objetivo de aprimorar e facilitar o processo de aprendizagem. Logo, uma ferramenta que pode contribuir para o alcance do conhecimento são os memes.

De acordo com Silva, Francelino e Melo (2017), o meme é considerado um gênero discursivo, pois possui uma ancoragem em um espaço de criação e de recepção por sujeitos reais, estando assim, dialogicamente constituído das novas formas de interação do espaço virtual, sobretudo, daquelas presentes nas redes de comunicação existentes na internet. Desse

modo, é algo que está presente no cotidiano dos(as) alunos(as), visto que grande parte deles(as) fazem uso contínuo das redes sociais.

Além disso, Silva (2016, p.342), destaca que os memes passaram a ser identificados como uma produção composta “por imagens, por figuras, fotografias, frases, palavras-chave ou qualquer outro elemento que apresente um conteúdo irônico ou humorístico que se propague ou se replique na rede”. Dessa maneira, mesmo que o(a) aluno(a) não tenha em seu dia a dia acesso à internet, ainda assim é possível que os memes facilitem a compreensão do assunto por parte do(a) discente, pois esse gênero apresenta imagens, figuras e frases que fazem parte da realidade do(a) aluno(a), trazendo um conteúdo humorístico, tornando o aprendizado flexível, divertido e rico. Do mesmo modo Andrade afirma que

Os memes são elementos digitais que mobilizam e despertam a atenção para os variados temas utilizando-se do humor e imagens. Eles podem ser entendidos como elementos de representação produzidos socialmente por indivíduos ou grupos sociais que neles, expressam seus traços culturais, ideologias e suas intenções (Andrade, 2018, p.49).

É inegável a importância desse tipo de conteúdo viral como forma de comunicação digital que vai além do mero entretenimento. De fato, o meme é uma ferramenta poderosa de mobilização de atenção, representação cultural, produção social e expressão de ideologias. Ao estudá-lo, podemos obter compreensões profundas e claras sobre as dinâmicas culturais e sociais contemporâneas, bem como sobre as formas com as quais as pessoas se comunicam e se conectam no mundo digital.

O uso dos memes em sala de aula ajuda a ir além do ensino tradicional, que tem como principal característica a tentativa de transferência de um conhecimento que é unidirecional, onde o(a) docente(a) expõe o conteúdo de uma forma que o(a) aluno(a) não possui espaço de exercer sua criticidade e participação, se tornando apenas um(a) ouvinte. Essa forma de ensino tem sido cada vez menos utilizada. A respeito dessas mudanças metodológicas, Fonseca (2003, p.121) destaca que

Hoje, é bastante óbvio que a sala de aula não é mais o palco onde se apresentam monólogos para um público passivo. O professor de história sabe que não basta falar, para que os alunos aprendam. O trabalho em sala exige um professor em permanente situação de investigação, despertando a curiosidade, a criatividade e o interesse pelo ensino que tem como pressuposto a descoberta.

As aulas de História devem tornar-se um espaço promissor para a inserção de metodologias que dinamizem o ensino e busquem despertar a atenção e curiosidade dos(as)

discentes, fugindo de um ensino focado apenas na exposição dos conteúdos. Integrar esse tipo de ferramenta ao ambiente educacional pode ajudar a explicar acontecimentos históricos complexos, aumentar o engajamento e participação dos(as) alunos(as), além de estimular o pensamento crítico.

O educador e filósofo Paulo Freire (1996, pág. 21) em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, destacou que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Sendo assim, o processo de ensino deve ir além de uma “educação bancária” na qual o(a) professor(a) fala e o(a) aluno(a) ouve sem exercer nenhuma participação e protagonismo. É necessário que sejam criadas oportunidades para que os(as) discentes se insiram nesse processo de construção do conhecimento de forma lúdica, ocasionando uma aprendizagem que seja significativa.

A respeito da aprendizagem significativa, Xavier (2003, p. 124), afirma que ela é “um processo, isto é, uma atividade interior que tem início, desenvolvimento e fim. Nesse sentido, a aprendizagem é algo muito pessoal, mas que pode ser influenciada, com êxito, por pessoas habilitadas e através de estímulos e técnicas”. Desse modo, a definição de Xavier é contrária ao senso comum de que o conhecimento pode ser obtido apenas por meio dos livros e de uma forma tradicional. A partir de sua colocação, fica evidente que a aprendizagem pode ser alcançada de formas distintas por meio de diferentes estímulos.

Para alcançar a aprendizagem, o conhecimento prévio do(a) aluno(a) deve sempre ser levado em consideração, pois conhecer a experiência de mundo do(a) discente(a) pode levar o(a) professor(a) a elaborar caminhos mais eficientes para a construção do conhecimento. Por esse motivo, concordamos com a teoria da aprendizagem significativa de David Joseph Ausubel (1980), na qual ele prioriza como conceito central o processo pelo qual uma informação se relaciona com os conhecimentos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva do(a) aluno(a). Nesse sentido, a aprendizagem significativa só se constitui quando o assunto exposto pelo(a) professor(a) se baseia em um conceito relevante que já existe na realidade do(a) discente.

Da mesma forma, Freire (1997, p.53), afirma que “procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem”. Assim, buscar conhecer e entender o mundo do(a) aluno(a) para além da sala de aula, facilita o processo de ensino e construção do conhecimento.

Outro ponto a ser mencionado é que a História é uma disciplina rica em detalhes e conceitos complexos. Por possuírem um grande despertar visual, os memes têm potencial para

serem utilizados para abordar uma vasta gama de temas historiográficos. Com o uso desse tipo de linguagem, a compreensão de conceitos e acontecimentos históricos podem ser absorvidos pelos(as) alunos(as) de maneira mais rápida e impede que seja feita uma simples memorização do assunto, pois o(a) estudante é instigado(a) a refletir sobre qual a relação do texto com a imagem e o que foi exposto em aula.

Dentro do campo das normativas educacionais, temos respaldo para o uso dos memes no ensino. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), aponta que o domínio de informações e conceitos históricos assim como o desenvolvimento da capacidade de pesquisar informações, analisá-las e a habilidade de aprender e criar ao invés do simples exercício de memorização, são objetivos que devem ser alcançados pelas escolas e os(as) discentes. Para além disso, a inclusão dos memes no processo de ensino contempla um dos objetivos básicos do ensino de História: a construção de cidadãos críticos e ativos, capazes de estabelecer relações entre o passado e presente e, a partir disso, agir diante de sua realidade.

Outro documento relevante para discussão é a: Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que foi homologado no final de 2017 pelo Ministério da Educação e estabelece dez diretrizes fundamentais, ou competências gerais, que devem ser desenvolvidas nas escolas das redes pública e privada, da Educação Infantil até o Ensino Médio.

Desde a sua homologação, a BNCC foi divulgada para a sociedade como algo que seria capaz de promover a igualdade ao ensino oferecido em todas as escolas do Brasil. Segundo Oliveira e Caimi (2021, p.3), “Tal documento se apresenta para a sociedade como uma régua homogeneizadora, com poderes de equalizar as profundas diferenças que assolam o Brasil”. Assim, ele estabelece um currículo único, para um país que possui dimensões continentais, marcado pela diversidade cultural e que ainda possui profundas desigualdades sociais, algumas vezes mais escancaradas e passíveis de observação e outras, mais veladas e menos perceptíveis.

De maneira similar, a reforma do Novo Ensino Médio quando foi implementada carregava consigo a mesma estratégia de se mostrar para o público como positiva, ao prever a ampliação da carga horária mínima anual e a criação dos itinerários formativos, que são áreas de aprofundamento nas quais os(as) estudantes poderiam escolher se especializar em linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica e profissional. Essa proposta era apresentada pelos idealizadores como algo promissor e que iria revolucionar de forma positiva o sistema de ensino. Contudo, estudiosos como Zan e Mazza (2018) apontavam (e já é perceptível no atual cenário) que projetos com essa estrutura ocasionam não o avanço, mas o sucateamento da educação.

Ao analisar Reformas de ensino em outros lugares do mundo, Maués (2003), aponta que elas possuem pontos similares como, por exemplo, relação estreita entre o mundo empresarial e a educação. Isso torna-se evidente a medida em que se observa o aumento da influência de empresas e entidades privadas na formulação de currículos e nas políticas educacionais. Segundo o autor

A lógica do mercado passa a ser incorporada ao sistema educacional, enfatizando competências e habilidades consideradas essenciais para o mundo do trabalho. Essa tendência é evidente na promoção de parcerias público-privadas, na adoção de modelos de gestão empresarial nas escolas e na priorização de áreas de ensino que atendam às demandas do setor produtivo (Maués, 2003, p. 45).

Esse ponto pode ser observado na atual realidade do ensino brasileiro, na medida em que a partir da Reforma foram feitas diminuições nas cargas horárias de disciplinas do bloco das Ciências Humanas, as quais possuem mais fortemente o papel de despertar nos(as) estudantes a capacidade pensarem sobre sua realidade, o mundo no qual estão inseridos(as) e desenvolverem seu pensamento crítico, enquanto que houve um aumento na ênfase de disciplinas voltadas para as ciências exatas e tecnológicas, além de um maior destaque ao ensino direcionado ao mercado de trabalho. Essa mudança reflete uma tendência de priorização de competências técnicas e práticas em detrimento de uma formação integral que contemple a reflexão crítica e o entendimento profundo das questões sociais, culturais e históricas.

Além da redução da carga horária do bloco de Humanas, o Novo Ensino Médio enfatiza competências e habilidades práticas, o que pode levar a uma visão mais instrumental e menos crítica da educação, reduzindo o espaço para reflexões mais profundas sobre o passado e suas relações com o presente.

Nesse sentido, tanto a Base Nacional Comum Curricular quanto o Novo Ensino Médio, possuem em suas estruturas (dentre outros problemas), planos universalistas que não consideram as singularidades regionais e escolares, além de pontos que limitam a capacidade dos(as) estudantes de questionar, refletir e compreender profundamente as complexidades do mundo em que vivem, comprometendo a formação de cidadãos críticos e conscientes. Este cenário atual é um conflito, que como bem apontado por Zan e Mazza (2018), se manifesta de um lado na compreensão de que a educação é uma mercadoria e, do outro, que a educação é um direito público. Diante das dificuldades enfrentadas pela educação brasileira, Saviani (2018, p.31) enfatiza que

Se os tempos atuais no Brasil são de verdade, muito difíceis para a educação pública, não podemos nos render, considerando impossível reverter a escala privatista. Ao contrário, trata-se de tempos difíceis, mas não impossíveis, e é necessário, em consequência, organizarmos tenazmente a resistência, preparando-nos para uma luta longa, porque os que se apoderam do governo por usurpação não vão abrir mão dele facilmente

De maneira semelhante, Oliveira e Caimi (2021) reconhecem que este é um momento desafiador para o sistema de ensino, e apontam que a esperança nessas circunstâncias é a ação docente que, com bastante coragem e ousadia, possui o poder de manter acesa a capacidade questionadora do ser humano, principalmente das crianças e jovens na condição de discentes, os(as) quais, quando escutados, nos apontam caminhos valiosos para a reinvenção da escola, apesar das condições adversas pelas quais estamos a passando.

Nesse sentido, o atual cenário educacional brasileiro tem enfrentado tempos difíceis. Contudo, é uma conjuntura que pode e deve ser combatida por nós, agentes e profissionais da educação, com o objetivo de encontrar soluções inovadoras, adaptar práticas pedagógicas e tentar garantir que crianças e jovens possam (dentro do possível) ter acesso a uma educação mais inclusiva e de qualidade.

Apesar de todos os problemas presentes na BNCC, ela é um documento que foi imposto ao sistema educacional, e nós, profissionais da educação somos intimados a trabalhar com essa configuração. Assim, é necessário que tenhamos consciência de sua problemática, mas se não podemos no momento mudar sua estrutura, é viável também que busquemos dentro das possibilidades, meios de trabalhar com ela da melhor forma possível, a fim de minimizar seus impactos negativos e maximizar as oportunidades de crescimento e desenvolvimento, e o meme é uma ferramenta que pode auxiliar nesse caminho, uma vez que o digital é um dos elementos considerados na elaboração da BNCC. Nas competências gerais estabelecidas por ela, é perceptível que as cinco primeiras estão relacionadas à Cultura Digital:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, reflexão, análise crítica, imaginação e criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas), considerando os conhecimentos de diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens — verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital —, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações,

experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (Brasil, 2018, p.9)

Desse modo, os memes que estão inseridos no mundo cibernético, com enfoque principalmente nas redes sociais, podem ser articulados à Base Nacional Comum Curricular no desenvolvimento do letramento digital dos(as) estudantes imersos(as) na cibercultura.

A primeira competência da Base tem como pressuposto “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital” (Brasil, 2017, p.9). Nesse sentido, ela destaca a importância de compreender os diversos aspectos da realidade, incluindo os avanços no mundo digital, utilizando esses recursos para a construção conhecimento.

A segunda competência está relacionada ao pensamento científico, crítico e criativo. Esses aspectos podem ser desenvolvidos a partir do uso de memes nas aulas, na medida em que essa ferramenta pode despertar nos(as) alunos(as) o pensamento crítico, tendo o(a) professor(a) como mediador para desenvolver um letramento nos(as) discentes, levando-os(as) a elaborar questionamentos sobre esse tipo de material como: quem foi o criador(a)? Por que produziu? Em qual contexto foi feito? Qual impacto o autor quis gerar a quem acessasse esse conteúdo? Despertar nos(as) alunos(as) o olhar de que esse tipo de mídia também é uma fonte histórica que representa interesses e ideologias de quem o produziu, e que, portanto, deve ser examinado criticamente, é um exercício que desenvolve ao mesmo tempo capacidade de indagar qualquer outra informação a qual os(as) jovens venham a ter acesso.

Assim, o(a) professor(a) historiador(a) poderá passar para os(as) discentes aquilo que José d’Assunção Barros (2019, p. 96) chamou de “produto mais refinado da História enquanto campo de saber”: o seu potencial crítico. O autor também afirma que

O que mais fizeram os historiadores ao longo de dois séculos de aprimoramento de sua ciência foi adquirir capacidades de analisar criticamente os textos. [...] Quando um historiador examina uma notícia, ele não toma meramente como fonte de informações, mas sim como um discurso a ser analisado, compreendido, problematizado (Barros, 2019, p.95).

Essa perspectiva conduz à compreensão de que os(as) historiadores(as) não apenas extraem informações dos documentos, mas também os examinam em seus contextos socioculturais e políticos. A prática de problematizar e compreender as narrativas históricas permite uma análise mais rica e detalhada dos eventos e das sociedades estudadas.

A criatividade, conforme prevista na competência anteriormente citada, pode ser potencializada com o uso de memes, promovendo também maior autonomia no processo de formação do aluno(a), por meio da sala de aula invertida, pois o(a) discente, a partir do conhecimento que obteve nas aulas pode e deve ser motivado(a) a criar seus próprios memes históricos, tornando-se protagonista no processo de aprendizagem.

A criação dessas mídias digitais quando feitas pelos(as) estudantes, permite que eles(as) expressem suas ideias e interpretações de maneira criativa a respeito do assunto estudado. O desenvolvimento dessa atividade tem o potencial de auxiliar os(as) alunos(as) que têm dificuldades com formas tradicionais de avaliação, como questões dissertativas ou objetivas. Por meio deste recurso, eles podem demonstrar sua compreensão do conteúdo de maneira autoral e criativa, possibilitando um maior senso de realização e engajamento com a disciplina de História, uma vez que esse tipo de abordagem fomenta a autonomia e a autoconfiança dos(as) discentes. Quando eles(as) percebem que são capazes de encontrar soluções e construir conhecimentos por conta própria, sua motivação e interesse pelo aprendizado podem aumentar significativamente.

Nesse contexto, a contribuição de Rüsen (2012) para a compreensão do pensamento histórico mostra-se fundamental, pois, segundo o autor, “o pensamento histórico se fundamenta numa constituição de sentido específica, dedicada à experiência do tempo, e pode ser articulado a componentes independentes, mas interligados e imbricados” (Rüsen, 2012, *apud* Schmidt, 2020, p. 37). Dessa forma, evidencia-se que atividades dessa natureza favorecem a reelaboração, pelos(as) alunos(as), de suas experiências temporais de maneira complexa e científica, aproximando-os(as) de um aprendizado histórico efetivo.

A respeito do pensamento científico (citado ainda na segunda competência), é importante destacar que um dos desafios existentes no campo do ensino e aprendizagem de História é o distanciamento entre o que é produzido nas universidades e o que chega até a população. O(a) historiador(a) deve e precisa aproximar a sociedade das reflexões que são feitas na academia. Essa aproximação pode ser realizada por meio da utilização de linguagens mais acessíveis e midiáticas, como os memes, fazendo com que os(as) alunos(as) tenham acesso ao conhecimento histórico-científico de forma instigante, uma vez que, quando bem utilizados, eles possuem o potencial de reinterpratar conceitos históricos complexos em um formato que estimule o engajamento dos(as) discentes nas aulas e que, ao mesmo tempo, não simplifique temas amplos. Como indica Fonseca (2003, p. 120), o processo de transposição didática dos conteúdos em sala de aula

não deve ocorrer mera simplificação de temas amplos em fatos, excluindo sujeitos e ações históricas. Trata-se de um processo de criação, no qual é possível valorizar o ponto de partida e as expectativas dos alunos: referências bibliográficas, reflexões metodológicas, contato com fontes, experiência de vida ou um debate colocado pelo social.

Nesse sentido, ao integrar os memes ao ensino de História de forma crítica e orientada, o(a) professor(a) amplia as possibilidades de abordagem dos conteúdos curriculares. Essa estratégia fortalece a autonomia intelectual dos(as) discentes, estimulando-os(as) a reconhecer e problematizar diferentes narrativas históricas presentes no ambiente virtual e fora dele.

A terceira competência geral da BNCC, visa “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (Brasil, 2017, p.9). Nesse sentido, os memes são uma forma contemporânea de expressão cultural e artística, que muitas vezes refletem e disseminam valores e críticas sociais de maneira acessível e viral. Eles podem ser usados para explorar a diversidade cultural, apresentando elementos de diferentes culturas, contemplando assim essa terceira competência.

A quarta versa sobre a comunicação, enfatizando que é importante utilizar diversos tipos de linguagens, onde o meme evidentemente se adequa, uma vez que é uma linguagem oriunda do meio digital e que permite que os(as) alunos(as) explorem e dominem novas formas de comunicação, desenvolvendo habilidades para interpretar e criar conteúdos que dialoguem com os assuntos históricos abordados em sala de aula e com a cultura digital na qual os(as) estudantes estão inseridos(as).

A última competência em que os memes (enquanto ferramenta educacional) se encaixam é a de número cinco:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2017, p.9).

A partir disso, é possível constatar que a BNCC enfatiza a inclusão de experiências digitais e cotidianas dos(as) discentes no ensino, podendo ser feita por meio dos memes, que possuem uma circulação aberta e são acessados com frequência pelos(as) alunos(as) por meio das redes sociais ou de outras mídias.

Mais uma perspectiva que merece destaque é que, atualmente, os(as) historiadores(as) enfrentam uma série de desafios diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas que

impactam diretamente a produção do conhecimento histórico. Nesse contexto, na obra *Desafios para a Historiografia do Novo Milênio*, José d'Assunção Barros aponta 6 palavras que fazem uma reflexão sobre a historiografia contemporânea e que elencam os desafios que os(as) historiadores(as) precisam enfrentar na produção historiográfica. Dentre eles estão: criatividade, interdisciplinaridade, variedade e transferência de criticidade. Nesses horizontes para uma nova escrita da História, o autor enfatiza que a criatividade na produção historiográfica é necessária para alcançar um número amplo de leitores e atrair o grande público para que a História possa se aproximar da sociedade e ajudar a desenvolver o pensamento crítico.

Assim como no campo da historiografia, a criatividade e a inovação de metodologias utilizadas por professores(as) em sala de aula, também são essenciais para despertar a atenção dos(as) alunos(as) e permitir que a História possa cumprir o seu papel de proporcionar criticidade à população. A respeito da interdisciplinaridade, Barros (2019) aponta que ela foi amplamente percorrida pela historiografia no século XX contemplando diversas áreas e, na atualidade, uma série delas surgem para serem exploradas pelo(a) historiador(a) deste novo século, como por exemplo o campo das Ciências da Computação

As novas interdisciplinaridades, por fim, também devem contemplar as Ciências da Comunicação, os novos meios midiáticos e os recursos trazidos pela informática e pela revolução digital que é tão característico deste novo século (Barros, 2019, p.61).

Essa interdisciplinaridade apontada pelo autor, está diretamente ligada a outra palavra destacada por ele: variedade. As duas estão intimamente relacionadas à aproximação entre as novas tecnologias e o trabalho de pesquisa histórica, pois

Abordar a variedade de suportes possíveis para a História é, incontornavelmente, falar da tecnologia da qual esta precisará se apropriar cada vez mais na modernidade. De fato, uma reflexão que vise situar algumas propostas para a historiografia do novo milênio não pode deixar de considerar um dos aspectos mais característicos do novo século: a revolução digital (Barros, 2019, p.61).

Dessa forma, os pontos de criatividade, interdisciplinaridade e variedade indicados por Barros como reflexões que devem ser feitas pelos(as) historiadores(as) atuais para melhorar a produção historiográfica, também podem e devem ser considerados para desenvolver metodologias atrativas para sala de aula, podendo serem contemplados no uso dos memes históricos, sendo utilizados como uma ferramenta para auxiliar o(a) docente(a) em sala de aula, visto que é algo *criativo*, capaz de despertar a atenção dos(as) discentes; possui

interdisciplinaridade não só entre a História e o digital, mas também no campo das linguagens (visto que é um recurso que necessita de interpretação); e apresenta *variedade*, que abrange o mundo digital no qual a sociedade do novo milênio está inserida.

Além disso, a *transferência de criticidade* é algo que cabe a História desenvolver nos alunos(as), e os memes podem auxiliar nessa construção. Por meio do contato com esse tipo de mídia, aliado à mediação reflexiva do(a) professor(a), os(as) estudantes são estimulados a desenvolverem uma ‘análise do discurso’, identificando o contexto histórico implícito nessa linguagem e desenvolvendo a crítica sobre como as representações sobre determinados acontecimentos históricos têm se espalhado nas redes sociais, ajudando a desenvolver questionamentos sobre a realidade na qual eles(as) estão inseridos(as), ou seja, promovendo o desenvolvimento do pensamento histórico, entendido, conforme destaca Cerri (2011, p. 59), como a capacidade de

nunca aceitar informações, ideias, dados etc. sem levar em consideração o contexto em que foram produzidos: seu tempo, suas particularidades culturais, suas vinculações com posicionamentos políticos e classes sociais, as possibilidades e limitações do conhecimento que se tinha quando se produziu o que é posto para análise. É nunca deixar de lado que todo produto de uma ação tem um ou mais sujeitos em sua origem, e é decisivo saber quem são esses sujeitos, pois isso condiciona o sentido da mensagem.

Outro desafio que existe no campo do ensino e aprendizagem da História e que os memes podem auxiliar a ser superado é o distanciamento entre o que é produzido nas universidades e o que chega até a população. O(a) historiador(a) deve e precisa aproximar a sociedade das reflexões que são feitas na academia. Rodrigo Turin (2018) enfatiza que esses profissionais necessitam transcender as barreiras acadêmicas e se engajar diretamente com o público em geral, pois no presente momento em que estamos inseridos, as informações históricas têm sido frequentemente simplificadas de maneira errada e distorcidas. A História enquanto área de conhecimento tem se inovado cada vez mais por meio de novas abordagens (utilizando diferentes tipos de fontes e perspectivas para estudar um objeto) e de novos métodos de ensino (por meio de metodologias ativas, interdisciplinaridade, ensino lúdico, entre outros). Essa inovação faz-se extremamente necessária para tentar romper a barreira que existe entre o conhecimento que é produzido nas pesquisas historiográficas e a sociedade, visto que, como bem apontado por Turin (2018, p.187)

Vivemos uma intensa discussão em torno das condições de trabalho dos historiadores e do lugar da história disciplinar e das humanidades na sociedade. Um sinal

inequívoco disso são os atuais projetos, em diferentes países, de remodelação do sistema de ensino, que visam à diminuição da carga horária das humanidades, ou mesmo sua extinção, em nome de uma pedagogia voltada às habilidades exigidas por um mercado em acelerada transformação.

Se analisarmos o atual sistema de ensino no Brasil e principalmente suas recentes modificações com a reforma do Novo Ensino Médio, fica evidente essa tentativa de remodelação citada pelo autor, na qual os(as) professores(as) têm sido submetidos a redução da carga horária de humanidades, em prol de “tornar o ensino cada vez mais voltado ao mercado de trabalho”, com uma estrutura mais tecnicista. A historiadora Flavia Eloisa Caimi (2015) também aponta que o distanciamento entre o conhecimento histórico produzido e as práticas escolares efetivadas na educação básica, são mazelas que insistem em permanecer entre os profissionais da História e que devem ser superadas.

Diante do exposto, percebe-se que o fenômeno dos memes, inserido no contexto mais amplo da cultura digital, ultrapassa o mero caráter de entretenimento e se configura como um elemento de linguagem capaz de dialogar com as práticas educativas contemporâneas. No ensino de História, em especial, seu uso demanda do(a) professor(a) não apenas criatividade, mas também uma postura crítica e consciente frente aos desafios impostos pela era digital, como a efemeridade das informações, a multiplicidade de interpretações e a necessidade de contextualização histórica.

Integrar memes às práticas pedagógicas, portanto, exige reconhecer seu potencial como recurso de aproximação com o universo cultural dos(as) estudantes, ao mesmo tempo em que se preserva o rigor histórico e a intencionalidade formativa. Ao transformar esses elementos da cultura digital em instrumentos de reflexão e análise histórica, abre-se a possibilidade de fortalecer o pensamento histórico e tornar o aprendizado mais significativo, crítico e conectado à realidade dos(as) alunos(as). Assim, adaptar essa linguagem em ferramentas de reflexão histórica significa convertê-la em uma ponte entre a forma de expressão dos(as) estudantes e a construção crítica do conhecimento.

Ao compreender os memes como recursos pedagógicos e culturais que dialogam diretamente com o universo dos(as) estudantes, abre-se espaço para ir além de sua função didática e explorá-los como documentos e manifestações da própria experiência histórica. É nessa perspectiva que o próximo capítulo se debruça sobre um caso concreto, no qual os memes, inseridos na cultura digital, funcionam como narrativas e registros da História do Tempo Presente. A partir da pandemia de COVID-19 e da gestão do governo Bolsonaro, investigaremos como essas produções visuais se relacionam com a memória coletiva, expressam formas de

resistência (mas também riscos de banalização) e evidenciam o embate entre ciência e negacionismo na condução da crise sanitária.

2. MEMES, HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E A GESTÃO DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO GOVERNO BOLSONARO

A História do Tempo Presente (HTP) constitui um campo historiográfico que se ocupa do estudo dos acontecimentos recentes, situados no limite entre o vivido e o narrado. Neste campo, o(a) historiador(a) escreve sobre o próprio tempo no qual ele(a) está inserido(a). É nesse sentido que Hartog (2013) ao discutir os regimes de historicidade, acrescenta que vivemos sob a lógica do presentismo, isto é, em um tempo no qual o presente se torna a categoria dominante, engolindo passado e futuro, e impondo novas formas de relação com a experiência histórica.

Esse campo da História tem encontrado ao longo de seu percurso, resistência de alguns historiadores(as), pois como bem destacado por Ferreira (2012, p.21) “A história do tempo presente nem sempre tem sido bem assimilada por parte da comunidade de historiadores(as), pois ainda é sólida a concepção de que o estudo da história deve distanciar-se do tempo acontecido.” Isso ocorre, em suma, porque produzir uma História do Tempo Presente, toca em um aspecto “sensível” à produção historiográfica: o da neutralidade. Esse campo de produção do conhecimento, escancara ainda mais que a neutralidade dentro da produção historiográfica nunca existiu, visto que a distância temporal em relação ao objeto estudado não garante, por si só, uma escrita neutra.

Todo(a) historiador(a) ao delinear seu objeto de estudo e recorte temporal, parte de inquietações que não são neutras e de um lugar (seja no espaço físico ou temporal) que irá influenciar sua forma de abordagem sobre o objeto estudado. Como ressalta Michel de Certeau (1986), o historiador é, antes de tudo, um sujeito inserido em seu tempo, e sua escrita está inevitavelmente atravessada pelas circunstâncias e demandas do presente.

A partir disso surge a indagação: se todos os estudos de outros campos historiográficos partem de inquietações e demandas da atualidade, qual seria o diferencial da História do Tempo Presente? A sua peculiaridade reside no fato de que o(a) historiador(a) se encontra inserido(a) em duas dimensões no presente: além de partir de inquietações próprias do seu tempo, ele(a) compartilha o mesmo contexto temporal das fontes que analisa. Por conta disso, Dosse (2012) salienta que a abordagem desse campo impõe ao(a) historiador(a) um compromisso com a pluralidade de perspectivas e com a responsabilidade ética de construir narrativas que não se

resumam à mera reprodução dos discursos dominantes. Eis aqui a principal diferença entre esse campo historiográfico e o jornalismo: o(a) historiador(a) possui um papel crítico face ao presente que ele(a) narra.

Ao tentar delinear onde começaria e terminaria o recorte da História do Tempo Presente, Voldman (1993, *apud* Ferreira, 2012, p.22) destaca que esse campo:

Possui balizas móveis, que se deslocam conforme o desaparecimento progressivo de testemunhas. Assim, que cronologia, que evento-chave, reconhecido, deve ser adotado como marco inicial da história do tempo presente? Para alguns, trata-se do período que remonta a uma última grande ruptura; para outros, trata-se da época em que vivemos e de que temos lembranças ou da época cujas testemunhas são vivas e podem supervisionar o historiador e colocá-lo em xeque.

Assim, uma característica dessa área de estudo é que as testemunhas (por compartilharem o mesmo espaço/tempo que o(a) historiador(a)) podem refutar os registros históricos que considerarem inverídicos. Nesse sentido, é um campo que está em constante “vigilância”. Além disso, por sua natureza, ela convive com o inacabado, pois como bem enfatiza Ferreira (2012, p.23), “a noção de história do tempo presente está associada à ideia de um conhecimento provisório que sofre alterações ao longo do tempo. Isso significa dizer que ela se reescreve constantemente.” Ou seja, o pesquisador precisa assumir a provisoriedade de seus enunciados e reconhecer que novas camadas interpretativas surgirão conforme o distanciamento temporal e a ampliação das fontes. Assim, Ferreira (2012, p.26) ainda destaca que

Na esfera da relação memória/história e, mais especificamente, da história do tempo presente, ao menos duas questões fundamentais merecem ser destacadas. A primeira diz respeito à temporalidade, pois tanto a memória como a história do tempo presente são construções presentificadas e, portanto, passíveis de atualizações e revisões.

No entanto, cabe salientar, conforme pontua Dosse (2012), que esse caráter aberto não enfraquece a disciplina, mas, ao contrário, a torna mais atenta às polifonias do presente e aos usos sociais do passado, o qual não é algo dado e imutável (embora, no senso comum, muitas vezes se suponha que ele seja um relato pronto, bastando ao(a) historiador(a) consultá-lo e transcrevê-lo).

Para dar sentido a uma temporalidade, o(a) historiador(a) recorre a diversos métodos e fontes. Contudo, ao lidar com períodos mais distantes no tempo, geralmente ele(a) já conhece o desfecho dos eventos. Tomemos como exemplo a Revolução Americana: hoje sabemos que as Treze Colônias britânicas alcançaram a independência, mas, à época, os contemporâneos do

evento desconheciam qual seria o resultado dos acontecimentos. Essa particularidade normalmente não se aplica à História do Tempo Presente, na qual o “desfecho” dos acontecimentos estudados permanece indefinido, obrigando o(a) historiador(a) a lidar constantemente com finais abertos e inacabados. Assim, A História do Tempo Presente é um campo historiográfico que se estrutura a partir da análise de acontecimentos ainda recentes, marcados pela proximidade temporal entre o(a) pesquisador(a) e seu objeto. Esse fator, aparentemente simples, traz uma série de implicações epistemológicas, metodológicas e políticas.

Rousso (2016) afirma que escrever sobre o tempo presente exige lidar com a tensão entre memória e história, pois o(a) historiador(a) não conta apenas com documentos cristalizados pelo tempo, mas também com testemunhos, versões contraditórias e narrativas em disputa. Nesse cenário, o(a) historiador(a) não tem o privilégio do distanciamento. Certeau (1986) lembra que toda escrita da história é uma operação de seleção e recorte. No caso do tempo presente, essa operação é ainda mais delicada: selecionar documentos significa escolher dentro de um volume avassalador de informações, jornais, relatórios, discursos oficiais, postagens em redes sociais, vídeos, áudios, memes, que circulam em tempo real e em escala global. Dessa forma, o excesso documental, longe de ser garantia de objetividade, torna-se um desafio metodológico. O(a) historiador(a) precisa discernir entre a abundância de registros o que, de fato, pode ser mobilizado como fonte histórica e interpretado de forma crítica.

Para Rüsen (2007), a função da História é formar consciência histórica, isto é, articular passado, presente e futuro em narrativas que deem sentido à vida prática. A HTP, portanto, é mais do que o estudo do “agora”: é o esforço de compreender como o presente se torna histórico e como será lembrado pelas gerações futuras.

Sob esses aspectos, produzir um conhecimento historiográfico acerca do período da pandemia de Covid-19, é um desafio intenso, dado que a própria produção de sentido histórico ocorreu em meio à circulação acelerada de informações e à disputa política pela legitimidade das versões. Outro desafio relevante está relacionado à legitimação de materiais considerados periféricos, como memes, relatos de redes sociais e produções audiovisuais tidas como amadoras. Na contramão dessa perspectiva, Gatti (2020) sustenta que essas expressões culturais condensam emoções e posicionamentos políticos que raramente encontram espaço nos registros institucionais. Incorporar essas fontes implica ampliar o repertório documental e reconhecer que a memória coletiva também se constrói na cultura popular e no âmbito digital.

A Covid-19 foi uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, identificada inicialmente no final de 2019 e rapidamente disseminada em diversos países, sendo reconhecida como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde. Diante do alto potencial de transmissão do vírus, foram estabelecidas orientações sanitárias voltadas à proteção coletiva, como o uso de máscaras, a higienização frequente das mãos com água e sabão ou álcool em gel, o distanciamento social, a redução de aglomerações, a manutenção de ambientes ventilados e o isolamento de pessoas com sintomas. Posteriormente, a vacinação também se tornou uma das principais medidas para reduzir casos graves, internações e mortes.¹⁷

No centro do processo de condução da pandemia da Covid 19, o governo federal, sob a liderança de Jair Bolsonaro, assumiu uma postura negacionista que marcou profundamente a forma como o país enfrentou a crise. A análise histórica desse período não pode ignorar esse protagonismo: estudar a pandemia no Brasil é, inevitavelmente, estudar também a gestão Bolsonaro e a maneira como ela foi recebida, criticada e resignificada pela sociedade.

É nesse ponto que os memes surgem como fontes incontornáveis. Diferentemente de outros documentos, eles condensam, em linguagem humorística e acessível, a crítica social imediata. As frases “gripezinha”, “E daí?” ou “não sou coveiro”, proferidas pelo presidente, rapidamente se transformaram em matéria-prima para a criação de milhares de memes que circularam pelas redes sociais.

Esses registros digitais não apenas ironizaram a postura do governo, mas também ajudaram a fixar na memória coletiva o tom de descaso que caracterizou a gestão da pandemia. Dessa forma, analisar a pandemia a partir dos memes significa reconhecer que a HTP exige novas ferramentas, novos olhares e uma ampliação do conceito de fonte histórica.

2.1 A pandemia no Brasil, a gestão Bolsonaro e a emergência dos memes

A pandemia de Covid-19 irrompeu no Brasil em um cenário de acirramento político e desgaste institucional, convertendo-se rapidamente em um acontecimento que extrapolou o campo estritamente sanitário. Desde o início, decisões técnicas conviveram com conflitos de narrativa, judicializações e disputas entre entes federativos, o que tornou a crise um problema também de ordem comunicacional e política. Em vez de apenas uma emergência de saúde,

¹⁷ Informações da Organização Mundial da Saúde, disponíveis em: <https://www.who.int/health-topics/coronavirus?> Acesso em: 30 de maio de 2026.

constituiu-se um objeto social amplo, cuja compreensão demanda atenção às mediações culturais que orientaram como a sociedade significou o evento.

A análise proposta neste capítulo dialoga com as contribuições da História Cultural, sobretudo no que se refere à centralidade das representações, das práticas e das linguagens na construção do sentido histórico. Nesse campo, como argumenta Chartier (1990), os fenômenos históricos não se esgotam em estruturas econômicas ou em acontecimentos políticos, devendo ser compreendidos também a partir das formas pelas quais são apropriados, interpretados e significados pelos sujeitos em diferentes contextos sociais. A noção de representação, nesse sentido, não se limita a um reflexo do real, mas constitui uma operação ativa de produção de sentido, por meio da qual os grupos sociais organizam sua leitura do mundo e intervêm simbolicamente na realidade.

Sob essa perspectiva, a pandemia de Covid-19 no Brasil não se configura apenas como um evento sanitário ou político, mas como um fenômeno cultural, atravessado por disputas de representação e por diferentes regimes de interpretação. As controvérsias em torno das medidas sanitárias, das orientações científicas e das falas presidenciais evidenciam que o conflito não se deu apenas no plano das decisões institucionais, mas também no campo simbólico, onde se produziram sentidos concorrentes sobre a crise. É nesse terreno que os memes ganham relevância analítica, ao condensarem, em linguagem sintética e de ampla circulação, leituras sociais sobre o acontecimento.

Os memes, nesse sentido, podem ser compreendidos como práticas culturais que articulam imagem, texto e humor na produção e circulação de significados. Ao serem apropriados, modificados e compartilhados em diferentes contextos, esses artefatos evidenciam dinâmicas próprias da cultura digital, nas quais os sujeitos não apenas consomem conteúdos, mas participam ativamente de sua (re)significação. Como observa Burke (2008), a História Cultural contemporânea desloca o foco para essas práticas e para os modos pelos quais os indivíduos e grupos produzem sentido no cotidiano, permitindo compreender a cultura como espaço de disputa, negociação e construção simbólica.

Nesse horizonte, as contribuições de Certeau (2014) permitem aprofundar a análise ao destacar que os sujeitos, mesmo inseridos em estruturas de poder, desenvolvem táticas cotidianas de uso e apropriação dos produtos culturais. Os memes podem ser compreendidos, assim, como formas de intervenção simbólica no espaço digital, por meio das quais os usuários reinterpretam discursos oficiais, tensionam narrativas hegemônicas e produzem leituras próprias sobre os acontecimentos. Essa dimensão evidencia que a circulação de conteúdos na

internet não se limita à reprodução de mensagens, mas envolve práticas criativas de ressignificação, nas quais o consumo se converte em produção de sentidos.

Ao incorporar os memes como fontes, este trabalho se insere nessa perspectiva, reconhecendo-os como artefatos culturais que não apenas expressam opiniões, mas organizam percepções, mobilizam afetos e estruturam formas de interpretação do presente. Assim, sua análise exige considerar tanto seus conteúdos quanto as condições de sua circulação e apropriação, uma vez que é nesse movimento que se constituem como elementos relevantes para a compreensão das disputas simbólicas que marcaram a gestão da pandemia no Brasil.

Nesse contexto, Jair Bolsonaro adotou sucessivamente posturas de minimização e confronto retórico, que tensionaram a coordenação nacional das medidas e reforçaram clivagens já existentes. Falas públicas, gestos simbólicos e escolhas de comunicação se tornaram marcos da gestão presidencial e alimentaram controvérsias. Assim, invés de produzir um consenso mínimo em torno das respostas sanitárias, o discurso presidencial acabou operando como operador político de mobilização, com efeitos diretos sobre a percepção pública da pandemia (Passetti et al., 2025).

A análise da condução da pandemia no Brasil também exige considerar que o bolsonarismo não emerge de forma abrupta, mas se insere em um processo histórico mais amplo, marcado por transformações no campo político e comunicacional. Sua ascensão está relacionada à crise de representatividade das instituições tradicionais, ao fortalecimento de discursos conservadores e à ampliação do uso das redes sociais como espaço de mobilização política. Nesse cenário, a construção de uma base de apoio se deu não apenas por meio de propostas programáticas, mas pela circulação de narrativas que mobilizam afetos, simplificam conflitos e estabelecem antagonismos claros no espaço público.

Nesse sentido, é importante compreender o bolsonarismo não apenas como uma gestão de governo, mas como um fenômeno político que se consolidou por meio da articulação entre discurso, mobilização social e uso intensivo das tecnologias digitais. Diversos estudos apontam que o crescimento político de Jair Bolsonaro esteve profundamente associado à sua presença nas redes sociais, que funcionaram como espaço privilegiado de comunicação direta com seus apoiadores, contornando mediações institucionais e jornalísticas. Essa estratégia permitiu a construção de uma base política fortemente engajada, sustentada por narrativas simplificadas, apelos emocionais e constante tensionamento com adversários políticos e instituições.

Nesse contexto, o ambiente digital não atuou apenas como meio de difusão, mas como parte constitutiva da própria dinâmica do bolsonarismo, operando como uma verdadeira

máquina simbólica de produção e circulação de sentidos. A disseminação de conteúdos, a viralização de discursos e a mobilização por meio de afetos contribuíram para consolidar uma forma específica de atuação política, na qual a disputa narrativa se tornou central. Durante a pandemia, essa lógica se intensificou, fazendo com que a crise sanitária fosse também atravessada por estratégias de comunicação que buscavam influenciar percepções, reforçar identidades políticas e sustentar determinadas interpretações da realidade.

Logo nos primeiros meses, declarações do presidente passaram a condensar interpretações antagônicas sobre a crise e a circular intensamente nas plataformas digitais. A reprodução, recorte e ressignificação dessas falas (em prints, cards e montagens), favoreceram sua rápida apropriação na forma de memes, que sintetizavam críticas, ironias e também defesas. O que era um pronunciamento pontual, ao ser reeditado pelos usuários, ganhou novos sentidos e durabilidade, tornando-se elemento recorrente da vida cotidiana online.

A imagem acompanhada da legenda “E daí?”, por exemplo, cristalizou um enquadramento de indiferença diante do avanço das mortes e converteu-se em signo de memória do período. Algo semelhante ocorreu com a tentativa de reduzir a Covid-19 a uma “gripezinha”, logo contestada por experiências familiares de luto, por dados epidemiológicos e por profissionais de saúde. Essas expressões, reeditadas e remixadas, deixaram de ser apenas falas presidenciais para se tornarem artefatos culturais de amplo alcance, nos quais a crítica social encontrava uma linguagem de fácil interpretação e compartilhável.

Para a História do Tempo Presente, esse material é especialmente fértil. Os memes registram em tempo real percepções e afetos, revelando como distintos grupos codificaram a experiência da pandemia. Eles não são apenas resumos humorísticos dos eventos, mas documentos que dão acesso a sensibilidades e disputas de sentido. Ao condensarem indignações, ironias e apoios, permitem rastrear como a sociedade recebeu, interpretou e reordenou os discursos oficiais ao longo da crise.

Como lembra Chagas (2018), os memes constituem arenas simbólicas nas quais comunidades negociam significados e constroem posicionamentos. No caso brasileiro, sua circulação intensa durante a pandemia evidenciou o papel da cultura digital na formação da memória coletiva: por meio de humor, sátira e paródia, consolidaram-se contranarrativas, práticas de resistência e formas de contestação que disputaram o espaço público com versões oficiais dos acontecimentos.

Além das frases, políticas públicas questionáveis também geraram repercussão imediata em forma de memes. A insistência do governo em defender o uso da cloroquina e da

ivermectina, mesmo diante da ausência de comprovação científica, foi motivo de ironia constante. Imagens de embalagens de medicamentos acompanhadas de piadas sobre “cura milagrosa” circularam intensamente, mostrando como a população utilizava o humor para denunciar a falta de responsabilidade com a saúde coletiva. Esse tipo de registro evidencia que os memes não apenas reagem às falas presidenciais, mas também às políticas concretas implementadas ou defendidas pelo governo.

Outro episódio que repercutiu intensamente em memes foi a postura de Bolsonaro em relação às vacinas. Em dezembro de 2020, o presidente vigente declarou que não tomaria a vacina e ironizou, afirmando que a Pfizer não se responsabilizaria caso alguém “virasse jacaré” após receber a dose¹⁸. Essa fala, imediatamente apropriada pela cultura digital, originou montagens com jacarés vestidos de verde e amarelo, caricaturas do presidente como réptil e imagens satíricas em que cidadãos vacinados apareciam “transformados”. O episódio tornou-se exemplar, pois mostra que a memória da pandemia será marcada não apenas por estatísticas e relatórios, mas também por imagens e piadas que sintetizaram a postura governamental diante da vacinação.

Esse caso é emblemático porque evidencia a dupla função dos memes: de um lado, como instrumento de crítica imediata e, de outro, como registro duradouro de momentos que marcaram a gestão da pandemia. Recordar o episódio do “jacaré” é, inevitavelmente, recordar a forma como Bolsonaro lidou com a vacinação, uma memória que se consolidou principalmente nas redes digitais.

Do ponto de vista historiográfico, a análise desses memes revela que a História do Tempo Presente não se constrói apenas nos arquivos oficiais, mas também nos circuitos de comunicação popular. A memória coletiva da pandemia, no Brasil, foi profundamente marcada pelas falas e posturas do presidente, e os memes funcionaram como veículos privilegiados de fixação dessa memória.

Importa destacar ainda que esses conteúdos não circularam de forma homogênea. Enquanto parcelas da sociedade os utilizaram para criticar e denunciar o descaso governamental, grupos alinhados ao bolsonarismo também produziram memes para defender o presidente e atacar opositores. Essa disputa demonstra que os memes não são apenas expressões de resistência, mas verdadeiros campos de batalha simbólica, nos quais diferentes atores sociais buscam impor suas narrativas.

¹⁸ Jair Bolsonaro, evento em Porto Seguro, Bahia (dez. 2020): afirmação sobre possibilidade de “virar jacaré” ao comentar contrato da vacina da Pfizer. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>. Acesso em: 13 set. 2025.

Entre esses conteúdos, destacam-se memes que buscavam legitimar as ações do governo, frequentemente por meio da desqualificação de opositores, da crítica às medidas de isolamento social e da defesa do chamado “tratamento precoce”.

Figura 9 – Meme desqualificando posicionamentos contrários aos de Bolsonaro



Fonte: UnileloParaverSo, 2022.

O meme acima apresenta, em primeiro plano, Jair Bolsonaro sendo entrevistado por diversos repórteres. Na imagem, insere-se uma pergunta fictícia: “o senhor prefere café ou suco?” à qual o ex-presidente responderia “suco”. Em segundo plano, aparece, de forma igualmente fictícia e irônica, uma suposta reportagem do jornal *Folha de S. Paulo*, com a manchete: “Bolsonaro quer acabar com a indústria do café no Brasil, deixando milhares de mulheres e trans desempregadas”. O meme mobiliza o exagero e a ironia para construir uma crítica à atuação da mídia, especialmente à *Folha de S. Paulo*, jornal que, naquele contexto, publicava matérias críticas a diferentes posicionamentos do presidente. A publicação sugere que certos veículos de imprensa distorciam falas do presidente e as convertiam em manchetes sensacionalistas. Esse tipo de representação foi amplamente utilizado como estratégia de desqualificação de opositores e de contestação da credibilidade da imprensa.

Desse modo, o meme expressa uma visão de desconfiança em relação aos meios de comunicação. Ao mesmo tempo, revela que essas mídias foram apropriadas tanto por

apoiadores quanto por críticos do governo, tornando as redes sociais um espaço central de embate simbólico e político.

Nesse contexto, os memes produzidos e replicados por apoiadores de Bolsonaro, buscavam reforçar a imagem do presidente como líder que enfrentava um suposto sistema político e midiático adverso e que estaria protegendo a sociedade dos supostos males da vacina (Figura 10), reproduzindo e legitimando discursos de desconfiança em relação à imunização e às orientações científicas no período pandêmico. Nessas produções, o presidente era retratado como alguém perseguido por instituições ou injustamente criticado pela imprensa, ao mesmo tempo em que seus apoiadores eram representados como defensores da “liberdade” e da “verdade”. Esses exemplos evidenciam que os memes não operaram apenas como instrumentos de crítica, mas também como mecanismos de legitimação política, contribuindo para sustentar narrativas favoráveis ao governo no ambiente digital.

Figura 10 – Bolsonaro “protegendo” a população da vacina



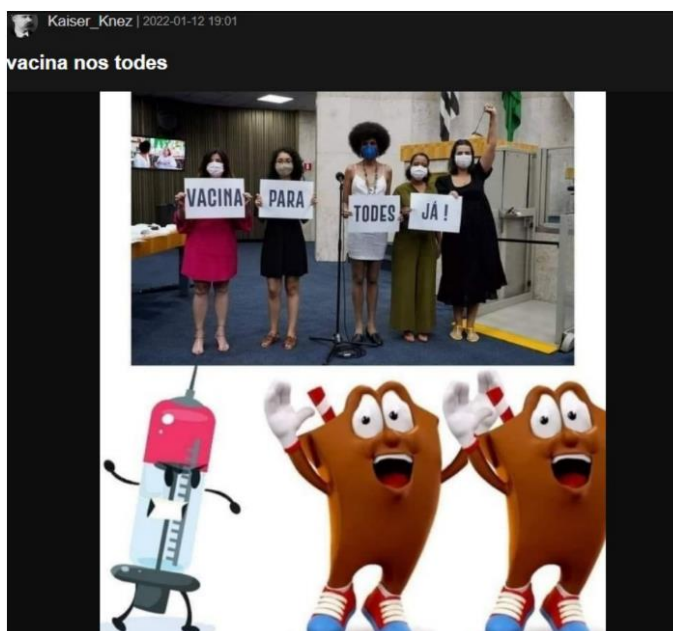
Fonte: NoslimeSaga, 2021.

O meme representado na Figura 10 usa a imagem do Superman protegendo uma criança para ironizar uma fala famosa de Bolsonaro sobre a vacina da Covid, quando ele sugeriu, em tom de deboche, que alguém poderia “virar jacaré” ao tomar o imunizante. Na parte superior da publicação aparece a frase “vacina que vai me transformar em jacaré” como se fosse uma ameaça enorme. No centro, “bolsonaro” está no corpo do Superman, ou seja, ele é representado

como alguém que estaria “salvando” o povo dessa suposta ameaça. Embaixo, “eu” aparece na posição da criança protegida, como alguém indefeso e dependente dessa proteção.

Essa publicação constrói uma representação heroica de Bolsonaro ao associá-lo à figura do Superman, convertendo sua retórica antivacina em atitude de proteção. A vacina é apresentada de forma caricatural como ameaça absurda, enquanto o presidente aparece como aquele que resguarda a população desse perigo. Assim, o meme tenta justificar a desconfiança em relação à vacina e apresentar Bolsonaro como um líder que protege seus apoiadores contra algo supostamente ameaçador. Desse modo, a linguagem memética se apresenta como uma peça de defesa política, ao transforma uma fala negacionista em gesto heroico.

Figura 11 - A ridicularização da linguagem neutra em meme sobre a vacinação



Fonte:Kaiser_Knez, 2022.

Na parte superior, aparece uma foto de mulheres segurando cartazes com essa frase, associada a uma defesa da vacinação com linguagem inclusiva. Já na parte inferior, o meme coloca uma seringa ao lado de dois personagens que lembram o Toddy, mascote publicitário do Toddynho, uma bebida láctea achocolatada bastante conhecida no Brasil. A graça pretendida está no trocadilho entre “todes” e a sonoridade de “Toddy”, como se o pedido fosse de “vacina para os Toddys”, e não para todas as pessoas.

No meme há uma distorção proposital da linguagem inclusiva, transformando a palavra “todes” em motivo de ridicularização. Assim, a publicação não está apenas brincando com sons parecidos: ele também faz uma crítica ao uso da linguagem neutra e indiretamente, ao tipo de

ativismo político e social a ela associado, pauta frequentemente alvo de rejeição e deboche entre apoiadores de Bolsonaro.

Como observam Soares et al. (2021), a lógica das redes digitais favorece a viralização de conteúdos que despertam emoções fortes. Tanto críticas quanto defesas de Bolsonaro encontraram nos memes um meio de difusão rápida e eficaz, mostrando como o humor digital pode operar ao mesmo tempo como arma de ataque e mecanismo de proteção discursiva. Para o(a) historiador(a) do tempo presente, esse é um dado crucial: compreender a gestão da pandemia implica analisar as narrativas concorrentes que se confrontaram no ambiente digital, em que ironia e sátira se converteram em recursos de disputa política.

Outro ponto que merece destaque é o fato de a democratização do registro digital conviver com um poder corporativo de censura silenciosa, na medida em que há uma contradição entre a ideia de liberdade total resultante do uso da internet e o poder concentrado das grandes empresas que, de forma silenciosa, decidem o que será visto ou esquecido¹⁹.

A pandemia de Covid-19 no Brasil, portanto, exemplifica de forma expressiva os dilemas da HTP. O excesso de informações, a polarização política, o negacionismo institucional e a proliferação de memes configuraram um quadro complexo, no qual o(a) historiador(a) é desafiado a identificar sentidos, disputas e memórias ainda em formação. Nesse cenário, a postura singular do governo Bolsonaro diante da crise não apenas impactou as políticas sanitárias, mas também se converteu em objeto de crítica e sátira em escala nacional, consolidando os memes como uma das principais formas de registro e elaboração simbólica desse período histórico.

Essa proximidade temporal com os acontecimentos coloca o(a) historiador(a) diante de dilemas específicos, sobretudo quanto às fronteiras entre Memória e História. Como enfatiza Rouso (2016), escrever sobre o presente significa lidar com memórias ainda vivas, muitas vezes contraditórias, que disputam legitimidade no espaço público. Durante a pandemia, esse dilema tornou-se evidente: enquanto o governo produzia discursos que minimizavam a gravidade da crise, familiares de vítimas, profissionais de saúde, jornalistas e cidadãos comuns

¹⁹ Estudos recentes evidenciam o impacto significativo dos algoritmos na formação da opinião pública e até mesmo no resultado de eleições. Uma pesquisa realizada pela Avaaz durante a campanha presidencial brasileira de 2018 revelou que 98% dos eleitores de Jair Bolsonaro foram expostos a, pelo menos, uma notícia falsa ao longo do período eleitoral, e 89% desses eleitores acreditaram que tais informações eram verdadeiras. Esse fenômeno decorre do funcionamento dos algoritmos, que segmentam o público e reforçam conteúdos de acordo com suas preferências: quanto mais o usuário interage com determinado tipo de informação, mais conteúdos semelhantes lhe são entregues. Dessa forma, cria-se um ambiente informacional fechado, no qual o indivíduo é exposto quase exclusivamente a conteúdos alinhados às suas ideias políticas. Esse mecanismo favorece a circulação de fake news, distorce o debate público e ameaça à integridade de eleições.

registravam dor, indignação e revolta em diferentes linguagens, entre as quais os memes se destacaram como forma potente de denúncia e resistência. Assim, diversas dessas denúncias, críticas e cobranças de posicionamento do governo foram feitas por meio de redes sociais, por páginas e perfis pessoais (Figuras 12 e 13)²⁰.

Figura 12 – Denúncia em ambiente virtual a discursos e comportamentos adotados por Bolsonaro.



Fonte: Talvezsimalvezmesmo, 2020.

A Figura 12 mostra uma postagem feita na rede social X (antigo Twitter) em julho de 2020, na qual o usuário critica a postura do então presidente Jair Bolsonaro. O texto escrito pelo internauta denuncia a exaltação da cloroquina como suposto tratamento, a realização de aglomerações e a reincidência de resultados positivos para o vírus, apontando tais condutas como passíveis de impeachment e prisão. A fotografia anexada mostra Bolsonaro de costas, erguendo um objeto (aparentemente uma caixa de cloroquina) diante de uma multidão, configurando um gesto que simbolicamente remete a um ato ritualístico. Assim, a publicação denuncia a ilegalidade e a irresponsabilidade do ato.

²⁰ Publicações feitas nas redes sociais como críticas aos posicionamentos/práticas de Bolsonaro durante a pandemia, disponíveis em: <https://x.com/talvezsimalvezmesmo/status/1285900766335643649>; <https://x.com/M0R02022/status/1269424351184551937>. Acesso em: 01 de jul. de 2025

Figura 13 – Crítica nas redes sociais a falas e atitudes do Bolsonaro



Fonte: Guardião da Justiça, 2020.

Na Figura 13, outro usuário da mesma rede social elencou uma série de atitudes do presidente. A hashtag #BolsonaroTransparênciaZero reforça a crítica a essas condutas na gestão da pandemia. Do ponto de vista discursivo, a publicação opera como um instrumento de memória contra-hegemônica. Ao reunir em tópicos uma "lista de falhas", ele constrói uma narrativa acusatória que contesta a memória oficial do governo sobre sua atuação na pandemia. Desse modo, as Figuras 12 e 13 evidenciam como as plataformas digitais foram ambientes de disputa simbólica durante a pandemia, funcionando como espaços de denúncia e contestação à narrativa governamental.

Ferreira (2000) lembra que o tempo presente não é apenas um recorte cronológico, mas um campo de tensão em que o(a) historiador(a) precisa lidar com a multiplicidade de vozes e com a velocidade das transformações sociais. Essa perspectiva ajuda a compreender por que os memes se tornam fontes relevantes: eles condensam, em tempo real, reações diante de acontecimentos em curso, permitindo captar percepções que dificilmente seriam registradas por outras tipologias documentais. Nessa mesma linha, Ferreira (2012, p.27) argumenta que

O mundo no qual vivemos produz em abundância diferentes recursos documentais que enriquecem a produção do saber histórico e podem também tornar mais vivo, interessante e instigante o ensino da história.

Essa perspectiva reforça a importância de explorar a diversidade de fontes disponíveis, que contribuam para uma compreensão mais plural do passado e para um ensino de história mais significativo e crítico. Entre essas fontes destacam-se os testemunhos, que embora ricos em significados, também carregam riscos, como a cristalização de perspectivas individuais em detrimento de análises estruturais. Oliveira e Ferreira (2022) sugerem que o(a) historiador(a) combine o respeito à singularidade da experiência com a atenção às determinações políticas e econômicas que moldaram o cenário pandêmico. Essa postura contribui para evitar tanto o sentimentalismo descontextualizado quanto a abstração excessiva.

Nesse processo, os memes também problematizam a própria noção de documento histórico. Tradicionalmente, entendia-se o documento como registro estável, produzido e arquivado em instituições reconhecidas. Com a cultura digital, essa concepção precisa ser ampliada. Como observa Chartier (1988), a história deve voltar-se para as práticas culturais e para as formas de circulação de sentidos. Assim, mesmo sendo peças efêmeras, os memes adquirem valor documental porque revelam práticas sociais e culturais que marcam o tempo presente. Analisar os memes da pandemia de Covid-19 significa, portanto, ampliar o repertório documental da historiografia e reconhecer que a crítica ao governo Bolsonaro também se expressou em formatos que escapam ao modelo tradicional.

Outro ponto central é o papel da ironia e do humor como recursos de memória. Sevcenko (2003) já destacava que o riso, no Brasil, sempre funcionou como forma de crítica política e social, usado para enfrentar situações de opressão e desigualdade. Durante a pandemia, essa tradição se renovou no ambiente digital: os memes transformaram frases e atitudes de Bolsonaro em símbolos de descaso, tornando o humor uma forma de resistência e de elaboração simbólica da crise. Esse aspecto merece destaque na História do Tempo Presente, pois evidencia que a crítica política não se limita aos espaços institucionais, mas também se manifesta nas linguagens populares que circulam nas redes sociais.

Do ponto de vista metodológico, trabalhar com memes exige desenvolver critérios de seleção e análise. Como a produção é massiva e contínua, não é possível abarcar a totalidade dos conteúdos. Cabe ao(a) pesquisador(a) estabelecer recortes, identificar padrões e interpretar os sentidos atribuídos pelos diferentes grupos sociais, reconhecendo que cada meme é, ao mesmo tempo, registro documental e ato de intervenção política. Sendo assim, como aponta Ginzburg (2007), a análise indiciária permite ao(a) historiador(a) atribuir relevância a rastros aparentemente marginais. Os memes, nesse sentido, funcionam como indícios da forma como a sociedade percebeu a gestão da pandemia.

Por isso, a análise historiográfica da pandemia não pode restringir-se ao registro da crise sanitária em seus aspectos biomédicos. É indispensável considerar as dimensões políticas, simbólicas e comunicacionais que a atravessaram. O governo Bolsonaro, com seu discurso negacionista e suas práticas de enfrentamento questionáveis, não apenas influenciou o curso da pandemia no Brasil, mas também como a população a percebeu.

Reconhecer essa dimensão é essencial para compreender a experiência histórica vivida pelos brasileiros e brasileiras, uma vez que a memória coletiva do período será, em grande medida, mediada por essas linguagens digitais. Nesse processo, os memes assumem centralidade, pois não apenas registram o impacto das falas presidenciais, mas também transformam em ironia as políticas de governo e ajudam a fixar na memória social a percepção de descaso que marcou a condução da crise.

Assim, o estudo da pandemia de Covid-19 sob a ótica da História do Tempo Presente evidencia que o presente é construído em meio a disputas de sentido, nas quais os memes desempenham papel decisivo. Para a historiografia, esse movimento representa um convite a repensar métodos, ampliar o repertório de fontes e reconhecer a cultura digital como campo legítimo de produção e preservação da memória histórica.

2.2 Memes e a memória coletiva da pandemia na gestão Bolsonaro

A memória coletiva, conforme formulada por Halbwachs (2004), não corresponde a um simples acúmulo de lembranças individuais. Trata-se de um processo socialmente construído, compartilhado em grupos que selecionam, organizam e ressignificam o passado de acordo com necessidades do presente. Esse conceito é fundamental para compreender como a pandemia de Covid-19 foi elaborada pela sociedade brasileira, especialmente no contexto da gestão do governo Bolsonaro. Mais do que uma emergência sanitária, a pandemia se constituiu como um campo de disputa narrativa, no qual diferentes versões competiram pelo direito de serem reconhecidas como a “verdadeira memória” do período.

Por vezes durante a pandemia, a memória coletiva foi disputada a partir de silêncios que pesaram mais que os discursos explícitos. Basta percorrer o vazio deixado por famílias que não puderam se despedir para perceber que o esquecimento seletivo, como destacado por Bourdieu (2007), funciona como instrumento de dominação simbólica. Nesse sentido, a História do Tempo Presente se converte num campo de reparação social e, por isso, em seus estudos sobre memória coletiva, Elizabeth Jelin (2002), enfatiza que a disputa pelo passado não é apenas

disputa de interpretações — é uma luta pelo direito de nomear o sofrimento e de exigir reparação.

A postura do presidente da República vigente à época foi determinante nesse processo. Desde o início, Jair Bolsonaro buscou enquadrar a pandemia em uma narrativa política que minimizava sua gravidade e deslocava responsabilidades. Sua insistência em classificar a doença como “gripezinha”, a defesa de tratamentos ineficazes e a recusa em adotar medidas preventivas alinhadas às recomendações científicas, configuraram uma versão oficial marcada pelo negacionismo e pela desinformação.

Essa narrativa, contudo, não circulou de forma isolada. Ela foi imediatamente confrontada por outras vozes sociais, de familiares de vítimas, profissionais de saúde, cientistas, jornalistas e cidadãos comuns, que denunciaram o descaso governamental e mobilizaram linguagens diversas para expressar indignação. Entre essas linguagens, destacou-se o humor digital.

Nesse contexto, os memes assumiram papel central como instrumentos de contestação e elaboração simbólica, ou seja, se tornaram ferramentas de construção e circulação de sentidos coletivos, funcionando como registros da experiência histórica vivida em tempo real (Chagas, 2018). No caso da pandemia, não apenas refletiram críticas e revolta, mas também fixaram elementos fundamentais da memória coletiva.

Como já mencionamos, expressões como “E daí?” ou a piada sobre “virar jacaré” após a vacinação extrapolaram o campo das falas presidenciais: foram ressignificadas nos memes e se consolidaram como símbolos de um governo que, para amplos setores sociais, representou negligência diante de uma tragédia sem precedentes. Essa fixação simbólica é particularmente relevante porque a memória moderna se organiza em registros que cristalizam experiências coletivas. No ambiente digital, os memes funcionam como esses registros memória, ao condensar episódios e discursos em formatos visuais de fácil circulação. Assim, ao rir de um meme sobre a “cloroquina milagrosa”, milhares de brasileiros não apenas expressaram humor, mas também participaram de um processo coletivo de elaboração da experiência da pandemia e de crítica à condução governamental.

A memória da pandemia, portanto, não se restringe ao registro institucional presente em decretos ou relatórios oficiais. Ela é também popular e digital, construída no fluxo contínuo das redes sociais. Essa dimensão é crucial para compreender o impacto da gestão Bolsonaro, pois se de um lado, sua retórica buscava negar ou minimizar a crise, de outro, a multiplicação de memes assegurou que frases e atitudes presidenciais permanecessem lembradas como símbolos

de descaso e insensibilidade. Tal disputa evidencia que a memória coletiva não se constrói apenas a partir do poder instituído, mas também pela capacidade da sociedade de resistir, ironizar e reinterpretar os acontecimentos.

Para o(a) historiador(a), o desafio é identificar como esses registros digitais contribuem para fixar determinadas imagens do período e, ao mesmo tempo, quais silêncios e esquecimentos eles carregam. Optar por trabalhar com memes como fonte histórica significa, portanto, reconhecer a centralidade da cultura digital na constituição da memória social contemporânea.

À vista disso, a memória coletiva da pandemia no Brasil se entrelaça diretamente às falas e atitudes do presidente Jair Bolsonaro. Cada declaração polêmica, cada gesto de indiferença e cada posicionamento contrário ao consenso científico tornou-se matéria-prima para a elaboração de críticas sociais que encontraram, nos memes, uma linguagem privilegiada. O humor digital, nesse caso, não apenas denunciou a negligência governamental, mas também fixou momentos que se tornaram marcos simbólicos da gestão da crise.

Um dos exemplos mais emblemáticos é a declaração de Bolsonaro ao se referir à Covid-19 como uma “gripezinha” (março de 2020)²¹. A frase, dita em rede nacional, foi imediatamente apropriada nas redes sociais e rapidamente transformada em memes que ironizavam a minimização da doença diante do número crescente de mortes. Imagens de caixões com a legenda “apenas uma gripezinha” ou montagens com hospitais lotados viralizaram, revelando a contradição entre o discurso oficial e a realidade vivida. Esse processo garantiu que a expressão fosse fixada como símbolo da insensibilidade governamental, hoje, dificilmente se lembra da pandemia sem associar “gripezinha” ao discurso de Bolsonaro, o que mostra como os memes ajudaram a consolidar essa memória.

Outro momento de grande repercussão foi a frase “E daí?”, pronunciada em abril de 2020, quando o número de mortes ultrapassava cinco mil²². A indiferença implícita na fala gerou indignação e, ao mesmo tempo, alimentou uma enxurrada de memes que retratavam o presidente como insensível ao sofrimento da população.

Imagens de Bolsonaro em situações de lazer, acompanhadas da legenda “E daí?”, tornaram-se recorrentes, cristalizando a frase como símbolo da omissão governamental. Dessa forma, a memória se constitui tanto por registros formais quanto por símbolos que sintetizam

²¹ Jair Bolsonaro em live (06 março 2020): declaração em que se refere à Covid-19 como “gripezinha”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcxB7DsEAFQ>. Acesso em: 13 set. 2025.

²² Jair Bolsonaro, 28 de abril de 2020: durante pronunciamento/pesar público, questionado sobre número de mortes por Covid-19 que ultrapassavam cinco mil, respondeu “E daí?”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y2f0jdM56J0>. Acesso em: 13 set. 2025.

experiências coletivas (Ricoeur, 2008). Nesse caso, os memes garantiram que a expressão fosse eternizada como metáfora do descaso oficial.

A insistência na defesa do chamado “kit Covid”²³, composto por medicamentos como cloroquina e ivermectina, também originou inúmeros memes. Montagens com caixinhas de remédio acompanhadas de slogans como “cura milagrosa” ou “salvação nacional” circularam intensamente, expondo a fragilidade científica das medidas defendidas pelo governo. Essa produção humorística contribuiu para que a defesa da cloroquina fosse lembrada não apenas como uma política equivocada, mas também como objeto de ridicularização popular. Assim, os memes funcionaram como ferramentas de denúncia que ajudaram a fixar a imagem de um governo marcado pelo improviso e pela desinformação.

Esses exemplos ilustram como os memes transformaram falas e atitudes de Bolsonaro em símbolos da memória coletiva. Eles não apenas registraram os acontecimentos, mas os ressignificaram, atuando como mediadores da experiência histórica. Assim, a memória se forma em grupos sociais que selecionam aquilo que merece ser lembrado (Halbwachs, 2004). No caso brasileiro, os grupos críticos ao governo encontraram nos memes uma forma eficaz de fixar lembranças incômodas, garantindo que palavras faladas pelo presidente não fossem esquecidas. Por outro lado, é necessário reconhecer que os memes também foram apropriados por apoiadores de Bolsonaro como instrumentos de defesa e mobilização política, visto que nem todas essas mídias que circulavam possuíam caráter contestatório da gestão de Bolsonaro.

Nas publicações em redes sociais ou em grupos de WhatsApp e Telegram alinhados ao bolsonarismo, circularam conteúdos reforçavam estereótipos e disseminavam informações enganosas, ridicularizando o uso de máscaras ou ironizando o risco da contaminação, contribuindo para normalizar comportamentos de risco (Figura 14)²⁴. Nesses casos, o humor atuou como legitimação simbólica do negacionismo.

²³ Jair Bolsonaro defende hidroxicloroquina e ivermectina como parte do “kit Covid” em discurso/texto público. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vVp_5KUEYuA. Acesso em: 13 set. 2025.

²⁴ Publicação do meme disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/2986054>. Acesso em: 22 de jul. de 2025.

Figura 14 – Meme que normalizava comportamento de risco



Fonte: deleted_d44efcc0629, 2020.

A Figura 14 apresenta um meme compartilhado em junho de 2020, por um usuário de plataforma digital denominada de Memedroid. A imagem estabelece uma comparação entre dois contextos históricos distintos: a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) e a pandemia de COVID-19, que chegou ao Brasil no início de 2020. Na primeira imagem, soldados aparecem correndo em direção a um combate a céu aberto. Já na segunda, ambientada no interior de uma casa, observa-se um homem completamente coberto, utilizando máscara, segurando em uma mão uma placa com os dizeres “fique em casa” e, na outra, uma embalagem de álcool (produto amplamente utilizado durante a crise sanitária para higienização de mãos e objetos). Além disso, a cena inclui cachorros usando máscaras, aumentando o tom irônico do conteúdo.

A legenda da primeira imagem diz: “Gerações passadas enfrentando um problema”, enquanto a da segunda afirma: “Gerações atuais enfrentando um problema”. A comparação proposta pelo meme, no entanto, é desproporcional e irresponsável, uma vez que os contextos históricos retratados são profundamente diferentes e, portanto, não poderiam ser enfrentados da mesma maneira.

Além disso, o conteúdo carrega, de forma implícita, uma ideia de “superioridade” atribuída à geração que foi ao campo de batalha durante a Primeira Guerra Mundial, em relação

àqueles que, por responsabilidade e respeito à vida própria e à dos outros, optaram por permanecer em casa durante a pandemia. Essa ideia é ainda mais reforçada pela legenda inserida pelo usuário: “geração maldita”, o que evidencia uma crítica direta e pejorativa às pessoas que estavam enfrentando a crise sanitária e responsabilmente optava por ficar em casa. Este é um exemplo claro de como alguns memes, durante a pandemia, reforçavam a naturalização de comportamentos imprudentes (como sair de casa) e ironizavam aqueles que seguiam as orientações médicas e adotavam medidas preventivas recomendadas pelas autoridades de saúde.

Gatti (2020) mostra que a iconografia da pandemia passou a incluir imagens que, em outro contexto, seriam vistas como desrespeitosas e chama atenção para a normalização do humor ácido, que se tornou moeda corrente nas *timelines*. Essa tendência gerou debates sobre limites éticos da sátira. Além disso, memes que ironizavam medidas de prevenção, como o uso de máscaras, contribuíram para legitimar comportamentos de risco. Reforçando assim, uma retórica de desprezo pela ciência, travestida de comicidade. Produções como essa revelam que os memes foram, acima de tudo, um terreno de disputa simbólica: enquanto alguns cristalizavam o descaso governamental, outros o ressignificavam como traço de coragem ou resistência política.

Para o(a) historiador(a), compreender essa ambivalência é fundamental, pois evidencia que a memória coletiva da pandemia não é unívoca, mas plural e conflituosa. Em todos esses casos, torna-se evidente que os memes desempenharam papel ativo na construção da memória social da crise. Longe de serem registros periféricos, consolidaram-se como documentos centrais da experiência vivida, revelando percepções, afetos e disputas políticas.

A análise historiográfica que se propõe neste trabalho parte justamente desse reconhecimento: a memória da pandemia e da gestão Bolsonaro será, em grande medida, lembrada por meio das imagens e piadas que circularam no espaço digital, reafirmando a centralidade da cultura digital na produção e fixação da memória histórica contemporânea.

A pandemia da Covid-19 produziu inúmeros desses espaços de memória digitais. Esses conteúdos extrapolaram o momento de sua circulação inicial e permaneceram como referências para avaliar o governo e sua postura diante da tragédia sanitária. Como observa Ricoeur (2008), a memória se constrói por meio de seleções coletivas. Logo, fato de esses memes terem se tornado virais demonstra que foram escolhidos socialmente como representações significativas da experiência vivida, fixando-se como registros simbólicos de um período marcado pela dor, pelo conflito político e pela disputa de narrativas.

Sob essa ótica, para a historiografia, a análise dos memes coloca desafios importantes. O primeiro deles é a própria efemeridade dessas fontes. Diferentemente dos arquivos oficiais, preservados em instituições, os memes circulam em ambientes digitais sujeitos à exclusão, à obsolescência tecnológica e à multiplicação incessante de versões.

Nesse contexto, os arquivos digitais se configuram como territórios de disputa, pois aquilo que se registra, torna visível e se preserva está diretamente ligado a relações de poder. O chamado “trabalho de enquadramento” não é neutro: ele reinterpreta o passado a partir dos interesses e combates do presente. Assim, ao selecionar fontes, definir quem pode falar e restringir o acesso a determinados arquivos, grupos e instituições acabam influenciando diretamente quais narrativas poderão ser contadas no futuro.

O(a) historiador(a) precisa, portanto, desenvolver estratégias metodológicas para coletar, organizar e interpretar esses registros antes que desapareçam. Projetos de arquivamento digital, como o “Arquivo da Memória Covid-19” da USP²⁵, e também outros projetos criados em outras universidades brasileiras, representam tentativas de enfrentar essa questão, mas ainda se mostram insuficientes diante da avalanche de conteúdos produzidos diariamente.

O segundo desafio é o da interpretação, pois os memes não podem ser lidos apenas como piadas isoladas, é necessário compreender o contexto de sua produção, circulação e recepção. As redes sociais digitais constituem ecossistemas comunicacionais complexos, nos quais conteúdos adquirem sentidos distintos a depender dos grupos em que circulam (Recuero, 2012). Por exemplo, um mesmo meme sobre a “gripezinha” pode ser usado como crítica em ambientes opositores ou como defesa irônica em grupos bolsonaristas. Esse aspecto reforça que os memes são arenas de disputa narrativa, nas quais a memória da pandemia se constrói de forma conflituosa e plural.

Um terceiro ponto é a dimensão política da memória. Como lembra Le Goff (2013), a memória é sempre campo de poder: quem controla o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido exerce influência sobre o futuro. No caso da pandemia, o governo Bolsonaro buscou impor uma narrativa oficial que minimizava a gravidade da crise. A título de exemplo, em relação aos números da Covid-19, o portal do Ministério da Saúde excluiu de sua plataforma oficial em junho de 2020, os dados que anteriormente indicavam o total acumulado de

²⁵ Arquivo da Memória Covid-19 (USP): acervo público que reúne vídeos, áudios, documentos oficiais, depoimentos e mapa multimídia como parte das iniciativas do Centro de Pesquisas em Direito Sanitário da USP e outras entidades, com objetivo de preservar registro da pandemia, sob responsabilidade de pesquisadores da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/acervo-preserva-a-memoria-da-pandemia-e-dos-crimes-cometidos-contra-a-saude-no-periodo/>. Acesso em: 14 set. 2025.

infectados e óbitos causados pelo vírus deixaram de ser divulgados de forma completa²⁶. No dia seguinte, o portal voltou a publicar os números, mas com uma alteração significativa: em vez de apresentar o acumulado desde o início da pandemia, passou a exibir apenas os casos e mortes registrados nas últimas 24 horas daquela data.

Em defesa dessa medida, o presidente se pronunciou em suas redes sociais afirmando que “Ao acumular dados, além de não indicar que a maior parcela já não está com a doença, não retratam o momento do país. Outras ações estão em curso para melhorar a notificação dos casos e confirmação diagnóstica” (Bolsonaro, 2020)²⁷. Ao adotar tal conduta o presidente pretendia, na realidade, ocultar a real magnitude da Covid-19 no país que, naquele momento, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, era o segundo do mundo com mais mortes causadas pelo vírus.²⁸

Contudo, os memes também funcionaram como formas de contramemória, indo de encontro a narrativas que o governo tentava impor. Dessa maneira, a sociedade encontrou no humor um modo de resistir ao apagamento e de construir registros alternativos à versão governamental.

Ao analisar memes, o(a) historiador(a) reconhece que a pandemia não será lembrada apenas pelos dados epidemiológicos ou pelos relatórios oficiais, mas também pelas imagens que ironizaram e denunciaram a postura do governo. Essa constatação amplia o escopo da História do Tempo Presente e exige a elaboração de novas metodologias para lidar com fontes digitais, voláteis e multifacetadas. Mais do que registros marginais, os memes se consolidam como evidências centrais da memória coletiva da pandemia no Brasil, pois tornam visível a forma como a gestão Bolsonaro foi recebida, reinterpretada e disputada no espaço público.

2.3 Humor, ironia e crítica social nos memes da pandemia

O humor, em diferentes épocas, sempre desempenhou um papel político e social de destaque. Bergson (2018), em seu clássico ensaio sobre o riso, já indicava que a comicidade

²⁶ EL PAÍS BRASIL. Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a covid no Brasil em meio à disparada das mortes, disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html>. Acesso em: 26 de jun. de 2025

²⁷ Publicação de Bolsonaro em sua rede social, para “justificar” o apagamento de dados do site do Ministério da Saúde, disponível em: <https://x.com/jairbolsonaro/status/1269241529387888640>. Acesso em 26 de jun. de 2025

²⁸ Dados da Organização Mundial da Saúde que revelam que em junho de 2020 o Brasil estava em segundo lugar na classificação de países com mais mortes por Covid-19, disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200603-covid-19-sitrep-135.pdf?sfvrsn=39972feb_2. Acesso em 26 de jun. de 2025

atua como forma de sancionar desvios e expor contradições sociais. No Brasil, essa função foi amplamente estudada por Sevcenko (2003), que destacou como o riso, em momentos de crise, serve tanto para aliviar tensões quanto para denunciar estruturas de poder.

Durante a pandemia de Covid-19, atravessada pela gestão negacionista do governo Bolsonaro, essa tradição foi reatualizada. Os memes se consolidaram como instrumentos de crítica social, expondo contradições do discurso oficial e reforçando a indignação coletiva em meio à tragédia.

No contexto da HTP, o humor digital deve ser reconhecido como registro legítimo da experiência histórica. Como lembra Certeau (1986), a escrita da história é atravessada por práticas sociais, e os memes podem ser entendidos como práticas narrativas que elaboram o presente por meio da ironia. Nesse processo, frases e gestos presidenciais foram convertidos em piadas visuais que condensavam críticas em formatos acessíveis e compartilháveis.

A ironia não diluiu a gravidade dos acontecimentos; ao contrário, potencializou a crítica ao traduzir em humor a percepção popular de que a crise era tratada com descaso e irresponsabilidade. Ao circular em massa, os memes transformaram falas oficiais em símbolos da memória coletiva, revelando que, em tempos de polarização, o riso pode ser ao mesmo tempo catarse e denúncia.

A comicidade absurda dessas situações expunha a falta de seriedade do discurso governamental, transformando o presidente em alvo de ridicularização inclusive no cenário internacional, uma vez que diversas charges (Figuras 15 e 16) e memes (Figura 17) que circularam fora do Brasil, associavam a figura do presidente a estratégias de negligência sanitária. Essa recepção global reforçou a dimensão política da sátira.

Figura 15 – Charge sobre Bolsonaro feita por um alemão



Fonte: Timo Essner, 2020.²⁹

Figura 16 – Charge sobre Bolsonaro criada por um português



Fonte: Pedro Silva, 2021.³⁰

As Figuras 15 e 16 exemplificam charges produzidas fora do Brasil que satirizam a má gestão do presidente Jair Bolsonaro durante a crise sanitária. Na Figura 15, a charge retrata o

²⁹ Charge disponível em: <https://www.cartoonmovement.com/cartoon/bolsonaro-covid19>. Acesso em: 23 de jul. de 2025.

³⁰ Charge disponível em: <https://www.cartoonmovement.com/cartoon/jair-bolsonaro-2>. Acesso em 23 de jul. de 2025.

governante com aspecto debilitado, usando máscara e tossindo. A ilustração é acompanhada da frase irônica: “não há tosse”. Essa arte foi publicada em 8 de julho de 2020, um dia após Bolsonaro ter testado positivo para a Covid-19. Antes do diagnóstico, o presidente vinha sistematicamente minimizando a gravidade da pandemia: desestimulava o uso de máscaras, provocava aglomerações e se referia à doença como uma “gripezinha”. Mesmo apresentando sintomas como febre e mal-estar, inicialmente negou estar infectado, chegando a retirar a máscara diante de jornalistas durante a coletiva em que anunciou o resultado positivo, como forma de desdém.

Na Figura 16, o presidente é representado dentro de uma cova, fazendo o gesto de arma com as mãos (postura simbólica amplamente associada a ele e a seus apoiadores). Ao fundo, observam-se diversos túmulos, compondo um cenário fúnebre. A charge foi publicada em outubro de 2021, como crítica incisiva ao marco dos 600 mil mortos por Covid-19 no Brasil, denunciando a postura negligente de Bolsonaro diante da pandemia e a banalização da tragédia nacional.

Figura 17 – Meme produzido internacionalmente



Fonte: The Indian Express³¹

A Figura 17 apresenta um meme que foi compartilhado por um jornal da Índia. De um lado, aparece uma imagem de Bolsonaro durante um pronunciamento oficial; do outro, uma sequência que mostra uma mulher gradualmente se transformando em jacaré. Abaixo das imagens, lê-se a legenda “a reação”, em referência direta à declaração do presidente de que, ao tomarem a vacina contra a Covid-19, as pessoas poderiam “virar jacaré”. Por meio do humor,

³¹ Meme disponível em: <https://indianexpress.com/article/trending/trending-globally/brazil-president-bolsonaro-covid-vaccine-can-turn-people-into-crocodiles-reactions-jacare-memes-7111095/?>. Acesso em: 23 de jul. de 2025.

a mídia internacional constrói uma crítica ao discurso negacionista e anticiência adotado por Bolsonaro durante a crise sanitária, evidenciando o impacto global de suas falas.

Quando analisados como documentos históricos, os memes e as charges revelam mais que anedotas passageiras. Eles são, como enfatiza Gatti (2020), sínteses afetivas que ajudam a compreender como diferentes grupos sociais processaram o trauma coletivo. O uso de *gifs*, vídeos curtos e montagens contribuiu para a difusão de críticas em formatos acessíveis.

Por vezes, a sátira foi a principal forma de manifestar indignação sem resultar em censura direta³². A ambiguidade do riso “protege” quem critica, ao mesmo tempo em que dificulta enquadramentos jurídicos. Essa ambivalência converte o humor em recurso estratégico.

A literatura sobre humor e crítica social ajuda a compreender essa dinâmica. Soares e Volcan (2023), ao analisar práticas de comunicação digital, destacam que a ironia é uma linguagem privilegiada em tempos de polarização, pois condensa posições políticas em formatos rápidos e compartilháveis. No Brasil, os memes cumpriram justamente esse papel: traduziram em piadas visuais as contradições da gestão Bolsonaro, ampliando o alcance da crítica e inserindo-a no cotidiano.

Do ponto de vista historiográfico, reconhecer o humor como fonte é admitir que a História também se constrói em linguagens aparentemente banais. Como lembra Ginzburg (2007), indícios marginais podem revelar aspectos centrais de uma sociedade. Os memes humorísticos da pandemia revelam como a população interpretou a crise e construiu formas de resistência simbólica, tornando o humor não apenas alívio diante da dor, mas categoria histórica fundamental para compreender a memória da gestão Bolsonaro.

Essa dimensão já havia sido identificada por Bakhtin (2010), ao mostrar que o riso coletivo, na cultura popular medieval, subvertia hierarquias e expunha o ridículo das autoridades. Atualizada no ambiente digital, essa lógica se manifesta nos memes que contestaram o discurso presidencial durante a pandemia. O riso, nesse caso, foi instrumento de crítica social, capaz de desestabilizar a imagem de autoridade e questionar o discurso oficial. A ironia emergia do contraste entre a retórica de normalidade e a experiência concreta da tragédia.

³² Salvo em algumas situações. Em 2020 o chargista Renato Aroeira publicou uma charge que retratava Bolsonaro transformando uma cruz vermelha (símbolo da saúde) em uma suástica nazista, em referência à condução do presidente durante a pandemia de Covid-19. A charge incluía a frase: “Bora invadir outro hospital?” (em alusão a declarações de Bolsonaro incentivando apoiadores a entrarem em hospitais para verificar a real ocupação de leitos). O ministério da Justiça pediu que a Polícia Federal investigasse o cartunista por suposto crime contra a Lei de Segurança Nacional, alegando ofensa à honra do presidente.

O meme, nesse sentido, funcionava como denúncia visual, tornando explícita a distância entre palavras e realidade. Como observa Charaudeau (2006), a ironia é um recurso comunicativo que desvela contradições e atribui novos sentidos a discursos estabelecidos.

Outro aspecto central foi a ridicularização da figura presidencial. Bolsonaro, conhecido por sua postura provocativa e linguagem coloquial, tornou-se alvo constante de sátiras digitais que exploravam sua performance pública. O descaso em relação ao uso de máscaras e a insistência em defender medicamentos ineficazes foram amplamente ironizados, expondo a fragilidade de sua política sanitária e reforçando a percepção de incompetência.

Esses episódios, ao serem apropriados de forma criativa e irônica, converteram-se em símbolos duradouros da memória coletiva. A repetição humorística cristalizou a ideia de indiferença e desresponsabilização, elementos que marcaram profundamente a imagem pública do governo durante a pandemia.

Do ponto de vista social, os memes irônicos também exerceram função pedagógica, ainda que informal. Ao traduzir críticas políticas em formatos acessíveis e compartilháveis, ampliaram o alcance do debate público e tornaram a contestação compreensível para segmentos da sociedade que, muitas vezes, estavam distantes das análises acadêmicas ou jornalísticas. Assim, a viralização de conteúdos em redes sociais ocorre, em grande medida, por sua capacidade de traduzir mensagens complexas em formatos simples e carregados de emoção (Recuero, 2012). O meme irônico cumpre exatamente essa função: transforma indignação política em piada rápida, capaz de circular em massa e fixar sentidos na memória social.

A ironia também evidenciou a criatividade popular em tempos de crise. Durante o auge da pandemia, campanhas de prevenção foram reinterpretadas em memes que ironizavam o comportamento presidencial. Ao contrapor a recomendação “use máscara” a imagens de Bolsonaro sem proteção, a crítica digital responsabilizava a autoridade máxima do país pelo agravamento da crise e, ao mesmo tempo, reforçava a importância das medidas sanitárias.

Em síntese, a ironia nos memes não deve ser vista como riso trivial, mas como linguagem de resistência. Ela transformou raiva e indignação em humor criativo, ampliando a visibilidade das falhas governamentais e contribuindo para a formação de uma memória crítica da gestão Bolsonaro. Nesse processo, o meme irônico se consolidou como documento histórico do tempo presente, revelando percepções coletivas e formas de elaboração social da experiência da pandemia.

Ademais, o riso, ainda que efêmero, desempenhou papel central na mediação dessa experiência. Freud (2017), em seu estudo sobre o chiste e o inconsciente, já havia observado

que o humor permite lidar com situações angustiantes de maneira menos opressiva, transformando a dor em algo socialmente compartilhável. Essa dimensão continua atual: no Brasil, durante a pandemia, o riso digital foi também forma de resistência simbólica.

Dentro desse contexto, durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, marcada por índices alarmantes de mortes e pelo colapso do sistema de saúde, os memes se tornaram espaço privilegiado para narrar a dor coletiva por meio da ironia. Essa resignificação do sofrimento não apagava a tragédia, mas criava condições simbólicas para que a população suportasse o cotidiano de perdas.

No caso brasileiro, essa dimensão esteve diretamente ligada à postura do governo Bolsonaro. O descaso reiterado diante da pandemia intensificou a indignação popular e alimentou a necessidade de transformar a revolta em crítica humorada. Os memes, assim, funcionaram como válvulas de escape e como linguagem de denúncia, mostrando que, mesmo em meio ao luto, a sociedade buscava formas de elaborar simbolicamente sua dor e de desafiar o poder político. Esse processo encontra paralelos em outros momentos históricos. Sevcenko (2003) observa que, durante a Primeira República, as charges políticas desempenharam papel fundamental na crítica ao poder, utilizando a sátira para questionar elites e denunciar injustiças.

De maneira semelhante, em regimes autoritários, o humor foi uma das poucas linguagens possíveis para driblar a censura e expor contradições do sistema. No tempo presente, os memes atualizam essa tradição: assumem a função de resistência criativa em meio à polarização e ao negacionismo, transformando o riso em ferramenta de crítica social.

O humor, contudo, não se limita à denúncia política. Ele também opera como forma de elaboração coletiva do trauma. Ao compartilhar memes sobre a pandemia, os brasileiros criaram comunidades de sentido nas quais a dor era reconhecida e, ao mesmo tempo, suavizada pela comicidade. Essa elaboração coletiva se conecta ao que Halbwachs (2004) descreve como memória social: não se trata apenas da lembrança individual, mas de um processo construído em grupo, no qual os significados do sofrimento são compartilhados e fixados. Ao rir das contradições governamentais, a população não negava a gravidade da situação, mas encontrava meios de narrar e registrar a experiência em linguagens próprias.

Essa dimensão de resistência é fundamental para a historiografia. Os memes humorísticos da pandemia registraram a indignação popular e mostraram que a sociedade não aceitou passivamente o discurso oficial: reagiu, criou narrativas alternativas e consolidou, na memória coletiva, imagens críticas da gestão Bolsonaro.

Em síntese, o humor nos memes da pandemia cumpriu funções múltiplas: denunciou o descaso governamental, ridicularizou falas presidenciais, ajudou a elaborar a dor coletiva e construiu registros que se fixaram na memória social. Como lugar de resistência, mostra que, mesmo em contextos de crise profunda, sujeitos sociais encontram meios criativos de enfrentar o poder e de narrar sua experiência.

Para a HTP, reconhecer essa dimensão é admitir que a crítica política e a elaboração do trauma não se dão apenas em documentos oficiais ou grandes narrativas, mas também em linguagens populares e digitais, que transformam o riso em registro histórico do tempo presente.

2.4 Entre a ciência e o caos: O negacionismo de Bolsonaro na gestão da crise sanitária

Esta subseção tem por objetivo elencar e discutir alguns momentos em que o negacionismo foi utilizado como estratégia política do governo durante a pandemia. Por isso, nos debruçaremos sobre os seguintes acontecimentos: campanhas contra o isolamento social, promoção de medicamentos sem comprovação científica, minimização da gravidade da doença, atrasos na compra e sabotagens de vacinas.

O negacionismo não é um fenômeno novo na História. Desde o século XX, surgiram correntes que buscaram questionar ou minimizar acontecimentos amplamente documentados, como o Holocausto ou as mudanças climáticas. Pierre Vidal-Naquet (2025) já demonstrava que o negacionismo do Holocausto não se tratava de mero erro histórico, mas de uma prática política deliberada para relativizar responsabilidades e reabilitar discursos autoritários. De modo semelhante, Aguiar et al. (2022), ao analisarem a negação das mudanças climáticas, mostraram como o negacionismo é instrumentalizado por grupos de poder interessados em preservar privilégios econômicos ou ideológicos.

A pandemia de Covid-19 pode ser compreendida como mais um capítulo dessa tradição. O impacto global do vírus gerou versões conspiratórias, resistência às recomendações científicas e fortalecimento de discursos que buscavam relativizar a gravidade da crise. Grupos antivacina, teorias sobre a origem artificial do vírus e desconfianças em relação às autoridades sanitárias ganharam espaço em diversos países, impulsionados por lideranças que viram no negacionismo uma estratégia de mobilização política.

O que distingue o caso contemporâneo de experiências anteriores é a centralidade das redes digitais. Plataformas sociais permitiram a circulação instantânea e massiva de conteúdos falsos ou distorcidos, criando um ecossistema comunicacional em que a desinformação se

expandiu de forma inédita. Nesse ambiente, o negacionismo deixou de ser apenas discurso periférico e tornou-se narrativa de alcance popular, amplificada por algoritmos que favorecem conteúdos de alto engajamento. No Brasil, esse quadro encontrou terreno especialmente fértil na gestão de Jair Bolsonaro. Desde o início, o presidente questionou a gravidade da doença, ridicularizou medidas preventivas e se alinhou a discursos anticientíficos.

Caponi (2020), ao analisar o negacionismo adotado pelo governo brasileiro durante a pandemia, observa que tal postura já se manifestava desde a campanha eleitoral de 2018, quando Bolsonaro expressava em seus discursos desprezo pela pesquisa científica, pelas universidades e pelas populações socialmente vulneráveis. Esse cenário se agravou justamente em um contexto que exigia a atuação efetiva do Estado na garantia de direitos fundamentais. Nesse contexto, a autora ressalta que, “no que se refere à pandemia, esse negacionismo se traduz na aceitação de intervenções sem validação científica” (Caponi, 2020, p. 210). Essa observação evidencia como a recusa deliberada da ciência comprometeu diretamente a formulação de políticas públicas eficazes. Segundo Vilela e Selles (2020, p. 1.732),

No processo de produção de uma retórica conservadora, os negacionistas levantam a dúvida para gerar falsas controvérsias científicas e apresentar narrativas antifrustrações, atacando os consensos científicos como conspiração em prol de interesses político ideológicos.

Assim, esse fenômeno atua estrategicamente ao explorar dúvidas e insatisfações sociais, criando um ambiente de desconfiança em relação à ciência. Ao promover explicações simplistas e emocionalmente confortáveis, ele desvia o debate público dos fatos e reforça discursos ideológicos que dificultam a construção de políticas baseadas em evidências. Desse modo, o negacionismo e o silenciamento não são casuais, mas sim construídos de forma planejada e estratégica. (Reis, 2021), ou seja, não se trata de simples enganos ou desconhecimento, mas de estratégias deliberadas que em detrimento de interesses específicos buscam apagar determinadas verdades para legitimar interesses individuais.

Foi pensando em interesses próprios que desde o início da pandemia, Bolsonaro promoveu discursos contra o isolamento social. Em março de 2020, em uma coletiva de imprensa, apareceu criticando as medidas de confinamento em massa implementadas por governos estaduais e municipais e pediu o fim do isolamento social, defendendo o retorno imediato à normalidade classificando as restrições como equivocadas e propagadoras de pânico. Nas palavras do governante:

Não é ficando em casa que nós vamos solucionar esse problema. O apelo que a gente faz aqui é que essa política de lockdown seja revista. Isso cabe na ponta da linha aos governadores e aos prefeitos, que só assim nós podemos voltar à normalidade. Essa política, entendo eu, desse isolamento, dessas medidas restritivas, com toque de recolher, com supressão do direito de ir e vir, extrapola e muito até mesmo o estado de sítio. Eu apelo a todas as autoridades do Brasil que revejam essa política e permitam que o povo vá trabalhar” (Bolsonaro, 2020)³³.

A partir desse posicionamento, o presidente Jair Bolsonaro passou a negar abertamente as recomendações científicas relativas ao distanciamento social. Naquele mesmo período, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitia diretrizes emergenciais para conter a propagação do coronavírus, com destaque para o isolamento social e o distanciamento físico como medidas fundamentais.³⁴ Ainda no mesmo pronunciamento, ele reiterou que

Temos assistido em vários países na Europa uma fadiga, um estresse, no tocante à política de *lockdown*. A população não apenas quer: precisa trabalhar. Nenhuma nação se sustenta por muito tempo com esse tipo de política (Bolsonaro, 2020).

Assim, ele se colocava como porta-voz de uma suposta vontade popular, utilizando esse discurso para justificar, em nome da economia, a negligência com a vida e a saúde da população brasileira.

O posicionamento do presidente gerou intensas controvérsias e acentuou divisões internas na Câmara dos Deputados. Segundo o site oficial da Câmara, “Alguns parlamentares disseram que há uma histeria coletiva; outros, que o presidente se preocupa mais com a economia do que com a vida dos brasileiros” (Agência Câmara de Notícias, 2020)³⁵. Essa divergência evidencia como o negacionismo institucional estava criando um campo de tensões e polarizações, no qual a ciência, a saúde pública e os direitos fundamentais passaram a ser disputados por narrativas políticas.

Negar a gravidade da pandemia, respaldava interesses próprios do governo. O que estava por trás dessa negação era o objetivo de reduzir sua responsabilidade de organizar uma resposta estruturada à crise (como ampliar o Sistema Único de Saúde e coordenar *lockdowns*). Além disso, negar o problema desde o início funcionava como estratégia preventiva de responsabilização. Se o governo não reconhece a gravidade da situação, ele pode, em tese, tentar

³³ Coletiva de imprensa na qual Bolsonaro criticou as medidas de confinamento, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-yNm0wE3VrY>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.

³⁴ Diretrizes emergenciais emitidas pela OMS, disponíveis em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-mission-briefing-on-covid-19---13-march-2020?>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.

³⁵ Publicação da Agência Câmara de Notícias, disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/648065-pronunciamento-de-bolsonaro-sobre-isolamento-social-causa-polemica-na-camara/?>. Acesso em: 28 de jul. de 2025.

escapar das consequências jurídicas. Nesses casos, o negacionismo serve como um mecanismo de proteção institucional.

Ainda nesse contexto de campanhas contra o isolamento social, em setembro de 2020, durante um evento voltado para produtores rurais no Mato Grosso, em uma declaração pública o presidente se referiu a essa medida como “conversinha mole” e “coisa para fracos”:

Vocês não pararam durante a pandemia. Vocês não entraram naquela conversinha mole de 'fique em casa, que a economia a gente vê depois. Isso é para os fracos. O vírus, eu sempre disse, era uma realidade, e tínhamos que enfrentá-lo. Nada de se acovardar perante aquilo que nós não podemos fugir dele (Bolsonaro, 2020).³⁶

No pronunciamento, o presidente é aplaudido e aclamado, deixando evidente que muitos eleitores apoiavam tal posicionamento. Ele se refere ao vírus no passado: “era uma realidade”, como se a pandemia já tivesse chegado ao fim. Contudo, naquela mesma semana, de acordo com dados do Ministério da Saúde, o Brasil atingia 212 mil novos casos de pessoas infectadas pelo vírus,³⁷ o que reforça a contradição entre o discurso político e a realidade sanitária vivida no país. Como bem destacado por Caponi (2020), essa estratégia negacionista desconsiderava o alcance e a importância das medidas estabelecidas pela OMS e que eram adotadas em quase todos os países do mundo, essas atitudes multiplicavam argumentos e estratégias que estavam em clara oposição às medidas de contenção.

No ano de 2021 também foram proferidas palavras contra o isolamento social. No mês de janeiro, no momento em que o Brasil ultrapassava 9 milhões de casos e com cerca de 7500 óbitos diários³⁸, Bolsonaro fazia uma declaração na cerimônia de inauguração de uma ponte sobre o rio São Francisco: “A política de fechar tudo e ficar em casa não deu certo. O povo brasileiro é forte, o povo brasileiro não tem medo do perigo. Nós sabemos quem são os vulneráveis: os mais idosos e os com comorbidades. O resto tem que trabalhar” (Bolsonaro, 2021). Além disso, pediu novamente para que os governos estaduais e municipais colocassem fim às medidas de isolamento social, afirmando que essa medida e a de *lockdown*, leva a sociedade à miséria³⁹.

³⁶ Crítica do ex-presidente ao isolamento social, disponível em: <https://youtu.be/4LewII7PVqQ>. Acesso em: 18 de agost. de 2025.

³⁷ Dados do Ministério da Saúde, disponíveis em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 18 de agos. de 2025

³⁸ Dados do Ministério da Saúde, disponíveis em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 18 de agos. de 2025.

³⁹ Bolsonaro pedindo o fim do isolamento social, disponível em: https://youtu.be/nzdrE_70S2o. Acesso em 19 de agos. de 2025.

Mais uma vez, o negacionismo era utilizado pela gestão governamental como um “escape” de responsabilidades. Ao reduzir o debate à ideia de que apenas as medidas restritivas para evitar a proliferação do vírus seriam responsáveis pela crise econômica e, conseqüentemente, pela miséria social, o discurso oficial transferia a culpa para fatores externos, inibindo a responsabilidade do próprio governo na condução da pandemia. Nesse contexto, ‘se não foi ele que recomendou tais medidas, também não é dele a responsabilização pelo caos instaurado a partir do cumprimento de tais ações’, quando na verdade, essa decadência econômica possui raízes em uma gestão ineficiente.

Em fevereiro do mesmo ano, no dia em que o Brasil atingiu um recorde de 1.582 mortes por COVID-19 em 24 horas, Bolsonaro questionou a eficácia do uso de máscaras e, mais uma vez os bloqueios, citando como respaldo um suposto estudo feito na Alemanha, sem dizer qual:

Começam a aparecer estudos aqui, sobre o uso de máscaras, que no primeiro momento aqui, uma universidade alemã fala que elas são prejudiciais a crianças, né? E levam em conta vários itens aqui como: irritabilidade, dor de cabeça, dificuldade de concentração, dificuldade da percepção de felicidade, recusa em ir pra escola ou creche, desânimo, comprometimento da capacidade de aprendizado, vertigem e fadiga... Então começam a aparecer aqui os efeitos colaterais das máscaras. Não vou entrar em detalhe porque tudo desaba em crítica sobre mim, né? E eu tenho minha opinião sobre máscara e cada um tem a sua. Mas a gente aguarda um estudo mais aprofundado sobre isso por parte de pessoas mais competentes (Bolsonaro, 2021).⁴⁰

Com tais afirmações o presidente ia mais uma vez de encontro às recomendações feitas pela OMS, a qual afirmava que o uso de máscara não era recomendado apenas para crianças abaixo de 5 anos.⁴¹ Além disso, já havia sido comprovado que seu uso era essencial para retardar a contaminação em massa, sendo seu uso indispensável em locais fechados.

Março de 2021 também não passou ileso às declarações governamentais de caráter negacionista. Durante o discurso de inauguração de um trecho da ferrovia Norte-Sul, ao abordar a pandemia, Bolsonaro afirmou que os produtores rurais não permaneceram em casa e que, portanto, “não se acovardaram”. A fala carregava uma conotação depreciativa aos cidadãos que cumpriam as medidas de isolamento social recomendadas por autoridades sanitárias, insinuando que o ato de preservar vidas significava covardia. Em seguida, o presidente

⁴⁰Pronunciamento de Bolsonaro questionando o uso de máscara, disponível em: <https://youtu.be/SfFe0mWzKLI>. Acesso em: 20 de agos. de 2025

⁴¹ Conselhos sobre o uso de máscaras para crianças na comunidade no contexto do COVID-19, publicado em agosto de 2020 pela OMS: https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-IPC_Masks-Children-2020.1. Acesso em: 20 de agos. de 2025.

intensificou o tom: “chega de frescura, de mimimi, vão ficar chorando até quando?” (Bolsonaro, 2021)⁴².

Tal declaração, além de minimizar a gravidade da pandemia, traduzia uma retórica de insensibilidade diante da dor coletiva que assolava milhares de famílias brasileiras. Aqui cabe uma reflexão crucial: para os que choravam a perda de um ente querido, muitas vezes em condições desumanas de afastamento e sem a possibilidade de um último adeus, seria justo classificar esse sofrimento como “frescura” ou “mimimi”? A resposta revela não apenas a desconexão entre discurso oficial e realidade social, mas também como o negacionismo, disfarçado de arrogância política, foi usado como instrumento de desresponsabilização frente a gestão da Covid-19. No mesmo pronunciamento o presidente reiterou:

Se ficarmos em casa o tempo todo e dizer que a economia a gente vai ver depois... Uma parte já tá vendo agora o que foi essa política. Qual o futuro do Brasil? O efeito colateral do tratamento errado do covid que eu venho falando há um ano é muito mais danoso que o próprio vírus. Sempre disse vamos cuidar da questão do vírus e do desemprego. São dois problemas que temos que tratar com mesma responsabilidade de forma simultânea” (Bolsonaro, 2021).

Esse discurso evidencia como o presidente buscava antecipadamente afastar de si a responsabilização pela crise econômica. Ao atribuir os efeitos negativos exclusivamente às medidas de isolamento social e apresentá-las como “tratamento errado”, Bolsonaro desvia o foco de aspectos centrais, como a ausência de políticas coordenadas de enfrentamento à pandemia e de estratégias eficazes de proteção econômica e social. Dessa forma, cria uma narrativa em que o custo econômico seria inevitavelmente consequência das restrições, e não de sua própria condução da crise, transferindo a culpa para governadores, prefeitos e até mesmo para a população.

O discurso contra o isolamento social não foi a única manifestação negacionista utilizada pelo governo Bolsonaro. O presidente apoiou densamente a promoção de medicamentos sem comprovação científica. Já no início da pandemia, ele enfatizava que a hidroxocloroquina seria um remédio eficaz contra o vírus. Em 17 de abril de 2020, a *Prevent Senior* divulgou um estudo preliminar que sugeria que a combinação de hidroxocloroquina com azitromicina, teria reduzido o número de internações entre pacientes com suspeita de Covid-19. A pesquisa, no entanto, não havia sido publicada em periódicos científicos e recebeu fortes críticas devido a falhas de amostragem e diversos problemas metodológicos. O levantamento

⁴² Discurso disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TZSZl1-VtHA>. Acesso em: 20 de ago. de 2025.

começou em 26 de março, mas só obteve aprovação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) em 14 de abril, o que levou o Conselho Nacional de Saúde (CNS) a apontar indícios de fraude científica⁴³. Posteriormente, o estudo foi suspenso. Apesar disso, os resultados foram utilizados pelo presidente Jair Bolsonaro para enaltecer a suposta eficácia de medicamentos sem comprovação científica no tratamento da doença.

Em abril de 2020, Jair Bolsonaro defendeu publicamente o uso da cloroquina (e da hidroxicloroquina) contra o vírus, durante um pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão:

Após ouvir médicos, pesquisadores e chefes de Estado de outros países, passei a divulgar nos últimos 40 dias a possibilidade de tratamento da doença desde sua fase inicial. A pouco conversei com o doutor Roberto Kalil. Cumprimentei-o pela honestidade e compromisso com o Juramento de Hipócrates, ao assumir que não só usou a hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes. Todos estão salvos! Disse-me mais: **que mesmo não tendo o protocolo de testes, ministrou o medicamento** agora para não se arrepender no futuro. Essa decisão poderá entrar para a história como tendo salvo milhares de vida no Brasil. Nossos parabéns ao doutor Kalil (Bolsonaro, 2020, grifo meu)⁴⁴.

Roberto Kalil, mencionado no discurso do presidente, é um renomado cardiologista brasileiro. Em abril de 2020, contraiu Covid-19 e chegou a ficar internado em estado grave. Na ocasião, concedeu entrevistas nas quais admitiu ter feito uso da hidroxicloroquina durante o período em que esteve doente, postura que foi elogiada pelo presidente como um ato de “honestidade”. Em uma entrevista, concedida ao Jornal da Record, Kalil afirmou: “estamos no mês de abril. Vamos supor que lá por agosto, setembro, estudos científicos sérios mostrem o benefício da cloroquina. E aí? Se perdeu 6 meses de tratamento de pessoas graves?” (Kalil, 2020)⁴⁵. Esse tipo de declaração forneceu mais um “respaldo” ao discurso negacionista adotado pelo governo Bolsonaro, ao transmitir à sociedade uma impressão de validade científica para o uso de medicamentos sem eficácia comprovada. Dessa forma, a opinião de um especialista em medicina acabava funcionando como “amparo” para que setores negacionistas se fortalecessem, apropriando-se da fala como se fosse uma verdade científica.

⁴³ Acusações envolvendo a Prevent Senior disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/16/prevent-senior-entenda-as-acusacoes-contra-a-empresa-envolvendo-pesquisa-sobre-cloroquina.ghtml>>. Acesso em: 20 de agos. de 2025.

⁴⁴ Pronunciamento de Bolsonaro em rede nacional disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xr5OwusgCBc>>. Acesso em: 20 de agos. de 2025.

⁴⁵ Entrevista do médico Roberto Kalil sobre o uso da cloroquina, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_P-0dgZdp7U>. Acesso em: 21 de agos. de 2025.

Além disso, segundo o próprio presidente (no pronunciamento citado acima), Kalil reconhecia que, naquele momento, ainda não havia protocolos de testes clínicos consolidados sobre a hidroxicloroquina, mesmo assim optou por prescrevê-la a pacientes. Com isso, a população passou a se deparar não apenas com o discurso do chefe do Executivo defendendo o uso de um medicamento sem eficácia comprovada, mas também com a posição de um médico especialista, o que conferia ainda mais legitimidade à narrativa negacionista.

Nesse período, diversos pesquisadores do Brasil e do Mundo debatiam sobre a eficácia ou não eficiência e, principalmente, sobre seus efeitos colaterais, mas apenas no território brasileiro, segundo o jornal El País, sua produção seguia de forma acelerada e os comprimidos eram distribuídos pela rede pública até para pacientes que eram assintomáticos, mesmo os estudos a respeito de sua eficácia estando ainda inconclusivos.⁴⁶ De acordo com Silva (2023, p.1)

A compra, estoque e distribuição do coquetel Covid-19, tendo como solução definitiva a icônica (para o presidente Bolsonaro e seguidores) hidroxicloroquina, ou talvez o vermífugo Ivermectina, entre outros, independentemente de não ter comprovação foi a principal ação coordenada pelo governo brasileiro para o enfrentamento da pandemia. Para que esse plano sem sentido fosse colocado em prática foi necessário demitir dois ministros da saúde, médicos, que se recusaram a indicar medicamentos sem comprovação científica como política de saúde pública. Era preciso encontrar um ministro que se submetesse às ordens insanas do presidente Bolsonaro e o atual já disse que está ali para obedecer porque tem bom senso, não para fazer o que é melhor para a saúde da população.

A partir disso, observa-se que a substituição de ministros técnicos por outros dispostos a seguir a orientação presidencial revela o caráter autoritário e negacionista da estratégia adotada, que priorizou a manutenção do discurso político e não a vida da população.

Além desses episódios, Bolsonaro apareceu em várias outras ocasiões promovendo a cloroquina como tratamento precoce contra a COVID-19. Entre março e outubro de 2020, por exemplo, exibiu caixas das marcas Apsen ou EMS em pelo menos 18 aparições públicas, incentivando seu uso mesmo sem comprovação científica de eficácia (Repórter Brasil, 2021)⁴⁷. Em julho de 2020, durante uma transmissão oficial pelo canal do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, afirmou: “Já que estão falando de fazer propaganda, vou fazer propaganda mesmo... Hidroxicloroquina e Annita aí, pessoal” (Bolsonaro, 2020), enquanto

⁴⁶ Informações sobre a distribuição de cloroquina pelo SUS, disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/bolsonaro-comemora-a-volta-da-cloroquina-enquanto-ate-assintomaticos-recebem-a-droga-no-sus.html?>. Acesso em: 20 de agos. de 2025.

⁴⁷ Bolsonaro incentivando o uso da cloroquina, disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/08/charlatanismo-e-propaganda-irregular-as-violacoes-de-bolsonaro-ao-exibir-18-vezes-marca-de-cloroquina-para-covid/>. Acesso em: 25 de agos. de 2025.

mostrava os medicamentos em frente às câmeras (Piauí, 2020)⁴⁸. Poucas semanas depois, em 13 de agosto de 2020, ao participar de um evento em Belém, declarou: “Eu sou a prova viva de que deu certo”, defendendo que muitas vidas poderiam ter sido poupadas caso o medicamento tivesse sido adotado desde o início da pandemia (CNN Brasil, 2020)⁴⁹. Esses episódios fazem parte de uma estratégia mais ampla de promoção do chamado “kit Covid”, conjunto de remédios sem eficácia comprovada, mas amplamente difundidos pelo governo.

Além dos pronunciamentos em discursos, Bolsonaro incentivava por meio de fotos e publicações nas redes sociais o uso desses medicamentos, como bem mostrado na Figura a seguir:

Figura 18 – Publicação de Jair Bolsonaro promovendo a hidroxicloroquina



Fonte: Bolsonaro, 2020⁵⁰.

A Figura 18 é uma postagem do presidente em sua rede social X, na qual ele publicou uma foto onde está em uma mesa de café da manhã, segurando uma caixa de hidroxicloroquina. Dias antes da publicação ele estava infectado com o vírus da Covid-19 e, na postagem, celebrava o resultado negativo do teste para Covid-19. Além de celebrar que estava curado, ao

⁴⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/canal-oficial-do-ministerio-da-ciencia-e-tecnologia-publica-video-de-bolsonaro-fazendo-propaganda-de-cloroquina/>. Acesso em: 25 de agos. de 2025.

⁴⁹ Bolsonaro defendendo o uso de medicamento sem comprovação científica e afirmando ser a prova viva de que eles funcionam, disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-defender-cloroquina-sou-prova-viva-de-que-deu-certo/>. Acesso em: 26 de agos. de 2025.

⁵⁰ Publicação de Bolsonaro em sua rede social, disponível em: <https://x.com/jairbolsonaro/status/1286994557440348160>. Acesso em 26 de agos. de 2025.

segurar a caixa do medicamento citado e escrever na legenda “Lista de materiais DIA Um TODOS”, ele sugeria que o uso precoce desse remédio teria sido o responsável pela sua recuperação, e que todos deveriam ter acesso a esse tratamento precoce desde o primeiro dia dos sintomas.

Diante disso, qual seria a estratégia do governo ao adotar esse discurso? A resposta está ligada ao fato de que a promoção da cloroquina integrou a narrativa política de caráter negacionista, funcionando como instrumento de convencimento dos eleitores de que a pandemia poderia ser controlada de maneira simples e rápida.

Nesse sentido, é possível observar uma coerência e complementação das narrativas negacionistas, uma vez que ao buscar impor um discurso de que a população não deveria permanecer em casa, mas retomar ao trabalho, sob o argumento de que a economia não podia parar, se integra diretamente com a narrativa do tratamento precoce, na medida em que essa “solução” simplista seria capaz de conter o caos pandêmico, transferindo a percepção de que resolver o problema dependeria do uso de um “remédio acessível”, ao invés de promover medidas estruturais de saúde pública. Assim, a defesa do uso do medicamento respaldava a negligência com o distanciamento social, uma vez que as pessoas poderiam sair de casa para trabalhar e, caso fossem contaminadas, seria suficiente ingerir esses medicamentos precocemente e já estariam curadas. Com isso, os brasileiros caminhavam para um abismo social e sanitário com um governo marcado pela desinformação e não pela ciência.

A partir das atitudes citadas, Bolsonaro minimizava a gravidade da doença. Em diversas aparições públicas, chegou a zombar de forma mórbida da doença e das pessoas infectadas. Em dezembro de 2020, durante uma entrevista, imitou uma pessoa com falta de ar, afirmando ironicamente: “estou com covid” (Bolsonaro, 2020). Em seguida, permaneceu rindo como se fosse algo cômico⁵¹. Meses depois, em março de 2021, durante uma live que promovia em suas redes sociais, o governante voltou a simular uma pessoa com falta de ar⁵². O mesmo evento se repetiu em maio do mesmo ano⁵³. Já em ocasiões anteriores, como nos dias 20 e 24 março de 2020, Bolsonaro classificou o vírus como uma “gripezinha”⁵⁴, deixando subentendido que não

⁵¹ Bolsonaro imitando uma pessoa com Covid e sem ar, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=4TFPxYI-t8E>. Acesso em: 30 de agos. de 2025.

⁵² Bolsonaro em live simulando uma pessoa com falta de ar, disponível em: <https://youtu.be/NTFj1xAwg2M>. Acesso em: 30 de agos. de 2025.

⁵³ Disponível em: https://youtu.be/vO6TIUcUVZA?si=wOdAaK_U0FFfzDKu. Acesso em: 30 de agos. de 2025.

⁵⁴ Ex-presidente classificando o vírus como uma “gripezinha”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcxB7DsEAFQ>. Acesso em: 30 de agos. de 2025.

representava ameaça letal significativa, reduzindo a percepção pública sobre a real gravidade da pandemia.

Outro fator que merece destaque é que a condução do governo federal brasileiro diante da pandemia de Covid-19 foi marcada por uma série de atrasos e omissões no processo de aquisição de vacinas, aspecto reiteradamente apontado por diferentes atores institucionais. A título de exemplo, em agosto de 2020, a Pfizer que é uma empresa farmacêutica multinacional com sede nos Estados Unidos, enviou três propostas ao governo brasileiro, que previam a entrega de 70 milhões de doses no mesmo ano. Entretanto, segundo o depoimento de executivos da empresa à CPI da Pandemia, não houve resposta efetiva por parte do Ministério da Saúde, resultando na perda da prioridade no calendário de entregas (Senado Federal, 2021)⁵⁵.

O episódio acima citado já havia ocorrido de maneira similar com o Instituto Butantan, em julho do mesmo ano. O Instituto é brasileiro e um grande centro de pesquisa científica e produção de imunobiológicos. Ele havia apresentado uma oferta de 60 milhões de doses da CoronaVac, com previsão de entrega no último trimestre do ano. O próprio diretor do instituto, Dimas Covas, declarou que, caso o governo federal tivesse aderido de imediato às propostas, o Brasil poderia ter sido o primeiro país do mundo a iniciar a imunização em massa, caso o governo tivesse adotado uma postura distinta (Senado Federal, 2021).

Para além dos atrasos no fornecimento e distribuição das vacinas, o governo adotou um discurso explícito contra a imunização, articulando narrativas de medo e desconfiança. Por exemplo, o presidente Jair Bolsonaro chegou a afirmar que “se você virar um jacaré, é problema de você” ao falar sobre efeitos colaterais da vacina da Pfizer.⁵⁶ Em outras ocasiões, fez comentários como “se você virar super-homem, se nascer barba em alguma mulher”, para insinuar possibilidade absurda de mutação biológica em quem se vacinasse. Essa retórica de desconfiança foi usada para reforçar a ideia de que a vacina seria um risco individual — um “experimento” — responsabilizando quem dela se utilizasse por consequências eventuais.⁵⁷ Assim, o governo não apenas atrasou a logística da imunização, mas também legitimou, por meio de sua voz institucional, discursos antivacina que alimentaram medo, confusão e hesitação em parte da população.

⁵⁵ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/28/wajngarten-pfizer-e-butantan-confirmam-demora-do-governo-para-comprar-vacinas?>. Acesso em: 30 de agos. de 2025.

⁵⁶ Bolsonaro se expressando a respeito dos efeitos colaterais da vacina, disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/?> Acesso em: 30 de agos. de 2025

⁵⁷ Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/politica/de-jacare-a-vacina-do-doria-relembre-frases-de-bolsonaro-sobre-vacinacao-0121?>. Acesso em: 30 de agos. de 2025.

Desse modo, a análise dos memes produzidos a partir desses episódios permite observar como o negacionismo foi performado e porque funcionou politicamente: ao oferecer interpretações simples e emocionalmente carregadas, fomentou adesão afetiva e polarização, ao mesmo tempo em que naturalizou a excepcionalidade da crise.

O primeiro eixo dessa estratégia foi a banalização sistemática do risco. Declarações como a “gripezinha” ou o “E daí?” não foram lapsos ocasionais, mas formas recorrentes de minimizar a gravidade da pandemia, deslocando a narrativa oficial para a ideia de que a Covid-19 seria um evento controlável e sem impacto estrutural. Esse enquadramento servia para evitar a pressão por medidas duras de isolamento social, preservar a agenda econômica liberal e reforçar a imagem de Bolsonaro como líder “autêntico”, avesso ao “alarmismo midiático”.

Quando tais falas foram transformadas em memes, cristalizaram-se como símbolos de insensibilidade, garantindo que não fossem esquecidas. Nesse sentido, o humor funcionou como contraponto crítico: cada piada visual lembrava o abismo entre a retórica presidencial e a realidade trágica de hospitais lotados e cemitérios superlotados.

O segundo eixo foi a desresponsabilização do governo federal. Desde o início, Bolsonaro procurou transferir o ônus da gestão sanitária para governadores e prefeitos, acusando-os de promoverem “lockdowns desnecessários” e de prejudicarem a economia. Essa estratégia permitia ao presidente se preservar diante do colapso do sistema de saúde, ao mesmo tempo em que mobilizava sua base contra adversários locais. Os memes, nesse contexto, tiveram papel decisivo: ironizavam a postura presidencial ao retratá-lo como alguém despreparado para enfrentar a pandemia ou fugindo da responsabilidade, reforçando na memória coletiva a percepção de abandono. Nesse sentido, a linguagem humorística operava como denúncia acessível, traduzindo em imagens simples uma estratégia política sofisticada de deslocamento de culpas.

Um terceiro eixo foi a criação de imagens simbólicas. A imprensa, a ciência, a Organização Mundial da Saúde e os governadores oposicionistas foram retratados pelo governo de Bolsonaro como inimigos da “verdade” e do “povo”. Esse enquadramento servia para proteger a base bolsonarista e manter um estado constante de mobilização. Aqui, os memes operaram de forma ambivalente: enquanto apoiadores difundiam conteúdos que ridicularizavam jornalistas e especialistas, opositores reagiam com memes que escancaravam a contradição de um governo que combatia mais seus críticos do que o próprio vírus. Essa dinâmica mostrou que o humor digital não foi monopólio de um campo, mas arena de disputa em que versões antagônicas se enfrentaram para fixar sentidos.

Por fim, o quarto eixo consistiu na saturação informacional, marcada pela circulação incessante de falas contraditórias, dados distorcidos e supostos “tratamentos precoces”. Essa estratégia produzia confusão deliberada, dificultando a adesão da população a orientações sanitárias claras. Nesse ambiente, os memes funcionaram como filtros críticos: simplificavam o excesso de informação ao destacar, de modo irônico, os pontos de maior absurdo. Ao transformar contradições em piadas, ajudaram a organizar a memória social, fixando como marcantes os episódios em que o governo mais se distanciou da ciência e da responsabilidade pública.

Essa leitura mostra que o negacionismo não foi um conjunto de falas isoladas, mas um método político. A banalização da doença, a transferência de responsabilidades, a criação de inimigos simbólicos e a produção de confusão informacional formaram uma estratégia articulada, que buscava sustentar a narrativa governamental e manter a base de apoio mobilizada em meio ao caos. Cada gesto e declaração de Bolsonaro, ao ser apropriado em memes, tornou-se registro da distância entre discurso e realidade.

A leitura historiográfica desse processo confirma que o negacionismo foi, no Brasil, mais do que um equívoco eventual: constituiu-se como prática política sistemática. Ventura e Reis (2021) já haviam destacado a estratégia de desinformação do governo federal, que transferia responsabilidades e dificultava a coordenação nacional das medidas sanitárias.

Le Goff (2013) nos lembra que a memória é sempre campo de poder, e os memes, nesse contexto, funcionaram como contramemórias, impedindo que frases proferidas pelo governo e posicionamentos fossem esquecidos ou relativizados. A circulação digital transformou essas falas em símbolos duradouros do descaso, cristalizando na memória coletiva a percepção de uma gestão marcada pela irresponsabilidade.

Portanto, o subtópico evidencia que o negacionismo de Bolsonaro durante a pandemia deve ser compreendido como estratégia política, sustentada por discursos, gestos e omissões. Os memes, ao ressignificarem esses episódios, não apenas denunciaram o imprevisto e a desinformação, mas também se tornaram documentos históricos do tempo presente, revelando as contradições de um governo que tentou impor sua versão dos fatos e encontrou, no humor popular, resistência e crítica.

2.5 A historiografia do tempo presente e os desafios metodológicos de analisar memes como fonte histórica

A HTP consolidou-se, nas últimas décadas, como um dos campos mais férteis e desafiadores da historiografia contemporânea. Criada na França com a experiência do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP), fundado em 1978 sob a direção de François Bédarida, essa vertente surgiu para investigar acontecimentos ainda vivos na memória social e cuja documentação estava em pleno processo de produção (Dosse, 2012).

Como lembra Rouso (2016), a HTP respondeu a uma dupla demanda: compreender as transformações do mundo contemporâneo e elaborar metodologias adequadas para lidar com fontes que escapam aos moldes tradicionais. No Brasil, o campo ganhou força a partir dos anos 1990, quando pesquisas passaram a abordar desde a ditadura militar até fenômenos culturais mais recentes.

Ferreira (2018) observa que a HTP brasileira não apenas dialoga com a tradição francesa, mas também incorporou preocupações próprias, como a relação entre memória, política e cultura. A pandemia de Covid-19, nesse contexto, representa um objeto paradigmático: fenômeno global, de impacto imediato e ainda em curso, que exige do(a) historiador(a) novas ferramentas analíticas.

Uma das marcas da HTP é a abundância documental. Diferentemente de períodos mais distantes, nos quais a escassez de fontes era um desafio, o presente produz um excesso de registros. Cabe ao(a) historiador(a) enfrentar essa “superabundância”, selecionando e interpretando materiais que vão de arquivos oficiais a produções efêmeras, como postagens em redes sociais (Rouso, 2016).

Nesse cenário, os memes se impõem como fonte singular: apesar de sua natureza instável e replicável, são registros privilegiados da sensibilidade popular e da disputa política no tempo presente. Essa abundância, entretanto, coloca novos dilemas metodológicos: o que deve ser preservado? Como interpretar documentos produzidos em meio à velocidade e ao excesso de informações? É nesse ponto que os memes se tornam objeto relevante para a historiografia. Eles configuram uma forma específica de registro do tempo presente: efêmeros, virais e profundamente enraizados na cultura digital. Para além do humor, condensam interpretações sociais de acontecimentos, funcionando como termômetros das sensibilidades coletivas. O desafio para o(a) historiador(a) é reconhecê-los como fontes legítimas, sem perder de vista sua natureza fragmentária, instável e constantemente ressignificada.

A pandemia de Covid-19 exemplifica de modo eloquente essa situação. Frases ditas em pronunciamentos presidenciais não permaneceram apenas nos registros jornalísticos: foram reelaboradas em milhares de memes que circularam nas redes digitais. Assim, compreender como a sociedade brasileira elaborou a memória desse período exige analisar também esses conteúdos, pois ignorá-los significaria desconsiderar uma parte expressiva da documentação produzida pelo presente.

Do ponto de vista metodológico, essa tarefa demanda que a historiografia dialogue com outras áreas do conhecimento. A comunicação digital, a sociologia das redes e a ciência da informação oferecem ferramentas para investigar como os memes circulam, viralizam e se transformam em registros duradouros. Nesse sentido, compactuamos com Pesavento (2007), que defende a HTP como campo interdisciplinar por natureza, construído no diálogo constante com outros saberes. Ao incorporar os memes como fontes, o(a) historiador(a) não apenas amplia seu repertório metodológico, mas também reconhece a centralidade da cultura digital na formação da memória coletiva contemporânea.

O trabalho com memes como fontes históricas coloca o(a) historiador(a) diante de desafios metodológicos singulares. Diferentemente de documentos oficiais, preservados em arquivos institucionais, os memes circulam em ambientes digitais marcados pela volatilidade. Muitas vezes desaparecem rapidamente das plataformas, seja por exclusão voluntária dos(as) usuários(as), seja por alterações de algoritmos ou políticas de moderação. Essa efemeridade dificulta a constituição de acervos confiáveis, já que registros podem se perder em questão de horas.

Outro desafio relevante é o excesso documental. A pandemia de Covid-19 gerou um volume inédito de conteúdos digitais: hashtags, transmissões ao vivo, notícias, vídeos e, sobretudo, memes. Essa abundância, longe de ser apenas uma vantagem, impõe dilemas metodológicos: quais memes merecem análise? Quais critérios podem orientar a seleção sem reduzir a pluralidade da experiência?

Rouso (2016) observa que a HTP lida com um “oceano de documentos”, em que a tarefa fundamental não é apenas coletar, mas filtrar e interpretar. Ademais, torna-se indispensável estabelecer parâmetros que permitam identificar memes representativos, aqueles que alcançaram grande circulação, condensaram sensibilidades coletivas ou se fixaram como símbolos duradouros.

A representatividade é, portanto, um critério central. Nem todo meme viralizado possui relevância histórica imediata. Cabe ao(a) historiador(a) compreender quais conteúdos

efetivamente condensaram sentidos sociais e se transformaram em marcos da memória coletiva. No caso brasileiro, frases como “E daí?” ou “virar jacaré” foram amplamente apropriadas em memes e permaneceram como referências persistentes da cultura digital. Por sua permanência e por simbolizarem críticas contundentes à gestão Bolsonaro, esses conteúdos configuram-se como fontes privilegiadas para a análise historiográfica da pandemia.

Outro desafio metodológico é a contextualização. Diferentemente de documentos tradicionais, que geralmente trazem autoria, data e local de produção, os memes circulam em ambientes em que tais informações são frequentemente ocultas ou consideradas irrelevantes pelos(as) usuários(as). Um mesmo conteúdo pode ser replicado milhares de vezes, esvaziando seu contexto original e adquirindo novos sentidos a cada reaproveitamento.

Essa dinâmica obriga o(a) historiador(a) a adotar metodologias interdisciplinares, que envolvem desde a análise de redes sociais até técnicas de rastreamento digital e estudos de circulação. Como lembra Recuero (2012), compreender os fluxos de compartilhamento é essencial para avaliar como um meme se ressignifica em diferentes comunidades.

Outro ponto metodológico essencial é a interpretação. O humor, por natureza, é ambíguo. Um mesmo meme pode ser utilizado para criticar ou para defender determinada posição política, a depender do grupo em que circula. Por isso, o(a) historiador(a) não pode analisá-los de forma isolada, mas precisa considerar seus contextos de produção, circulação e recepção. Dentro desse contexto, a ironia presente em uma montagem sobre a “gripezinha”, por exemplo, pode expressar indignação em ambientes oposicionistas, mas também ser ressignificada como piada de minimização em círculos bolsonaristas. Reconhecer essa polissemia é fundamental para evitar análises simplistas e reducionistas.

Há também o desafio da preservação. Instituições acadêmicas e projetos independentes já buscam arquivar memes e conteúdos digitais da pandemia, mas ainda de modo incipiente. O “Arquivo da Memória Covid-19” da USP constitui um exemplo relevante, embora insuficiente diante da velocidade com que novos conteúdos são produzidos e descartados.

Esse cenário exige um novo papel para o(a) historiador(a): não apenas interpretar fontes disponíveis, mas participar ativamente da criação de acervos digitais capazes de garantir a preservação da memória do tempo presente. Assim, o estudo dos memes como fontes históricas revela que o(a) historiador(a) deve se adaptar a um cenário em constante mutação, marcado pela abundância, efemeridade e ambiguidade das fontes.

Longe de se configurarem apenas como obstáculos, tais desafios oferecem oportunidades de renovação historiográfica, pois ampliam o escopo de documentos

considerados legítimos e aproximam a história das linguagens cotidianas que estruturam a vida nas sociedades digitais. Dessa forma, reconhecer os memes como fonte histórica exige que a historiografia ultrapasse fronteiras disciplinares e dialogue com outros campos do conhecimento. A cultura digital, pela sua velocidade e complexidade, não pode ser compreendida apenas pelos instrumentos clássicos da crítica documental.

Em outras palavras, é preciso recorrer à Comunicação, à Sociologia, à Antropologia e à Ciência da Informação para interpretar como esses conteúdos são produzidos, circulam e adquirem significados. Essa abertura metodológica corresponde ao que Pesavento (2007) identifica como marca essencial da HTP: sua vocação para incorporar novos objetos, linguagens e métodos.

No caso dos memes da pandemia, a interdisciplinaridade se evidencia em diferentes frentes. A análise de sua circulação demanda atenção aos algoritmos que determinam a viralização (tema típico da ciência da informação); a interpretação de seu humor convoca teorias da ironia e da crítica social (campo da comunicação e da literatura); e a avaliação de seu impacto político exige diálogo com a sociologia e a ciência política. Ao trabalhar com essas fontes, o(a) historiador(a) precisa transitar por esses campos, preservando, entretanto, o rigor crítico da disciplina histórica.

Portanto, destaca-se a questão da legitimação dos memes como documentos históricos. A historiografia tem expandido continuamente o leque de fontes consideradas válidas. Se no século XIX predominavam documentos oficiais e diplomáticos, o século XX assistiu à valorização de fontes orais, visuais e culturais (Pesavento, 2007). No século XXI, essa ampliação se volta para o universo digital, onde os memes emergem como registros significativos das sensibilidades e disputas do tempo presente.

Como aponta Napolitano (2019), o(a) historiador(a) precisa estar atento às novas formas de produção cultural e política, reconhecendo que elas também constituem registros da experiência social. Os memes, nesse sentido, não podem ser reduzidos a “piadas da internet”: são documentos que expressam sensibilidades coletivas e contribuem para a construção da memória do tempo presente. Essa legitimação torna-se ainda mais urgente diante do risco de apagamento. Se os memes não forem tratados como fontes válidas, corre-se o perigo de que uma dimensão essencial da memória da pandemia seja perdida ou desconsiderada.

Ao analisá-los, o(a) historiador(a) assegura que a experiência coletiva não se limite a relatórios oficiais ou estatísticas sanitárias, mas inclua também as linguagens populares que traduziram indignações, resistências e críticas. Como afirma Ricoeur (2008), a memória é

sempre seletiva, e cabe ao(a) historiador(a) ampliar os horizontes do que merece ser lembrado, evitando que vozes alternativas sejam silenciadas.

Desse modo, os memes da pandemia configuram-se como testemunhos significativos do período: condensam falas presidenciais, registram indignações sociais, ironizam medidas governamentais e transformam em símbolos aquilo que poderia ser esquecido. Reconhecê-los como fontes legítimas significa admitir que a história também se escreve nas linguagens digitais e que a memória coletiva contemporânea é inseparável da cultura da internet. Logo, a interdisciplinaridade, longe de fragilizar a historiografia, fortalece-a, pois permite que o(a) historiador(a) dialogue com outros saberes e enfrente, com rigor, os desafios de um presente em permanente transformação.

Em síntese, a análise dos memes como fontes históricas reafirma a vitalidade da História do Tempo Presente. Mostra que a disciplina está aberta a incorporar novos objetos, reinventar métodos e reconhecer a diversidade de registros que compõem a memória social. No caso da pandemia e da gestão Bolsonaro, ignorar os memes significaria excluir uma das expressões mais vívidas da crítica social e da resistência popular. Assumi-los como fontes é, portanto, uma escolha metodológica e política que reforça o compromisso da historiografia com a pluralidade da experiência histórica.

A reflexão desenvolvida ao longo deste capítulo buscou compreender como os memes, enquanto expressão da cultura digital contemporânea, se tornaram instrumentos fundamentais para interpretar e registrar a experiência da pandemia de Covid-19 no Brasil, em especial na gestão do governo Jair Bolsonaro. A partir da perspectiva da HTP, foi possível observar que essas produções humorísticas ultrapassam o campo do entretenimento, configurando-se como documentos históricos que condensam disputas narrativas, memórias coletivas e críticas sociais.

Nesse horizonte, os memes foram apresentados como fontes não convencionais, mas indispensáveis para compreender a experiência social da pandemia. Ao ressignificarem falas presidenciais, ironizarem medidas governamentais e cristalizarem indignações coletivas, esses conteúdos revelaram-se registros de resistência no tempo presente.

Frases emblemáticas como “gripezinha”, “E daí?” e “virar jacaré” foram apropriadas pela linguagem humorística e transformadas em símbolos duradouros da gestão Bolsonaro. Essa apropriação evidencia que a memória social não se constrói apenas a partir de documentos oficiais ou discursos institucionais, mas também por meio de linguagens populares que condensam sentimentos de indignação, raiva e resistência. O humor, nesse caso, atuou como

categoria histórica, permitindo elaborar a dor coletiva e, ao mesmo tempo, criticar o descaso do poder público.

Por fim, vale ressaltar o papel das redes sociais como arenas centrais dessas disputas. Plataformas como WhatsApp, Telegram, Twitter, Instagram e TikTok funcionaram como espaços de circulação massiva de memes, possibilitando tanto a mobilização bolsonarista quanto a crítica oposicionista. Reconhecer esse ambiente como campo de produção de memória significa admitir que a história da pandemia no Brasil será contada também a partir dessas linguagens digitais, que marcaram de forma indelével a experiência social do período.

Essa dinâmica evidenciou a ambivalência da comunicação digital: se, de um lado, serviu à disseminação do negacionismo e à consolidação de narrativas oficiais, de outro, garantiu a criação de contramemórias que impediram o esquecimento de falas e atitudes governamentais. O espaço digital configurou-se, assim, como campo de batalha simbólico em que se travaram disputas intensas pela interpretação da pandemia. Nesse cenário, a historiografia se depara com desafios metodológicos inéditos. A efemeridade dos conteúdos, a superabundância documental, a ambiguidade de sentidos e a dificuldade de preservação exigem a formulação de estratégias próprias de pesquisa.

Destarte, a interdisciplinaridade com áreas como a Comunicação, a Sociologia e a Ciência da Informação oferecem caminhos para enfrentar tais obstáculos, legitimar os memes como documentos históricos e garantir sua preservação como parte da memória social da pandemia. Ignorá-los seria excluir um registro essencial das percepções coletivas e das resistências produzidas no período.

À luz dessas considerações, as análises empreendidas neste capítulo demonstram que os memes não apenas acompanharam a pandemia, mas contribuíram para estruturá-la enquanto experiência histórica. Foram instrumentos de crítica social, de elaboração da dor, de resistência política e de consolidação da memória coletiva. Ao transformarem em humor as falas presidenciais e as atitudes de descaso, ajudaram a deslegitimar narrativas negacionistas e a reforçar a consciência social sobre a gravidade da crise.

Assim, o estudo dos memes na pandemia sob a gestão Bolsonaro reforça a importância da História do Tempo Presente em reconhecer novas linguagens como fontes legítimas. Longe de documentos periféricos, eles se consolidaram como registros centrais da experiência brasileira diante da crise sanitária, revelando como a sociedade elaborou, em meio ao caos, formas criativas de resistir, lembrar e criticar. Ao incorporá-los ao repertório documental, a

historiografia amplia seus horizontes e reafirma seu compromisso com a pluralidade de vozes que compõem a memória social.

Dessa perspectiva, os memes são, ao mesmo tempo, testemunhos da pandemia e símbolos de resistência cultural e política. Eles demonstram que a História não se escreve apenas nos gabinetes do poder, mas também nas telas de celulares, nas redes sociais e nas linguagens populares que traduzem, em riso, a indignação de um povo diante de sua própria tragédia.

Essa compreensão prepara o terreno para os capítulos seguintes, nos quais será aprofundada a análise da repercussão social, cultural e política da pandemia, articulando o humor digital às demais dimensões da experiência histórica contemporânea. Reconhecer os memes como fonte histórica significa, portanto, não apenas ampliar o repertório documental, mas admitir que a memória da pandemia no Brasil foi construída em arenas digitais marcadas pela disputa política. Esse movimento desafia a historiografia a reinventar seus métodos e a dialogar com as linguagens da cultura digital, reafirmando a relevância da História do Tempo Presente.

3 MEMES COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE HISTÓRICA

O presente capítulo tem como finalidade deslocar a discussão desenvolvida nos capítulos anteriores para um plano de análise aplicada, no qual os memes digitais passam a ser tratados como objetos legítimos de investigação histórica e como instrumentos pedagógicos no ensino de História do Tempo Presente. Se, até aqui, o esforço concentrou-se na construção dos fundamentos teóricos e conceituais que sustentam a pesquisa, neste momento o foco recai sobre a operacionalização dessas reflexões, evidenciando como os memes podem ser mobilizados, analisados e problematizados no contexto escolar, especialmente quando relacionados a acontecimentos recentes e socialmente sensíveis, como a pandemia de Covid-19 durante o governo Jair Bolsonaro.

Partindo do entendimento de que a História do Tempo Presente se constrói em meio a disputas de narrativas, conflitos de memória e circulação acelerada de informações, os memes emergem como uma linguagem privilegiada para observar tais processos. Eles condensam, em poucos elementos visuais e textuais, críticas políticas, emoções coletivas, ironias e posicionamentos que dialogam diretamente com o cotidiano social e com os debates públicos. Nesse sentido, o meme ultrapassa a condição de simples artefato humorístico e se apresenta

como um registro simbólico do presente, capaz de revelar percepções sociais, tensões políticas e estratégias discursivas mobilizadas em contextos de crise.

No ambiente escolar, entretanto, o uso desse tipo de linguagem exige cautela e intencionalidade pedagógica. A familiaridade dos(as) estudantes com os memes não garante, por si só, uma leitura histórica qualificada. Ao contrário, a aparente simplicidade da linguagem memética pode produzir leituras imediatistas, descontextualizadas ou meramente humorísticas, esvaziando o potencial crítico do recurso. Dessa forma, torna-se imprescindível refletir sobre as condições de uso dos memes em sala de aula, sobre o papel do(a) professor(a) como mediador(a) do conhecimento histórico e sobre os limites éticos e políticos do humor quando aplicado a temas que envolvem sofrimento social, desinformação e responsabilidades institucionais.

É nesse contexto que este capítulo se organiza. Inicialmente, discute-se o uso dos memes no ensino de História, destacando desafios e possibilidades pedagógicas, sem retomar exaustivamente os debates teóricos já desenvolvidos, mas partindo deles para pensar a prática docente. Em seguida, realiza-se uma análise aprofundada de memes produzidos e difundidos durante a pandemia, tratando-os como fontes do tempo presente e como expressões de crítica política e disputa de narrativas em torno da gestão governamental da crise sanitária. Por fim, examina-se o papel do e-book elaborado como produto educacional da pesquisa, compreendendo-o como uma estratégia de construção do conhecimento histórico em sala de aula, que articula a linguagem acadêmica da dissertação com as demandas formativas do ensino médio, reforçando o caráter aplicado do mestrado profissional.

Assim, buscamos demonstrar que a análise histórica dos memes, quando conduzida com rigor teórico e metodológico, pode contribuir tanto para a compreensão do tempo presente quanto para a construção de práticas pedagógicas mais críticas, contextualizadas e sensíveis às linguagens contemporâneas, sem abrir mão da responsabilidade ética e do compromisso com o conhecimento histórico.

3.1 Uso de memes em sala de aula: desafios e possibilidades

A inserção dos memes como recurso pedagógico no ensino de História deve ser compreendida, antes de qualquer entusiasmo metodológico, como um problema didático concreto. Não se trata apenas de incorporar uma linguagem familiar aos(as) estudantes, mas de refletir sobre as condições sob as quais essa linguagem pode efetivamente contribuir para a

formação do pensamento histórico. Nesse sentido, o uso de memes em sala de aula desloca o trabalho docente para um campo de tensões que envolve mediação pedagógica, leitura crítica e responsabilidade formativa, especialmente quando se lida com temas sensíveis e socialmente conflituosos.

No cotidiano escolar, a presença dos memes costuma estar associada a estratégias de engajamento, frequentemente justificadas pela proximidade dessa linguagem com o universo juvenil. No entanto, como alertam Seixas e Morton (2013), a aprendizagem histórica não se resume ao interesse inicial do(a) estudante, mas à capacidade de desenvolver competências interpretativas que permitam compreender o passado e o presente de forma contextualizada e crítica. Assim, o simples uso de memes não garante, por si só, a construção de conhecimento histórico, sendo necessário que esse material seja inserido em um percurso pedagógico orientado, capaz de problematizar sentidos, discursos e intencionalidades.

A prática docente com memes exige, portanto, um deslocamento da lógica do consumo para a lógica da investigação. Em sala de aula, os(as) estudantes chegam com repertórios prévios formados por interações cotidianas nas redes digitais, onde os memes circulam de forma rápida, fragmentada e frequentemente descontextualizada. Esse cenário impõe ao(a) professor(a) o desafio de transformar um objeto de consumo imediato em fonte de análise histórica. Tal transformação não ocorre de maneira espontânea, mas depende de mediações que envolvem contextualização dos acontecimentos representados, identificação de referências implícitas e questionamento dos efeitos de sentido produzidos.

No campo da Didática da História, a mediação docente é entendida como elemento estruturante do processo de aprendizagem. Rüsen (2007) afirma que o ensino de História deve possibilitar aos sujeitos a construção de orientações temporais que deem sentido à experiência vivida, articulando passado, presente e expectativas de futuro. Quando se trabalha com memes, essa mediação torna-se ainda mais necessária, uma vez que a linguagem memética tende a condensar narrativas complexas em formas sintéticas, frequentemente marcadas pelo humor, pela ironia e pelo exagero. Sem intervenção pedagógica, há o risco de que o(a) estudante permaneça na superfície do discurso, limitando-se à reação imediata e ao riso, sem avançar para a interpretação histórica.

Nesse contexto, o(a) professor(a) assume o papel de organizador(a) da leitura histórica. Isso implica orientar o olhar do(a) estudante para além do conteúdo explícito do meme, estimulando perguntas que desloquem a compreensão para o plano da análise. Que acontecimento está sendo mobilizado? Quais discursos políticos ou sociais estão sendo

criticados ou reforçados? Que valores estão implícitos na construção do humor? Que silêncios ou ausências podem ser identificados? Esse conjunto de questões aproxima o trabalho com memes de procedimentos clássicos da análise histórica, como a contextualização das fontes e a problematização das narrativas.

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que os memes operam em um ambiente comunicacional distinto daquele das fontes históricas tradicionais. Shifman (2014) demonstra que os memes digitais se caracterizam pela replicabilidade, pela adaptação contínua e pela participação coletiva, sendo produzidos e ressignificados em redes descentralizadas. Essa lógica de circulação amplia o potencial dos memes como objetos de análise do tempo presente, mas também impõe limites à sua utilização pedagógica. A velocidade da circulação e a ausência de autoria definida dificultam a identificação de contextos de produção e intencionalidades, exigindo do(a) professor(a) atenção redobrada na seleção e na problematização do material trabalhado.

No ensino médio, esses desafios se intensificam, por exemplo. A escola é um espaço formativo que não pode abdicar de sua função crítica diante das linguagens contemporâneas. Trabalhar com memes implica lidar com temas que atravessam diretamente a vida social dos(as) estudantes, como política, desigualdades, crises sanitárias e disputas ideológicas. Nesse cenário, o(a) professor(a) precisa equilibrar abertura ao debate e rigor analítico, evitando tanto a censura moralizante quanto a banalização dos conflitos sociais. Como observa Rousso (2016), o tempo presente é marcado por memórias em disputa e por forte carga emocional, o que exige do ensino de História uma postura metodológica cuidadosa e consciente de seus limites.

Outro desafio central do uso de memes em sala de aula diz respeito à ética do humor, isto é, o riso, embora possa operar como ferramenta de crítica e resistência simbólica, também pode contribuir para a normalização de discursos violentos ou para a minimização do sofrimento coletivo. Phillips e Milner (2017) destacam que a cultura digital contemporânea é atravessada por ambivalências, nas quais práticas humorísticas podem simultaneamente questionar e reforçar estruturas de poder. Em um contexto educativo, essa ambivalência não pode ser ignorada, devendo ser incorporada ao processo de reflexão histórica.

Dessa forma, o uso pedagógico dos memes não deve ser compreendido como estratégia isolada, mas como parte de um projeto educativo comprometido com a formação crítica dos(as) estudantes. A prática docente precisa articular o trabalho com memes a objetivos claros de aprendizagem histórica, garantindo que o material funcione como ponto de partida para análises mais profundas e não como ponto de chegada. Quando inseridos em práticas pedagógicas

intencionalmente construídas, os memes podem contribuir para a compreensão do tempo presente, desde que acompanhados de mediação rigorosa e reflexão constante sobre seus limites e possibilidades.

À vista disso, se o uso de memes em sala de aula exige mediação docente qualificada, também demanda uma compreensão mais ampla das transformações nas formas de leitura e produção de sentido na contemporaneidade. A cultura digital não altera apenas os suportes de circulação da informação, mas modifica as próprias condições de interpretação, favorecendo linguagens híbridas, fragmentadas e fortemente imagéticas. Nesse contexto, trabalhar com memes implica reconhecer que os(as) estudantes estão imersos(as) em práticas comunicacionais marcadas pela simultaneidade, pela intertextualidade e pela constante negociação de significados.

Chartier (1988) destaca que toda prática de leitura é historicamente situada, dependente de dispositivos materiais e de convenções culturais específicas. Ao transpor essa reflexão para o ambiente digital, percebe-se que a leitura de memes não se limita à decodificação de texto e imagem, mas envolve o reconhecimento de referências compartilhadas, acontecimentos recentes e discursos circulantes. Em sala de aula, essa leitura precisa ser desacelerada e recontextualizada. O(a) professor(a) é chamado(a) a interromper a fluidez típica da circulação digital, convidando os(as) estudantes a observar o meme como documento situado, produzido em determinado contexto histórico e atravessado por disputas de sentido. Assim o(a) professor(a) pode explorar essas dimensões, analisando como determinadas imagens condensam interpretações específicas de acontecimentos e como diferentes grupos sociais produzem versões divergentes sobre o mesmo fato. Nesse movimento, o meme deixa de ser apenas expressão de opinião e passa a ser tratado como indício das formas contemporâneas de narrar o presente.

A linguagem memética, entretanto, opera por síntese e exagero, características que, se por um lado favorecem a rápida circulação, por outro tendem a simplificar processos históricos complexos. Milner (2016) observa que os memes funcionam como espaços de negociação pública de significados, nos quais diferentes atores disputam visibilidade e legitimidade. Essa dinâmica reforça o caráter político dos memes, especialmente em contextos de crise. No caso da pandemia de Covid-19, os memes tornaram-se instrumentos de crítica, apoio, denúncia e também de desinformação, refletindo a polarização do debate público.

Trabalhar com esse tipo de material no ensino médio implica assumir que a sala de aula é também um espaço de confronto de perspectivas. A escola não é neutra diante das disputas

narrativas que atravessam a sociedade, mas tampouco pode converter-se em espaço de reprodução acrítica de posicionamentos ideológicos. A mediação docente, nesse cenário, exige equilíbrio entre abertura ao debate e rigor analítico. O meme, enquanto narrativa sintética, precisa ser submetido a esse crivo crítico, sendo interrogado quanto à sua coerência, às evidências que mobiliza e aos sentidos que constrói.

Outro aspecto que merece atenção diz respeito ao letramento midiático, entendido como a capacidade de analisar criticamente informações, imagens e discursos que circulam nos meios de comunicação. Buckingham (2022) argumenta que a educação midiática é fundamental para a formação de sujeitos capazes de compreender e questionar as representações produzidas pela mídia contemporânea. A incorporação de memes ao ensino de História pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade de análise crítica das mídias digitais, desde que articulada a discussões sobre circulação de informações, manipulação de imagens e estratégias discursivas. Ao analisar memes em sala de aula, o(a) professor(a) de História amplia esse letramento, conectando a leitura crítica das mídias à compreensão histórica dos acontecimentos retratados.

Phillips e Milner (2017) ressaltam que a cultura digital contemporânea é marcada por ambivalência, na qual práticas humorísticas podem tanto subverter discursos dominantes quanto reforçar estereótipos e desinformação. Em sala de aula, essa ambivalência precisa ser tematizada, permitindo que os(as) estudantes reconheçam os limites do humor e os riscos da simplificação excessiva.

Além disso, o trabalho com memes pode favorecer a reflexão sobre autoria e responsabilidade. Diferentemente de fontes tradicionais, os memes circulam frequentemente sem autoria identificada, sendo apropriados, modificados e redistribuídos por múltiplos usuários. Shifman (2014) destaca que essa lógica participativa desafia concepções clássicas de autoria e intencionalidade. Em termos pedagógicos, isso abre espaço para discutir como discursos se constroem coletivamente e como determinados enquadramentos ganham força nas redes sociais. Ao problematizar essas questões, o ensino de História amplia seu alcance, incorporando dimensões da cultura digital que atravessam a experiência cotidiana dos(as) estudantes.

No entanto, é fundamental que o meme não substitua outras formas de abordagem histórica. Sua função, no contexto pedagógico, deve ser a de disparador de reflexão, articulado a outras fontes, como textos jornalísticos, documentos oficiais, gráficos e dados estatísticos. Ao estabelecer esse diálogo entre diferentes tipos de fontes, o(a) professor(a) reforça a ideia de que a compreensão histórica depende da análise comparativa e da confrontação de perspectivas. O

memes, nesse caso, funciona como porta de entrada para investigações mais amplas, e não como explicação definitiva dos acontecimentos.

Portanto, os desafios e possibilidades do uso de memes em sala de aula estão diretamente relacionados à capacidade do(a) professor(a) de integrar essa linguagem a um projeto formativo consistente. Quando trabalhados de maneira intencional, contextualizada e teoricamente fundamentada, os memes podem contribuir para aproximar o ensino de História das experiências contemporâneas dos(as) estudantes, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que essa incorporação exige constante reflexão sobre limites éticos, responsabilidades pedagógicas e efeitos sociais da linguagem humorística, especialmente em contextos marcados por conflitos e tensões políticas.

A consolidação do uso pedagógico dos memes no ensino de História passa, inevitavelmente, pela formação docente e pela compreensão do currículo como espaço de escolhas políticas e epistemológicas. Trabalhar com linguagens digitais, sobretudo aquelas marcadas pelo humor e pela crítica social, exige do(a) professor(a) não apenas domínio do conteúdo histórico, mas também sensibilidade para lidar com disputas de sentido que atravessam o cotidiano escolar. Nesse cenário, a prática pedagógica não pode ser improvisada, sob pena de reduzir o meme a um recurso ilustrativo ou, ainda, de expor a sala de aula a conflitos mal mediados.

A formação do(a) professor(a) de História, conforme destaca Fonseca (2003), precisa articular conhecimento historiográfico, didático e sensibilidade para as linguagens contemporâneas, reconhecendo que o ensino da disciplina envolve escolhas narrativas e posicionamentos frente ao presente. Quando se opta por trabalhar com memes, essa responsabilidade se intensifica, pois o(a) docente passa a lidar com materiais que circulam amplamente fora da escola e que frequentemente carregam juízos morais, críticas políticas e afetos coletivos. Assim, a escolha do meme, sua contextualização e a forma como é problematizado tornam-se atos pedagógicos carregados de intencionalidade.

No âmbito curricular, o ensino de História do Tempo Presente demanda atenção especial. Como observa Rouso (2016, p. 27), “o tempo presente não é apenas um recorte cronológico recente, mas um campo de disputas simbólicas, no qual memória, política e emoção se entrelaçam de maneira intensa”. Ao trabalhar com memes relacionados a acontecimentos recentes, o(a) professor(a) insere a sala de aula nesse campo de disputas, tornando explícito que o conhecimento histórico não é neutro nem desvinculado das experiências sociais. Essa

inserção, no entanto, precisa ser acompanhada de critérios claros de análise e de uma postura metodológica que evite tanto o proselitismo quanto a neutralização acrítica dos conflitos.

Destarte, a responsabilidade docente também se manifesta na forma como o humor é trabalhado em sala de aula. O riso, como prática social, não é homogêneo nem desprovido de efeitos. Bergson (2018) já apontava que o humor cumpre funções sociais específicas, podendo operar tanto como mecanismo de correção quanto como forma de exclusão. Em contextos contemporâneos, essa ambivalência se intensifica, sobretudo quando o humor circula em ambientes digitais marcados pela polarização. Phillips e Milner (2017) destacam que o humor online pode funcionar simultaneamente como crítica política e como instrumento de disseminação de discursos problemáticos, exigindo leitura atenta de seus usos e efeitos.

No ensino médio, essa questão assume contornos ainda mais sensíveis. A escola é espaço de formação cidadã, no qual o debate sobre acontecimentos recentes precisa ser conduzido com cuidado ético e pedagógico. Trabalhar com memes relacionados à pandemia de Covid-19, por exemplo, implica lidar com temas como morte, sofrimento coletivo, negacionismo científico e responsabilidade governamental. Ignorar essas dimensões ou tratá-las de forma superficial pode comprometer o caráter formativo da atividade. Por outro lado, abordá-las de maneira excessivamente moralizante pode inibir o debate e afastar os(as) estudantes do exercício crítico.

É nesse ponto que o currículo se apresenta como espaço de mediação. A Base Nacional Comum Curricular, ao enfatizar competências relacionadas ao pensamento crítico, à análise de diferentes linguagens e à compreensão do tempo histórico, abre possibilidades para a incorporação de recursos como os memes, desde que alinhados a objetivos pedagógicos claros (Brasil, 2018). Contudo, a presença desses recursos no currículo não elimina a necessidade de reflexão docente sobre limites, responsabilidades e efeitos formativos. O meme, ao ser integrado ao currículo, precisa ser articulado a conteúdos, habilidades e competências, evitando o risco de se tornar elemento periférico ou meramente ilustrativo.

Dessa forma, a prática pedagógica com memes exige do(a) professor(a) uma postura reflexiva e comprometida com a formação integral dos(as) estudantes. Não se trata apenas de utilizar uma linguagem atrativa, mas de assumir o desafio de mediar debates complexos, articular diferentes fontes e promover a compreensão histórica do tempo presente. Quando sustentado por fundamentação teórica consistente e por escolhas curriculares conscientes, o uso de memes pode contribuir para o fortalecimento do ensino de História como espaço de reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea.

Ao considerar o uso de memes no ensino de História, torna-se indispensável refletir sobre a relação entre escola, memória social e disputas narrativas. A escola não atua em um vazio simbólico; ela é atravessada por memórias coletivas, discursos midiáticos e interpretações concorrentes sobre o passado e o presente (Fonseca, 2003). Os memes, enquanto produtos culturais amplamente compartilhados, operam como dispositivos de memória em tempo real, contribuindo para a fixação, a contestação ou a ressignificação de acontecimentos recentes. Nesse sentido, seu uso pedagógico implica reconhecer que a sala de aula é também um espaço de negociação de sentidos sobre a experiência histórica.

Do ponto de vista do ensino de História, essa proximidade temporal exige cuidados metodológicos específicos. Como observa Hartog (2013), vivemos em um regime de historicidade caracterizado pela centralidade do presente, no qual o passado é constantemente reinterpretado à luz das urgências atuais. Os memes se inserem plenamente nesse regime, funcionando como comentários imediatos sobre acontecimentos em curso. Ao levá-los para a sala de aula, o(a) professor(a) precisa criar condições para que os(as) estudantes compreendam essa lógica presentista, distinguindo entre a experiência vivida, as narrativas produzidas sobre ela e os processos históricos de mais longa duração.

Nesse cenário, o enfrentamento do negacionismo emerge como desafio pedagógico relevante. A pandemia evidenciou a circulação de discursos que relativizam dados científicos, deslegitimam instituições e promovem interpretações conspiratórias da realidade. Muitos desses discursos encontraram nos memes um meio privilegiado de difusão, dada sua capacidade de simplificar argumentos complexos e mobilizar afetos de forma imediata. O ensino de História, ao trabalhar com esses materiais, pode contribuir para a desmontagem crítica dessas narrativas, desde que o(a) professor(a) conduza a análise de forma rigorosa e fundamentada.

A análise crítica dos memes permite problematizar também como determinadas versões dos acontecimentos ganham visibilidade e se consolidam socialmente. Chartier (1988) destaca que as representações não apenas refletem a realidade, mas participam de sua construção, influenciando a forma como os sujeitos percebem e interpretam o mundo social. Ao analisar memes em sala de aula, o(a) professor(a) pode evidenciar esse caráter construtivo das narrativas, mostrando que o humor não é inocente e que as escolhas discursivas presentes no meme produzem efeitos concretos sobre a percepção dos acontecimentos.

Esse trabalho de problematização é particularmente importante quando se trata de temas sensíveis, como a atuação governamental em contextos de crise. A escola, enquanto espaço formativo, não pode se esquivar de discutir esses temas, mas precisa fazê-lo de maneira que

favoreça a reflexão e não a reprodução acrítica de discursos. Rüsen (2007) enfatiza que a aprendizagem histórica deve capacitar os sujeitos a avaliar narrativas à luz de critérios de plausibilidade e coerência, evitando tanto o relativismo absoluto quanto a adesão acrítica a versões dominantes. O meme, nesse sentido, pode ser utilizado como ponto de partida para exercitar essa avaliação crítica.

Além disso, o trabalho com memes permite discutir a relação entre emoção e conhecimento histórico. A linguagem memética mobiliza afetos de maneira intensa, recorrendo ao riso, à indignação ou à ironia. Esses afetos, longe de serem obstáculos à aprendizagem, podem ser incorporados ao processo educativo, desde que sejam tematizados e problematizados. Como aponta Sara Ahmed (2004), as emoções circulam socialmente e desempenham papel central na construção de significados e identidades coletivas. Em sala de aula, reconhecer essa dimensão afetiva pode enriquecer a compreensão histórica, desde que acompanhada de reflexão crítica.

É importante que essa incorporação das emoções ao ensino de História exige cuidado para não confundir empatia com adesão acrítica. O(a) professor(a) precisa criar espaços de distanciamento reflexivo, nos quais os(as) estudantes possam analisar os memes sem se limitar às reações imediatas que eles provocam. Esse distanciamento não significa neutralização do debate, mas aprofundamento da análise, permitindo que os(as) alunos(as) compreendam como emoções, discursos e interesses se articulam na produção das narrativas do tempo presente.

Dessa forma, a consolidação do trabalho com memes em sala de aula também exige reflexão sobre as práticas avaliativas e sobre os limites institucionais que atravessam o cotidiano escolar. Avaliar aprendizagens mediadas por linguagens digitais implica repensar critérios tradicionalmente associados à memorização de conteúdos e à reprodução de informações. No ensino de História, a avaliação deve estar alinhada ao desenvolvimento do pensamento histórico, contemplando a capacidade de contextualizar, interpretar, argumentar e mobilizar diferentes fontes de maneira crítica. Nesse sentido, o uso de memes demanda instrumentos avaliativos que valorizem processos de análise e reflexão, e não apenas produtos finais.

Seixas e Morton (2013) destacam que a avaliação em História deve considerar evidências de aprendizagem relacionadas à compreensão de múltiplas perspectivas, à análise de evidências e à construção de narrativas historicamente plausíveis. Ao trabalhar com memes, o(a) professor(a) pode avaliar a capacidade do(a) estudante de identificar referências históricas, reconhecer enquadramentos discursivos e articular o material analisado a contextos mais amplos. Esse tipo de avaliação desloca o foco da resposta certa para o argumento construído,

favorecendo uma aprendizagem mais significativa e coerente com os objetivos formativos da disciplina.

Entretanto, a adoção dessas práticas enfrenta limites concretos no contexto escolar. A organização do tempo, a pressão por cumprimento de conteúdos curriculares e a padronização de avaliações externas frequentemente restringem a experimentação pedagógica. Como observa Sacristán (2017), o currículo prescrito nem sempre coincide com o currículo praticado, sendo atravessado por condições institucionais que moldam as possibilidades de ação docente. Trabalhar com memes, portanto, exige do(a) professor(a) não apenas criatividade, mas também capacidade de negociação com as estruturas escolares, buscando inserir essas práticas de forma articulada aos objetivos curriculares.

Além dos limites institucionais, há desafios relacionados à diversidade de repertórios dos(as) estudantes. Embora os memes sejam amplamente difundidos, sua compreensão depende de conhecimentos prévios, referências culturais e experiências sociais específicas. O que é imediatamente compreensível para um grupo pode não ser para outro. Essa heterogeneidade exige do(a) docente atenção às desigualdades de acesso à cultura digital e sensibilidade para evitar exclusões simbólicas. Trabalhar com conteúdos digitais em sala de aula implica reconhecer essas diferenças e criar estratégias que promovam a inclusão e a participação de todos os(as) estudantes, como a utilização de memes impressos em atividades pedagógicas ou a proposição de dinâmicas em que os(as) próprios(as) alunos(as) tragam exemplos de memes que circulem em seus contextos sociais.

Outro aspecto relevante diz respeito à seleção dos materiais. A abundância de memes disponíveis nas redes digitais não elimina a necessidade de critérios rigorosos de escolha. O(a) professor(a) precisa considerar a pertinência histórica do material, sua adequação ao público escolar e seus possíveis efeitos de sentido. Como alerta Bardin (2015), todo processo de análise envolve escolhas que influenciam os resultados interpretativos, sendo fundamental explicitar os critérios adotados. Em sala de aula, essa explicitação pode contribuir para que os(as) estudantes compreendam que o conhecimento histórico é construído a partir de seleções e interpretações, e não de dados neutros.

No contexto da pandemia, a seleção de memes torna-se ainda mais sensível. Muitos desses materiais abordam temas como morte, sofrimento, responsabilidade política e conflito social, exigindo do(a) professor(a) postura ética e sensibilidade pedagógica. A escola, enquanto espaço de formação, não pode ignorar essas questões, mas também não pode abordá-las de maneira leviana. Seu uso deve ser acompanhado de discussões que problematizem seus limites,

evitando a banalização da dor e promovendo o respeito às experiências vividas pelos(as) estudantes e por suas comunidades.

Assim, o uso de memes em sala de aula deve ser compreendido como prática situada, atravessada por condicionantes institucionais, curriculares e sociais. Longe de representar solução simples para os desafios do ensino de História, essa prática exige planejamento, reflexão e constante avaliação de seus efeitos formativos. Quando integrada a um projeto pedagógico consistente, ela pode contribuir para o fortalecimento da consciência histórica e para a construção de uma educação crítica e sensível às linguagens do tempo presente.

Ao longo deste item, procurou-se demonstrar que o uso de memes em sala de aula não pode ser reduzido a uma estratégia de engajamento ou a um recurso ilustrativo destinado a tornar as aulas mais “atraentes”. Trata-se, antes, de uma escolha pedagógica que envolve implicações teóricas, metodológicas e éticas, exigindo do(a) professor(a) de História postura reflexiva e intencionalidade formativa. Trabalhar com memes implica reconhecer a centralidade das linguagens digitais na experiência contemporânea dos(as) estudantes, sem abdicar do rigor analítico próprio do conhecimento histórico.

Nesse sentido, o ensino de História do Tempo Presente apresenta especificidades que tornam o trabalho com memes particularmente desafiador. A proximidade temporal dos acontecimentos, a circulação intensa de narrativas concorrentes e a carga emocional associada a temas como a pandemia de Covid-19 colocam o(a) professor(a) diante de um campo de disputas simbólicas ainda em aberto. Como argumenta Rousso (2016), o tempo presente é marcado por instabilidade interpretativa, o que exige do(a) historiador(a) e do(a) educador(a) atenção redobrada aos usos sociais do passado e às formas de construção da memória coletiva. O meme, enquanto linguagem que comenta o presente em tempo real, insere-se plenamente nesse cenário.

A prática pedagógica com memes, portanto, demanda que o(a) professor(a) atue como mediador(a) entre o universo da cultura digital e os procedimentos da análise histórica. Essa mediação envolve desacelerar a leitura, contextualizar os acontecimentos, explicitar disputas de sentido e problematizar os efeitos do humor. Conforme Rüsen (2010) aponta, a aprendizagem histórica só se efetiva quando o sujeito é capaz de atribuir sentido à experiência temporal, transformando-a em orientação para a ação no presente. Sem esse movimento, o uso de memes corre o risco de permanecer no nível da reação imediata.

Além disso, ao longo da discussão, evidenciou-se que o trabalho com memes exige atenção às desigualdades de repertório cultural e às condições institucionais da escola. A

diversidade de experiências dos(as) estudantes, as limitações curriculares e as pressões por resultados mensuráveis impõem desafios concretos à prática docente. Como destaca Sacristán (2017), o currículo é sempre resultado de negociações entre prescrições oficiais, práticas escolares e contextos sociais específicos. Inserir memes nesse contexto requer planejamento e clareza de objetivos, evitando tanto a improvisação quanto a banalização do recurso.

Outro ponto central diz respeito à ética do humor e à responsabilidade social do ensino de História. Os memes mobilizam afetos e emoções de forma intensa, podendo operar como instrumentos de crítica, resistência ou, ao contrário, de naturalização de discursos problemáticos. Phillips e Milner (2017) demonstram que a cultura digital é atravessada por ambivalências, nas quais o humor pode tanto questionar quanto reforçar estruturas de poder. Em sala de aula, essa ambivalência precisa ser tematizada, permitindo que os(as) estudantes compreendam os limites do riso e os efeitos sociais das narrativas humorísticas.

Dessa forma, o uso de memes em sala de aula só se justifica pedagogicamente quando articulado a um projeto educativo comprometido com a formação crítica e com o desenvolvimento do pensamento histórico. Ao longo deste item, buscou-se evidenciar que os memes podem funcionar como fontes do tempo presente, desde que submetidos a procedimentos de contextualização, análise e problematização semelhantes aos aplicados a outras fontes históricas. Essa abordagem amplia o repertório metodológico do ensino de História e dialoga com as linguagens contemporâneas sem abrir mão do rigor acadêmico.

Com isso, encerra-se o item 3.1, estabelecendo as bases teóricas e pedagógicas necessárias para a análise dos memes enquanto fontes históricas no contexto da pandemia de Covid-19. A discussão realizada até aqui permite compreender os desafios e as possibilidades do uso dessa linguagem no ensino de História, preparando o terreno para a análise mais aprofundada dos memes relacionados ao governo Bolsonaro, que será desenvolvida no item seguinte.

3.2 Entre o humor e a crítica: análise dos memes do governo Bolsonaro na pandemia

A análise dos memes relacionados ao governo Jair Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19 exige que esses materiais sejam tratados como fontes históricas do tempo presente, e não como meros produtos humorísticos desprovidos de densidade interpretativa. Ao circularem amplamente nas redes digitais, os memes passaram a desempenhar papel relevante na construção de narrativas sobre a crise sanitária, articulando crítica política, ironia, indignação

e, em alguns casos, desinformação. Nesse sentido, analisá-los implica reconhecer sua inserção em um contexto histórico marcado por instabilidade, polarização política e disputas intensas em torno da interpretação dos acontecimentos.

No campo da História do Tempo Presente, a noção de fonte histórica é ampliada para abarcar registros não tradicionais, produzidos em meio aos próprios eventos analisados. Rousso (2016) destaca que o tempo presente se caracteriza pela coexistência entre o acontecimento, sua interpretação e sua memória em construção, o que exige do(a) historiador(a) atenção especial às formas de representação e circulação das narrativas. Os memes, enquanto registros simbólicos produzidos no calor do acontecimento, participam ativamente desse processo, funcionando como comentários imediatos que condensam percepções sociais e posicionamentos políticos.

Durante a pandemia, os memes relacionados ao governo Bolsonaro passaram a expressar, de maneira recorrente, críticas à condução da crise sanitária, à postura negacionista do presidente e às estratégias discursivas adotadas pelo governo federal. Essas produções não surgem de forma aleatória, mas dialogam diretamente com pronunciamentos oficiais, políticas públicas, declarações polêmicas e acontecimentos amplamente divulgados pela mídia. Assim, cada meme pode ser compreendido como resposta simbólica a eventos específicos, o que reforça a necessidade de contextualização histórica rigorosa em sua análise.

Sendo assim, a análise histórica dos memes exige, portanto, atenção às estratégias discursivas mobilizadas. Maingueneau (2018) destaca que todo discurso se constrói em um determinado cenário de enunciação, no qual posições de fala, destinatários e efeitos de sentido são cuidadosamente articulados. Os memes sobre o governo Bolsonaro operam nesse regime discursivo ao assumir posições críticas explícitas, convocando o leitor a compartilhar determinada interpretação dos acontecimentos. A escolha das imagens, das frases e das referências implícitas revela intencionalidades que precisam ser desveladas pela análise histórica.

Nesse sentido, a análise dos memes presentes no produto técnico e tecnológico materializado como e-book permite observar de forma concreta como essas estratégias discursivas se materializam em produções específicas que circularam amplamente durante a pandemia.

Figura 19 – Meme sobre o uso de máscara durante a pandemia.



Fonte: Extra Online (2020).

O meme apresentado mobiliza, de maneira sintética e irônica, a crítica à postura do governo federal em relação às medidas sanitárias básicas, especialmente o uso de máscaras. A construção visual e textual estabelece um contraste entre a gravidade da crise sanitária e a forma como determinadas falas presidenciais minimizaram a importância das medidas de proteção, amplamente noticiadas por veículos de comunicação à época, que evidenciavam o agravamento do cenário pandêmico, com aumento expressivo de casos e óbitos.⁵⁸ Ao deslocar esse discurso para o campo do humor, o meme produz um efeito de deslegitimação simbólica, transformando a fala oficial em objeto de julgamento público.

Do ponto de vista discursivo, observa-se um processo de recontextualização, no qual a fala original perde sua função institucional e passa a operar em um novo regime de sentidos. Conforme argumenta Orlandi (2005), o sentido não está fixado no enunciado, mas se constrói na relação entre discurso, sujeito e contexto histórico. Nesse caso, o meme não apenas reproduz a fala presidencial, mas a reinscreve em um cenário de crítica, no qual o leitor é convocado a reconhecer a inadequação da postura governamental diante da crise.

⁵⁸ Entre as notícias da época, reportagens publicadas em 2020 que registraram falas e condutas presidenciais de minimização da pandemia e das medidas de proteção, ao mesmo tempo em que noticiavam o avanço expressivo dos casos e óbitos no país. A título de exemplo, matéria do *Brasil de Fato*, publicada em 4 set. 2020, que noticiou o desestímulo presidencial ao uso de máscaras de proteção contra a Covid-19, mesmo em um contexto de elevado número de mortes no país. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/09/04/125-mil-mortos-bolsonaro-desestimula-uso-de-mascara-de-protecao-contra-a-covid/>.

Além disso, o humor presente no meme não atua como mero elemento de leveza, mas como estratégia de denúncia. Ao provocar o riso, ele simultaneamente evidencia uma tensão entre discurso e realidade, expondo o que Bergson (2018) identifica como função social do riso, isto é, a correção simbólica de comportamentos considerados desviantes. No contexto da pandemia, essa correção assume caráter político, ao associar a negligência em relação às medidas sanitárias a consequências coletivas graves.

A circulação desse meme nas redes digitais amplia significativamente seu alcance interpretativo. Conforme aponta Shifman (2014), os memes funcionam como unidades culturais replicáveis, cuja força reside na capacidade de adaptação e compartilhamento em diferentes contextos. Ao ser reproduzido em múltiplas plataformas e apropriado por distintos públicos, essa mídia deixa de ser apenas uma reação pontual a determinado acontecimento e passa a integrar uma narrativa mais ampla. Nesse processo, a recusa ao uso de máscaras, inicialmente vinculada a falas específicas, é ressignificada e convertida em símbolo recorrente de despreparo e irresponsabilidade governamental.

Essa dinâmica de circulação revela que o meme não pode ser compreendido como objeto isolado, mas como parte de um fluxo contínuo de produções que se transformam à medida que são compartilhadas, modificadas e reinterpretadas. Diferentemente de documentos oficiais, que tendem à fixidez, os memes operam em redes descentralizadas, nas quais o sentido se constrói de forma coletiva e em constante movimento. Do ponto de vista histórico, isso implica reconhecer que sua análise exige atenção não apenas ao conteúdo específico, mas também às condições de circulação e às relações que estabelecem com outros discursos e com o contexto social mais amplo (Shifman, 2014).

Dessa forma, a análise dos memes relacionados ao governo Bolsonaro durante a pandemia deve ser conduzida com rigor metodológico, articulando contexto histórico, discurso, circulação e afetos. Ao tratá-los como fontes do tempo presente, o(a) historiador(a) e o(a) educador(a) ampliam o repertório analítico da disciplina, incorporando linguagens contemporâneas sem abrir mão da crítica e da contextualização. Essa abordagem permite compreender como o humor e a crítica se articulam na construção das narrativas sobre a pandemia, oferecendo subsídios para refletir sobre os usos sociais do passado e do presente.

Para que os memes sejam analisados como fontes históricas do tempo presente, torna-se indispensável explicitar os critérios de seleção do corpus e os procedimentos metodológicos que orientam a leitura desses materiais. Diferentemente de documentos produzidos por instituições oficiais, os memes circulam em ambientes digitais marcados pela fluidez, pela

multiplicidade de versões e pela ausência de autoria definida. Essa característica exige do pesquisador um esforço adicional de delimitação e contextualização, evitando leituras impressionistas ou generalizações apressadas.

A seleção dos memes analisados neste trabalho parte do reconhecimento de que essas produções não são representações isoladas, mas fragmentos de debates públicos mais amplos. Conforme destaca Bardin (2015), toda análise de conteúdo pressupõe escolhas que influenciam diretamente os resultados interpretativos, sendo fundamental explicitar os critérios adotados para garantir rigor e transparência metodológica. Nesse sentido, o corpus analisado foi constituído a partir de memes amplamente difundidos em redes sociais durante o período da pandemia, especialmente aqueles que dialogam diretamente com pronunciamentos oficiais, políticas públicas e posicionamentos do governo federal, com circulação predominante em plataformas como Facebook, Instagram, Twitter (atual X) e WhatsApp.

A delimitação temporal do corpus, compreendida entre os anos de 2020 e 2022, corresponde ao período mais crítico da pandemia no Brasil e coincide com momentos de maior visibilidade dos discursos governamentais relacionados à crise sanitária. Essa escolha permite observar a evolução das narrativas meméticas ao longo do tempo, bem como as mudanças nos enquadramentos discursivos utilizados para criticar ou apoiar a atuação do governo Bolsonaro. Ao situar os memes em seu contexto histórico específico, evita-se a leitura descolada dos acontecimentos que lhes deram origem.

Outro elemento fundamental da análise refere-se à articulação entre humor e crítica política. O riso, nesse contexto, opera como estratégia de deslegitimação simbólica do poder, expondo contradições, incoerências e falas controversas. Como já foi mencionado, o humor possui função social, atuando como forma de julgamento coletivo dos comportamentos percebidos como inadequados ou risíveis (Bergson, 2018). Nos memes analisados, essa função se manifesta na ridicularização de discursos oficiais, transformando falas presidenciais em objetos de escárnio público.

No entanto, a análise dos memes também permite observar a construção de personagens e narrativas em torno da figura presidencial. Muitos memes operam por meio da caricaturização de Jair Bolsonaro, enfatizando traços específicos de sua postura pública e de seu discurso, isto é, as representações não apenas descrevem a realidade, mas contribuem para moldar a percepção social dos sujeitos e dos acontecimentos (Chartier, 1988). Ao transformar o presidente em personagem recorrente do humor digital, os memes participam da construção de uma memória social sobre sua atuação durante a pandemia.

Nesse sentido, os memes analisados podem ser compreendidos como formas de intervenção simbólica no debate público, atuando na disputa por sentidos sobre a crise sanitária. Eles condensam críticas que, em outros suportes, exigiriam longas argumentações, utilizando a síntese e a ironia como recursos expressivos. Essa condensação, embora potente, também impõe limites à análise, pois tende a simplificar processos complexos. O trabalho histórico consiste justamente em desdobrar essas sínteses, explicitando os contextos e as disputas que lhes dão origem.

Diante disso, os memes direcionados ao governo Bolsonaro frequentemente recorrem à ironia e à paródia para questionar a condução da crise sanitária. Esse procedimento discursivo se apoia na recontextualização de falas públicas, imagens oficiais e símbolos do poder, deslocando-os de seus sentidos originais. Fairclough (2001) observa que a recontextualização é um dos mecanismos centrais da crítica discursiva, pois permite revelar contradições e tensões ocultas nos discursos institucionais. Nos memes analisados, esse processo se materializa na transformação de declarações presidenciais em objetos de escárnio, expondo o descompasso entre discurso oficial e realidade vivida.

Outro aspecto relevante diz respeito à dimensão performativa do humor. Butler (1997) argumenta que os discursos não apenas representam a realidade, mas a produzem, reiterando normas e posições de poder. Ao ridicularizar determinadas posturas do governo, os memes não apenas expressam crítica, mas também contribuem para a construção de uma imagem pública específica da figura presidencial. Essa performatividade discursiva reforça a importância de analisar essas publicações como práticas sociais dotadas de efeitos concretos sobre a percepção dos acontecimentos.

Além disso, a circulação dessas mídias nas redes sociais potencializa seu alcance e impacto. Castells (2013) aponta que a comunicação em rede transforma profundamente as dinâmicas de poder, permitindo que narrativas alternativas ganhem visibilidade fora dos canais tradicionais. Os memes, ao se espalharem rapidamente, tornam-se veículos de crítica política acessíveis a amplos públicos, contribuindo para a formação de opiniões e para a consolidação de interpretações compartilhadas sobre os acontecimentos.

Dessa forma, a presença recorrente de memes no debate público durante a pandemia de Covid-19 não pode ser compreendida apenas como reação episódica a declarações controversas ou decisões governamentais pontuais. Trata-se de um fenômeno mais amplo, vinculado à forma como as sociedades contemporâneas buscam compreender crises por meio de linguagens simbólicas acessíveis, rápidas e fortemente afetivas. Nesse sentido, os memes funcionam como

dispositivos de interpretação do real, articulando crítica política, emoção coletiva e simplificação narrativa, características que exigem análise histórica cuidadosa.

A pandemia produziu uma situação-limite, marcada pela ruptura da normalidade cotidiana, pelo aumento da insegurança social e pela ampliação da visibilidade da morte. Agamben (2004) observa que estados de exceção tendem a reconfigurar as formas de percepção do poder e da responsabilidade política, expondo tensões entre governantes e governados. No caso brasileiro, essas tensões se intensificaram diante da postura adotada pelo governo federal, o que favoreceu a emergência de linguagens críticas alternativas, entre elas o humor digital. Os memes, nesse contexto, passaram a operar como forma de comentário social que, ao mesmo tempo, denuncia e elabora simbolicamente a crise.

Esse processo de elaboração simbólica é profundamente marcado pela dimensão narrativa. White (2019) afirma que toda narrativa histórica envolve escolhas de enredo, tonalidade e perspectiva, não sendo mera reprodução dos fatos, mas construção de sentido sobre eles. Os memes, embora não sejam narrativas históricas no sentido clássico, compartilham dessa lógica ao selecionar eventos, atribuir-lhes significados e organizá-los em estruturas reconhecíveis pelo público. Ao ridicularizar determinadas falas ou atitudes do governo Bolsonaro, os memes constroem uma narrativa crítica que associa irresponsabilidade política, negacionismo científico e sofrimento coletivo.

Ao discutir o ensino de História do Tempo Presente, Ferreira (2000) destaca que trabalhar com acontecimentos recentes implica lidar com narrativas ainda instáveis, permeadas por emoções, posicionamentos políticos e disputas de memória. Os memes analisados neste estudo se inserem exatamente nesse campo de instabilidade, funcionando como comentários imediatos sobre decisões governamentais, pronunciamentos oficiais e eventos amplamente divulgados pela mídia. A leitura histórica desses materiais exige, portanto, atenção às condições sociais e políticas que moldaram sua produção e circulação.

No contexto brasileiro, a pandemia evidenciou a centralidade do discurso presidencial na construção de sentidos sobre a crise sanitária. Como aponta Schwarcz (2020), a atuação de lideranças políticas durante períodos de crise influencia diretamente a forma como a sociedade percebe riscos, responsabilidades e prioridades coletivas. Muitos memes direcionados a Jair Bolsonaro retomam falas públicas do presidente, ressignificando-as por meio do humor e da ironia. Esse procedimento discursivo não apenas critica o conteúdo das declarações, mas questiona sua legitimidade política e moral, expondo contradições entre discurso oficial e experiência social.

Do ponto de vista discursivo, a análise dessa linguagem digital evidencia estratégias recorrentes de construção do humor. Orlandi (2005) destaca que o discurso nunca é transparente, sendo atravessado por silêncios, implícitos e deslocamentos de sentido. Nos memes analisados, esses elementos se manifestam na seleção de imagens, na escolha de palavras e na exploração de ambiguidades discursivas. A ironia, nesse contexto, funciona como mecanismo de distanciamento crítico, permitindo que o leitor reconheça a inadequação ou a contradição do discurso oficial sem que isso precise ser explicitado de forma direta.

A relação entre humor e sofrimento social também merece atenção. No Brasil, a pandemia foi marcada por números elevados de mortes e por experiências coletivas de luto, amplamente noticiadas pela imprensa nacional, que registrou o colapso de sistemas de saúde em diversas regiões, como a crise de oxigênio em Manaus e o alto número de óbitos diários ao longo de 2021. Os memes, ao mobilizarem o riso em meio a um contexto de dor, revelam uma tentativa de elaborar simbolicamente o trauma, ainda que essa elaboração seja marcada por tensões e ambiguidades.

Ao analisar esses materiais, torna-se possível identificar padrões de representação que se repetem ao longo do tempo. A insistência em determinados temas, imagens e frases revela a consolidação de uma narrativa crítica compartilhada, que associa a atuação governamental à negligência, ao desprezo pela ciência e à banalização da morte. A repetição é elemento fundamental na construção da memória social, contribuindo para a fixação de determinadas interpretações dos acontecimentos (Pollak, 1989). Os memes, ao circularem massivamente, participam desse processo de fixação simbólica.

A análise dos memes no contexto da pandemia também exige atenção à relação entre ciência, política e produção de sentidos no espaço público brasileiro. A crise sanitária evidenciou um conflito aberto entre discursos científicos e posicionamentos governamentais, conflito que se traduziu, nas redes digitais, em disputas simbólicas intensas. Nesse cenário, os memes passaram a atuar como mediadores informais desse embate, traduzindo debates complexos em formas sintéticas e emocionalmente carregadas. Como observa Lima (2006), a comunicação política no Brasil contemporâneo é profundamente marcada pela circulação de afetos e pela personalização dos conflitos, o que amplia o impacto de linguagens humorísticas e irônicas.

O caso específico do governo Bolsonaro, a recorrência de memes que ironizam a recusa ao uso de máscaras, o descrédito em relação às vacinas e o ataque a instituições científicas revela a centralidade desses temas na percepção social da pandemia. Esses materiais dialogam

diretamente com falas presidenciais amplamente divulgadas, funcionando como respostas simbólicas a discursos oficiais. Conforme aponta Avritzer (2020), crises políticas tendem a intensificar a produção de narrativas alternativas, sobretudo quando há desconfiança em relação às instituições e às lideranças. Os memes, nesse sentido, tornam-se ferramentas de contestação e de vigilância simbólica do poder.

A dimensão discursiva desse fenômeno pode ser aprofundada a partir das contribuições de Orlandi (2005), para quem o sentido não está dado no texto, mas se constrói na relação entre discurso, sujeito e contexto histórico. Os memes analisados não apenas reproduzem falas do governo, mas as deslocam de seus contextos originais, produzindo novos efeitos de sentido. Esse deslocamento é fundamental para compreender como o humor opera como crítica política, pois permite que contradições e ambiguidades sejam expostas de maneira acessível e amplamente compartilhável.

Outro aspecto relevante diz respeito à temporalidade da circulação memética. Diferentemente de textos acadêmicos ou documentos oficiais, os memes respondem quase instantaneamente aos acontecimentos, o que lhes confere caráter efêmero e, ao mesmo tempo, poderoso. Hartog (2013) observa que o regime de historicidade contemporâneo privilegia o presente, produzindo uma aceleração do tempo e uma constante atualização das narrativas. Os memes se inserem plenamente nessa lógica, funcionando como comentários imediatos que, ao se acumularem, contribuem para a construção de uma memória do presente.

Por outro lado, é importante reconhecer que muitos memes funcionaram como instrumentos de defesa da ciência e de denúncia da negligência governamental. Esses materiais frequentemente recorrem a dados oficiais, comparações internacionais e referências a especialistas, ainda que de forma sintética. Conforme argumenta Pinheiro-Machado, a pandemia intensificou a politização da ciência no Brasil, transformando o debate científico em arena de disputa ideológica (Pinheiro-Machado; Freixo, 2019). Os memes, ao traduzirem esse embate em linguagem acessível, participaram ativamente da construção de uma consciência crítica sobre a crise sanitária.

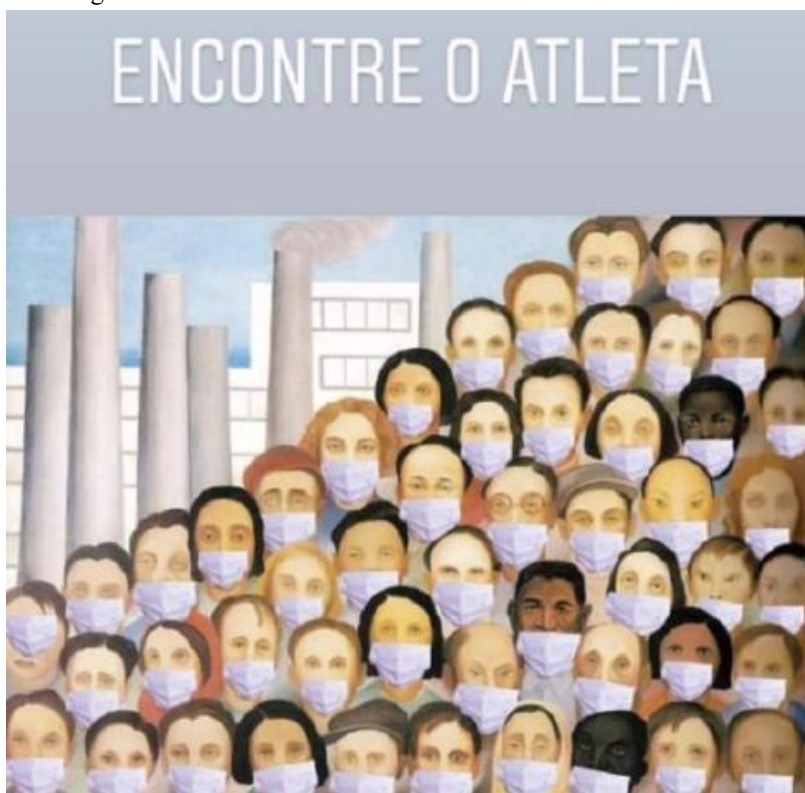
A passagem da discussão metodológica para a análise empírica dos memes exige, inicialmente, explicitar que os materiais selecionados no e-book não são tratados aqui como ilustrações de uma tese previamente formulada, mas como fontes históricas do tempo presente, cuja leitura demanda atenção ao contexto de produção, à circulação social e aos efeitos de sentido que produzem. Essa postura analítica evita o risco de instrumentalizar os memes apenas

para confirmar interpretações já estabelecidas, permitindo que eles próprios tensionem e complexifiquem a análise histórica.

O primeiro conjunto de memes analisados apresenta como elemento recorrente a apropriação irônica de falas públicas do presidente Jair Bolsonaro relacionadas à pandemia. Essas falas, amplamente divulgadas por veículos de comunicação e redes sociais, tornaram-se matéria-prima privilegiada para a produção memética. Do ponto de vista discursivo, observa-se um processo de deslocamento semântico no qual a fala original é retirada de seu contexto institucional e reinscrita em um novo enquadramento humorístico. Em outras palavras, esse deslocamento produz novos sentidos, pois o discurso passa a operar sob outras condições de interpretação, atravessadas por memória, ideologia e posição do sujeito leitor (Orlandi, 2005).

Nos memes analisados, esse deslocamento discursivo cumpre função claramente crítica. A ironia não se limita a provocar o riso, mas atua como mecanismo de deslegitimação simbólica da autoridade presidencial. Ao expor contradições entre discurso e realidade, as publicações constroem uma leitura histórica que associa a atuação governamental à negligência e ao desprezo pela gravidade da crise sanitária. Ressaltando que, em contextos de crise, a figura da liderança política torna-se central na construção de narrativas sobre responsabilidade e culpa, sendo frequentemente alvo de julgamentos simbólicos coletivos (Schwarcz, 2020). Os memes, nesse sentido, funcionam como espaços privilegiados desses julgamentos.

Figura 20 – Meme sobre a ideia de “atleta” e resistência ao vírus



Fonte: Marjorie Arruda (2020).

O meme apresentado constrói sua crítica a partir da ironização de uma das falas mais emblemáticas do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia, na qual se sugeria que, por possuir histórico de atleta, haveria menor risco diante da infecção pelo vírus. Ao ser apropriada no formato memético, essa declaração é deslocada de seu contexto original e submetida a um processo de ridicularização, no qual sua fragilidade argumentativa é amplificada pelo humor.

Do ponto de vista discursivo, o meme opera por meio da exposição da incongruência entre o discurso presidencial e os conhecimentos científicos amplamente difundidos no período. Conforme aponta Orlandi (2005), o sentido se constrói no confronto entre formações discursivas distintas, e é nesse embate que o humor encontra sua potência crítica. Ao colocar em evidência a inadequação da fala, o meme convoca o leitor a reconhecer o distanciamento entre a retórica política e a realidade da crise sanitária.

Além disso, a construção visual do meme reforça esse efeito de crítica. A associação entre a ideia de “atleta” e imagens que contradizem ou exageram essa condição produz um efeito de contraste que intensifica o riso e, simultaneamente, a crítica. Como destaca Meneses (2003), a imagem histórica não apenas representa, mas orienta a interpretação, selecionando elementos que direcionam o olhar do observador. No meme, essa seleção visual contribui para

a construção de uma narrativa que associa o discurso presidencial à irresponsabilidade e ao negacionismo.

O humor, nesse caso, atua como mecanismo de deslegitimação simbólica. Ao transformar a fala em objeto de escárnio, o meme retira sua autoridade e a reinscreve no campo do julgamento social. Bergson (2018) já indicava que o riso pode funcionar como forma de correção coletiva, e, no contexto da pandemia, essa correção assume dimensão política, ao expor comportamentos considerados inadequados diante de uma crise de grande magnitude.

A circulação desse meme nas redes digitais amplia ainda mais sua força interpretativa. Como argumenta Shifman (2014), a replicabilidade dos memes permite que determinadas leituras dos acontecimentos se consolidem socialmente. Ao ser compartilhado, adaptado e reinterpretado, o meme contribui para fixar uma narrativa crítica sobre a postura do governo, reforçando a percepção de despreparo e minimização da gravidade da pandemia.

A análise visual desses materiais revela o uso recorrente de imagens amplamente reconhecíveis do presidente, geralmente capturadas em situações públicas, combinadas a frases curtas e irônicas. Meneses (2003) destaca que a imagem histórica não apenas representa o real, mas o interpreta, selecionando ângulos, expressões e enquadramentos que orientam a leitura do observador. No caso dos memes, essa seleção visual intensifica o efeito crítico, ao associar determinadas expressões faciais ou gestos presidenciais a mensagens que reforçam a ideia de descaso ou inadequação diante da crise.

Em alguns casos, essa construção memética dialoga com referências artísticas amplamente conhecidas, como a obra *Operários* (1933), de Tarsila do Amaral, cuja releitura em formato de meme permite associar a crítica à condução da pandemia à situação dos trabalhadores brasileiros, especialmente no contexto da insistência do governo federal em retomar atividades econômicas e laborais em meio ao agravamento da crise sanitária. Essa articulação amplia o alcance interpretativo do meme, ao mobilizar repertórios visuais históricos para tensionar questões contemporâneas.

Dessa forma, a análise desse primeiro conjunto de memes evidencia como o humor se articula à crítica política na construção de narrativas sobre a pandemia. Esses materiais revelam não apenas reações imediatas aos acontecimentos, mas processos mais amplos de elaboração simbólica da crise, nos quais memória, emoção e disputa discursiva se entrelaçam. Ao tratá-los como fontes históricas, a pesquisa reconhece seu valor para a compreensão do tempo presente, sem perder de vista seus limites interpretativos e suas ambivalências.

Ao aprofundar a análise do primeiro conjunto de memes, torna-se possível observar que essas produções não atuam apenas como comentários pontuais sobre falas presidenciais, mas constroem, ao longo do tempo, um repertório simbólico relativamente estável. Esse repertório se organiza por meio da repetição de temas, imagens e estruturas discursivas, contribuindo para a sedimentação de uma leitura crítica compartilhada sobre a atuação do governo federal durante a pandemia. Conforme argumenta Baczko (1985), os imaginários sociais se constituem por meio da repetição e da circulação de símbolos que passam a organizar a percepção coletiva da realidade.

A repetição, no caso dos memes analisados, não implica mera redundância, mas reforço interpretativo. Ao retomar continuamente determinadas falas ou imagens do presidente, os memes transformam episódios específicos em signos representativos de um modo de governar. Essa transformação é central para a análise histórica, pois evidencia como acontecimentos isolados passam a ser integrados a narrativas mais amplas. Ricoeur (2011) destaca que a narrativa opera justamente nesse movimento de articulação entre eventos singulares e estruturas de sentido duradouras. Os memes, ainda que em linguagem sintética, participam desse processo narrativo.

Outro aspecto relevante diz respeito à recepção desses memes pelos diferentes públicos. Embora não seja possível mapear de forma exaustiva as reações dos usuários, a ampla circulação e a recorrência dessas produções indicam que elas encontraram ressonância social significativa. Jenkins (2022) aponta que a cultura participativa contemporânea se caracteriza pela apropriação ativa dos conteúdos pelos usuários, que não apenas consomem, mas também reinterpretam e redistribuem narrativas. No caso dos memes da pandemia, essa participação se manifesta na criação de variações, na adaptação a novos acontecimentos e na circulação em diferentes plataformas digitais.

Essa dinâmica de variação é particularmente importante para a análise histórica, pois revela que o meme não é um objeto fixo, mas um processo em constante transformação. Cada nova versão incorpora elementos do contexto imediato, atualizando a crítica e mantendo sua relevância. Shifman observa que essa capacidade de adaptação é um dos principais fatores que explicam a força cultural dos memes, permitindo que eles acompanhem a velocidade dos acontecimentos (Shifman, 2014). Para o(a) historiador(a), essa característica impõe o desafio de analisar séries e padrões, e não apenas exemplares isolados.

Do ponto de vista pedagógico, a análise dessas variações oferece possibilidades importantes para o ensino de História. Ao comparar diferentes versões de um mesmo meme ou

memes produzidos em momentos distintos da pandemia, os(as) estudantes podem ser convidados(as) a identificar continuidades e rupturas nas narrativas sobre o governo e a crise sanitária. Conforme defende Fonseca (2003), o ensino de História ganha densidade quando estimula a análise comparativa e a problematização das fontes, em vez de sua simples reprodução. Os memes, nesse sentido, podem funcionar como porta de entrada para discussões mais amplas sobre tempo histórico e mudança.

Além disso, a circulação desses conteúdos também revela desigualdades de acesso e de repertório cultural. Nem todos os(as) estudantes ou usuários(as) das redes sociais compartilham as mesmas referências simbólicas, o que pode limitar a compreensão do humor mobilizado. Candau (2012) destaca que a leitura das fontes históricas depende do capital cultural dos sujeitos, sendo necessário considerar essas diferenças no trabalho pedagógico. Ao trazer memes para a sala de aula, o(a) professor(a) precisa criar mediações que tornem explícitas as referências implícitas, evitando exclusões simbólicas.

Outro ponto que merece atenção é a relação entre esses memes e os meios de comunicação tradicionais. Muitos memes analisados dialogam diretamente com manchetes jornalísticas, entrevistas e reportagens amplamente divulgadas. Essa intertextualidade reforça a ideia de que os memes não operam isoladamente, mas em articulação com outros discursos sociais. Sodré (2021) aponta que a mídia exerce papel central na organização do imaginário social, influenciando a forma como os acontecimentos são narrados e lembrados. A linguagem memética, ao apropriarem-se desse material midiático, contribui para reconfigurar seus sentidos.

Nesse processo, observa-se também uma tensão entre informação e interpretação. Embora os memes frequentemente façam referência a fatos verificáveis, eles não têm como objetivo principal informar, mas interpretar e julgar. Essa característica exige cuidado na análise histórica, para que não se confunda o registro simbólico com a factualidade dos acontecimentos. Le Goff (2013) lembra que todo documento é também monumento, isto é, construção interessada de memória. Os memes, como documentos do tempo presente, devem ser lidos a partir dessa chave interpretativa.

Assim, o aprofundamento da análise desse primeiro conjunto de memes evidencia como essas produções participam ativamente da construção de narrativas sobre a pandemia e o governo Bolsonaro. Elas articulam repetição, variação, circulação e recepção, configurando um campo complexo de disputas simbólicas. Ao explorar essas dimensões com calma e rigor, a

pesquisa consolida bases sólidas para avançar na análise de outros conjuntos de memes, mantendo coerência interna e densidade teórica ao longo do capítulo.

Um segundo conjunto de memes presente no e-book organiza a crítica política em torno do conflito entre ciência, tratamento precoce e vacinação, temas que foram decisivos na experiência brasileira da pandemia. Diferentemente do primeiro grupo, que se estrutura principalmente pela recontextualização de falas presidenciais, este conjunto tende a operar por contraposição de registros, de um lado a linguagem científica, as orientações sanitárias e os dados epidemiológicos, de outro o discurso governamental, marcado por desqualificação de especialistas, aposta em soluções simplificadoras e produção de incerteza. Essa oposição produz um efeito memético que não apenas ridiculariza decisões, mas constrói uma narrativa pública sobre irresponsabilidade, risco e morte evitável.

Figura 21 – Meme sobre a recusa de negociação de vacinas (caso Pfizer).



Fonte: TechTudo (2021).

O meme apresentado mobiliza a crítica à condução governamental no processo de aquisição de vacinas, especialmente no que se refere às negociações com a farmacêutica Pfizer. A construção memética se apoia na contraposição entre a urgência sanitária e a demora ou negligência atribuída às decisões políticas, produzindo um efeito de acusação simbólica. Ao condensar um debate complexo em uma imagem de rápida compreensão, o meme transforma uma questão técnico-administrativa em narrativa moral sobre responsabilidade e omissão.

Do ponto de vista discursivo, observa-se a articulação entre dois campos distintos de produção de sentido, de um lado o discurso científico, associado à urgência da vacinação e à proteção coletiva, de outro o discurso político, marcado por hesitação, descrédito e controvérsia. Conforme Orlandi (2005), o sentido emerge no confronto entre formações discursivas, sendo nesse embate que o meme constrói sua potência crítica. Ao ridicularizar a demora na aquisição de vacinas, o meme hierarquiza simbolicamente os discursos, atribuindo legitimidade à ciência e deslegitimando a ação governamental.

Além disso, a construção visual reforça esse contraste. A utilização de imagens ou frases que remetem à demora, à negação ou à irresponsabilidade intensifica o efeito de crítica, ao mesmo tempo em que simplifica a complexidade do processo político. Meneses (2003) destaca que a imagem histórica organiza o olhar e orienta a interpretação, sendo esse recurso central na linguagem memética. No caso analisado, a imagem não apenas ilustra, mas estrutura o sentido do meme, produzindo um julgamento imediato sobre a atuação do governo.

A circulação desse tipo de meme nas redes digitais também contribui para a consolidação de uma narrativa pública sobre a pandemia. Ao serem amplamente compartilhados, esses materiais ajudam a fixar a percepção de que decisões políticas tiveram impacto direto na ampliação da crise sanitária, reforçando a ideia de responsabilidade governamental.

Figura 22 – Meme sobre desinformação e efeitos da vacina (“virar jacaré”).



Fonte: Felipe Mascari (2020).

O meme apresentado ironiza uma das falas mais controversas do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia, na qual se sugeria, de forma caricatural, possíveis efeitos absurdos da vacinação. Ao ser apropriada no formato memético, essa declaração é transformada em objeto de escárnio, evidenciando o caráter anticientífico do discurso e sua inadequação diante da gravidade da crise sanitária.

Do ponto de vista discursivo, o meme opera por meio da amplificação do absurdo. Ao levar ao extremo a lógica implícita na fala presidencial, ele expõe sua fragilidade argumentativa e a distancia ainda mais do campo da racionalidade científica. Conforme observa Orlandi (2005), o discurso produz sentido na relação com o não dito, e é justamente essa dimensão implícita que o meme torna visível, transformando a sugestão em evidência de irracionalidade.

A força crítica do meme reside também em sua dimensão afetiva. Ao provocar o riso, ele simultaneamente reforça a indignação diante da circulação de desinformação em um contexto de crise sanitária. Esse riso é frequentemente acionado por elementos que dialogam com referências do imaginário coletivo, como personagens ficcionais ou situações absurdas, a exemplo da figura do “jacaré”, nesse caso, o humor funciona como catalisador de emoções coletivas que reforçam a rejeição ao negacionismo.

A literatura sobre política e esfera pública no Brasil ajuda a compreender por que essa disputa ganhou tamanha centralidade. Miguel (2019) observa que, em contextos de polarização, narrativas concorrentes buscam monopolizar a definição do real, disputando credibilidade e autoridade interpretativa. Durante a pandemia, essa disputa se intensificou em torno de objetos altamente sensíveis, como a vacina, os protocolos de prevenção e a legitimidade das instituições científicas. Os memes, nesse contexto, funcionam como sínteses simbólicas dessa guerra narrativa, convertendo debates técnicos complexos em signos acessíveis, replicáveis e emocionalmente marcados.

No plano discursivo, esse segundo conjunto de memes frequentemente se estrutura por estratégias de ridicularização do argumento adversário, não apenas pela crítica direta à figura presidencial. Orlandi (2005) indica que os sentidos se constroem no confronto entre formações discursivas, e que o conflito de interpretações é constitutivo do funcionamento da linguagem. Nos memes analisados, o discurso da ciência é frequentemente representado como aquilo que deveria orientar a ação coletiva, enquanto o discurso governamental aparece como ruído, improvisado, teimosia ou manipulação. A ironia funciona como mecanismo de hierarquização simbólica, demarcando qual discurso merece confiança e qual deve ser desacreditado.

Essa construção não é neutra, ela opera como forma de crítica política e também como forma de elaboração moral da crise. Schwarcz (2020) destaca que, em momentos de catástrofe, a sociedade tende a produzir narrativas que buscam atribuir responsabilidade a agentes e instituições, organizando o trauma por meio de julgamentos e enquadramentos. Muitos memes desse grupo não apenas apontam erros de gestão, mas sugerem que determinadas escolhas políticas produziram consequências trágicas, sobretudo para populações vulnerabilizadas. Essa dimensão moral é reforçada por recursos visuais que evocam hospitais, enterros, números de mortos e cenas de colapso sanitário, elementos que, quando combinados ao humor, produzem uma tensão interpretativa entre riso e luto.

A própria forma do meme contribui para essa tensão, isto é, as imagens, ao narrar visualmente, podem orientar leituras e emoções, configurando uma interpretação da experiência histórica (Meneses, 2003). Quando o meme associa uma fala ou uma promessa governamental a imagens de sofrimento, ele constrói uma lógica de contraste que intensifica a crítica. O humor, nesse caso, não atua como leveza, mas como agressividade simbólica, uma forma de acusação social que se vale da síntese para produzir impacto.

Esse conjunto também evidencia a relação entre circulação de desinformação e formatos humorísticos. Estudos no campo da comunicação digital no Brasil apontam que conteúdos com apelo emocional e formas simplificadas circulam com grande velocidade, sendo frequentemente compartilhados sem verificação, especialmente em ambientes polarizados (Recuero; Soares; Zago, 2020). A linguagem memética, por combinar imagem, frase curta e efeito emocional, pode ser apropriada tanto para desmentir quanto para reforçar desinformação. Isso significa que a análise histórica precisa considerar a ambivalência do meme, não como exceção, mas como característica estrutural do ambiente digital contemporâneo.

Além disso, esse segundo grupo de memes permite observar como o debate sobre ciência se transformou em disputa identitária e política, ou seja, afetos coletivos estruturam posicionamentos políticos e moldam a forma como sujeitos se vinculam a narrativas públicas (Saftle, 2016). Muitos memes analisados mobilizam indignação e ironia para consolidar pertencimentos, distinguindo quem é considerado responsável e racional de quem é retratado como cúmplice do negacionismo. Essa dimensão afetiva é central para compreender por que os memes não apenas comentam acontecimentos, mas produzem laços simbólicos, reforçam alianças e intensificam antagonismos.

No plano pedagógico, a presença desse conjunto de memes no e-book permite construir atividades que problematizem, com rigor, a diferença entre informação, interpretação e

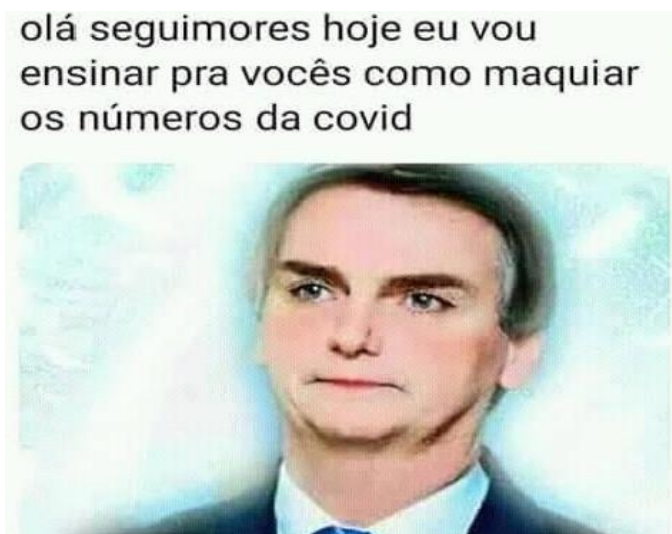
persuasão. O ensino de História, ao trabalhar com fontes do tempo presente, pode promover exercícios de contextualização e análise de discurso, articulando meme, acontecimento histórico e debate público. Sendo assim o trabalho didático com fontes ganha potência quando promove leitura crítica e construção de sentido histórico, e não apenas reconhecimento superficial do material (Fonseca, 2003). Nesse caso, o meme pode ser tratado como documento que expressa disputas sociais e políticas, exigindo do(a) estudante capacidade de identificar enquadramentos, objetivos comunicacionais e efeitos de sentido.

Por fim, esse segundo conjunto de memes contribui para a construção de uma memória social específica da pandemia no Brasil, uma memória fortemente atravessada pelo conflito entre ciência e política. Pollak (1989) lembra que a memória coletiva se organiza por seleções e ênfases, produzindo narrativas que disputam legitimidade no espaço público. Ao enfatizar repetidamente a tensão entre prevenção, vacina e discurso governamental, esses memes ajudam a fixar uma interpretação histórica do período, na qual escolhas políticas são apresentadas como decisivas na ampliação da tragédia.

Assim, a análise desse conjunto aprofunda a compreensão dos memes como fontes do tempo presente, ao evidenciar que o humor não atua apenas como forma de riso, mas como linguagem de disputa, de julgamento moral e de elaboração simbólica de uma catástrofe coletiva. Esse movimento reforça a necessidade de tratar essa linguagem digital com rigor metodológico, articulando contexto, discurso, circulação e memória.

Um terceiro conjunto de memes presente no e-book se organiza em torno da representação do luto coletivo e da quantificação da morte durante a pandemia de Covid-19. Diferentemente dos grupos anteriores, nos quais o humor aparece de forma mais explícita, esse conjunto mobiliza uma ironia mais amarga, frequentemente próxima do sarcasmo, estabelecendo uma relação tensa entre riso, indignação e sofrimento. Esses memes se concentram na crítica à banalização da morte, associando números oficiais de óbitos a discursos governamentais que minimizavam a gravidade da crise sanitária.

Figura 23 – Meme sobre a manipulação/maquiagem de dados da pandemia



Fonte: Eu, Rio! (2020).

O meme apresentado articula sua crítica a partir da denúncia simbólica da manipulação ou ocultação de dados relacionados à pandemia, especialmente no que diz respeito ao número de mortos. A construção visual e textual sugere a ideia de “maquiagem” das informações, produzindo um efeito de desconfiança em relação à transparência governamental. Ao condensar essa crítica em linguagem humorística, o meme transforma um debate técnico sobre divulgação de dados em uma acusação moral sobre a condução da crise.

Do ponto de vista discursivo, observa-se a mobilização de um léxico associado à falsificação e à aparência, no qual os dados deixam de ser apresentados como registros neutros da realidade e passam a ser interpretados como construções manipuladas. Conforme argumenta Foucault (2021), os regimes de verdade são produzidos por práticas discursivas que definem o que pode ser considerado legítimo ou não. Nesse caso, o meme atua como contestação desse regime, questionando a credibilidade das informações oficiais e propondo uma leitura alternativa dos acontecimentos.

Além disso, a articulação entre humor e denúncia intensifica o impacto do meme. Ao provocar o riso, ele simultaneamente revela uma situação percebida como grave, isto é, a possível ocultação da dimensão real da tragédia. Sontag (2003) aponta que a representação do sofrimento pode oscilar entre visibilização e banalização, e, nesse caso, o meme atua como tentativa de reverter a invisibilidade, chamando atenção para aquilo que se acredita estar sendo encoberto.

A circulação desse tipo de meme reforça a construção de uma narrativa crítica sobre a pandemia, na qual a gestão da informação se torna elemento central de julgamento político. Ao ser amplamente compartilhado, ele contribui para consolidar a percepção de que a crise sanitária

não foi apenas um evento natural, mas também um fenômeno atravessado por decisões e estratégias discursivas que influenciaram a forma como a sociedade percebeu sua gravidade.

Figura 24 – Meme sobre a representação internacional do Brasil durante a pandemia.



Fonte: Entretenimento (2021).

O meme apresentado constrói sua crítica a partir da contraposição entre a imagem idealizada do Brasil em discursos oficiais e a percepção internacional negativa da condução da pandemia. A referência a organismos como a ONU reforça a dimensão global da crise, evidenciando que as decisões políticas nacionais foram observadas e avaliadas em escala internacional. Ao transformar esse contraste em linguagem humorística, o meme produz um efeito de exposição pública, no qual o país aparece como objeto de crítica e constrangimento simbólico.

Do ponto de vista discursivo, o meme opera por meio da construção de um contraste entre dois regimes de representação, de um lado, a narrativa oficial que busca afirmar controle e normalidade, de outro, a percepção externa marcada por crítica e preocupação. Chartier (1988) contribui para essa reflexão ao evidenciar que as representações participam ativamente da produção de sentidos sobre a realidade, influenciando as formas pelas quais os acontecimentos são compreendidos e narrados. Nesse caso, o meme evidencia a disputa entre diferentes formas de narrar a pandemia, deslocando o foco da esfera interna para o julgamento internacional.

A dimensão visual é central para esse efeito. No meme analisado, observa-se a releitura de uma cena idealizada do Brasil, marcada por elementos naturais exuberantes, convivência harmônica entre sujeitos e até a presença de animais silvestres, compondo uma imagem que remete a um país pacífico e equilibrado. Essa representação é tensionada pela inserção da figura presidencial e pelo contexto político ao qual o meme faz referência, produzindo um contraste entre a imagem idealizada e a realidade da crise sanitária vivida no período. A escolha de símbolos reconhecíveis, como a paisagem natural e a convivência aparentemente harmoniosa, contribui para ampliar o alcance interpretativo do meme, ao mesmo tempo em que evidencia seu caráter crítico.

Trata-se de uma imagem amplamente compartilhada nas redes sociais brasileiras, especialmente em formato de meme, o que reforça sua circulação, habilidade de replicação e sua capacidade de síntese simbólica. Conforme Meneses (2003), a imagem histórica não apenas representa, mas interpreta a realidade, orientando a leitura do observador a partir de elementos visuais selecionados. Safatle (2016) destaca que os afetos desempenham papel central na construção das posições políticas, influenciando a forma como os sujeitos se vinculam a narrativas públicas. Ao mobilizar esses afetos, o meme contribui para consolidar uma leitura crítica da atuação governamental, associando-a a uma imagem negativa no cenário internacional.

A circulação desse meme nas redes sociais amplia seu impacto simbólico, ao transformar a crítica internacional em elemento do debate público interno. Como aponta Castells (2013), a comunicação em rede permite que diferentes escalas de discurso se articulem, conectando experiências locais a narrativas globais. Nesse sentido, o meme não apenas comenta a pandemia, mas insere o Brasil em um campo mais amplo de disputas simbólicas, no qual a imagem do país é constantemente reavaliada.

A quantificação da morte ocupa papel central nesse processo. Durante a pandemia, a divulgação diária de números de infectados e mortos produziu um efeito paradoxal: ao mesmo tempo em que tornava visível a dimensão da tragédia, também contribuía para certa anestesia social diante da repetição das estatísticas. No Brasil, esse cenário foi marcado por números expressivos, como os mais de 600 mil mortos registrados até o final de 2021, com picos superiores a 3 mil óbitos diários em determinados momentos da crise sanitária.⁵⁹ Sontag (2003) argumenta que a exposição contínua ao sofrimento, quando mediada por imagens e números, pode gerar distanciamento emocional, transformando a dor em abstração. Os memes analisados

⁵⁹ Dados disponíveis em: <<https://covid.saude.gov.br/>>

se inserem justamente nesse ponto de tensão, ao tentar reverter a abstração dos números por meio da ironia crítica.

A presença do luto como tema central desses memes permite aproximar a análise das discussões sobre memória traumática, ou seja, experiências marcadas por violência ou morte em larga escala que produzem memórias difíceis, atravessadas por silêncios, disputas e resistências à elaboração simbólica (Pollak, 1989). Os memes, nesse contexto, funcionam como tentativas de elaboração coletiva do trauma, ainda que em linguagem fragmentada e muitas vezes agressiva. O humor, longe de suavizar a dor, aparece como forma de denúncia da impossibilidade de normalizar a tragédia.

Essa denúncia se articula a uma crítica mais ampla à gestão da pandemia. A forma como o Estado lida com a morte revela concepções profundas sobre cidadania, dignidade e valor da vida (Schwarcz, 2020). Diante disso, nos memes analisados, a recorrência de números elevados de mortos é utilizada para questionar diretamente as escolhas políticas do governo federal, sugerindo que a tragédia não foi apenas resultado de um vírus, mas também de decisões e omissões. Essa leitura atribui responsabilidade histórica ao poder público, transformando os memes em instrumentos de acusação simbólica.

A dimensão ética desses memes também merece atenção. Ao trabalhar com a morte e o sofrimento, o humor se aproxima de um limite sensível, no qual o risco de desrespeito às vítimas se torna presente. A indignação moral é um afeto político central em contextos de injustiça e violência, podendo se expressar por meio de linguagens duras e provocativas (Safatle, 2016). Nos memes analisados, a ironia funciona como expressão dessa indignação, não como negação do luto, mas como forma de torná-lo politicamente significativo.

No entanto, a análise histórica deve reconhecer que nem todos os leitores interpretam esses memes da mesma forma, ou seja, a leitura de imagens e narrativas depende dos repertórios culturais e das experiências individuais dos sujeitos (Candau, 2012). Para alguns, o humor pode ser percebido como denúncia legítima; para outros, como banalização do sofrimento. Essa diversidade de recepção reforça a necessidade de mediação pedagógica quando esses materiais são utilizados em contextos educativos, como proposto no e-book que integra o produto da dissertação.

No campo do ensino de História, esse conjunto de memes oferece possibilidades importantes para discutir memória, responsabilidade histórica e usos do passado recente. Ao relacionar números de mortos a decisões políticas, os memes convidam à reflexão sobre causalidade histórica e sobre o papel do Estado em situações de crise. Fonseca (2003) destaca

que o ensino de História do tempo presente pode contribuir para a formação cidadã ao problematizar responsabilidades e escolhas coletivas, desde que ancorado em análise crítica e contextualização rigorosa. Os memes, quando trabalhados com esse cuidado, tornam-se fontes potentes para esse tipo de reflexão.

Assim, a análise desse terceiro conjunto de memes aprofunda a compreensão do humor como linguagem ambivalente, capaz de articular crítica política, memória traumática e indignação moral. Esses materiais evidenciam que o riso, no contexto da pandemia, não se opõe ao luto, mas pode funcionar como forma de denúncia da tentativa de normalizar a tragédia. Ao incorporar essa dimensão à análise histórica, o capítulo amplia sua densidade interpretativa e consolida o tratamento dos memes como fontes legítimas e complexas do tempo presente.

Dessa forma, a análise dos memes como fontes do tempo presente evidencia seu potencial para a compreensão das disputas narrativas, dos afetos coletivos e das formas contemporâneas de produção de sentido sobre a pandemia. Ao articular humor, crítica política e memória social, esses materiais revelam não apenas reações imediatas aos acontecimentos, mas também processos mais amplos de elaboração simbólica da crise sanitária no Brasil. Trata-se, portanto, de reconhecer os memes como fontes legítimas e complexas, cuja leitura exige rigor teórico, contextualização histórica e atenção às suas ambivalências.

3.3 O papel do e-book na construção do conhecimento histórico

A incorporação de um produto educacional no formato de e-book no interior de uma dissertação em Ensino de História deve ser compreendida como parte constitutiva do próprio processo de pesquisa, e não como um complemento periférico ou meramente ilustrativo. O e-book não se apresenta como aplicação posterior de uma teoria previamente concluída, mas como desdobramento metodológico e epistemológico de uma investigação que articula análise historiográfica, reflexão pedagógica e intervenção no espaço escolar. Trata-se, portanto, de reconhecer o produto educacional como espaço legítimo de produção de conhecimento histórico escolar.

A relação entre a análise desenvolvida ao longo do capítulo anterior e a construção do e-book não se estabelece como simples transposição de conteúdo, mas como um movimento de tradução pedagógica. A análise dos memes, realizada a partir de referenciais da História do Tempo Presente, da Análise do Discurso e da Comunicação, fornece a base conceitual que orienta a elaboração das atividades propostas no produto educacional. Ao mesmo tempo, essa

análise é reorganizada em função das demandas do ensino médio, o que implica mudanças de linguagem, de abordagem e de forma de apresentação.

Essa reorganização não significa simplificação do conteúdo, mas adequação ao contexto escolar. O conhecimento histórico escolar não corresponde a uma redução do saber acadêmico, mas à sua reconfiguração em função de objetivos formativos específicos (Saviani, 2013). Nesse sentido, o e-book não mobiliza a densidade teórica da pesquisa, mas a apresenta por meio de perguntas, propostas de análise e atividades que estimulam a participação ativa dos(as) estudantes. A reflexão sobre os memes não aparece como exposição conceitual abstrata, mas como exercício de interpretação orientado.

A escolha dos memes como eixo do produto educacional está diretamente vinculada à análise desenvolvida no item anterior, que os reconhece como fontes do tempo presente. Ao serem incorporados ao e-book, esses materiais deixam de ser apenas objetos de análise acadêmica e passam a ser mobilizados como instrumentos didáticos. Esse deslocamento exige cuidado metodológico, uma vez que implica transformar produções marcadas por humor, ironia e disputa política em objetos de aprendizagem histórica.

No contexto das transformações associadas à cultura digital, essa escolha adquire relevância particular. As práticas de leitura, escrita e circulação de informações foram profundamente alteradas nas últimas décadas, especialmente entre jovens em idade escolar. Como observa Moran (2014), as tecnologias digitais reorganizam não apenas os instrumentos de acesso ao conhecimento, mas também os modos de atenção e as expectativas em relação à aprendizagem. Nesse cenário, o e-book se apresenta como formato que dialoga com essas mudanças, sem renunciar à mediação docente e do rigor conceitual.

A incorporação dessas linguagens digitais ao ensino de História pode ser aprofundada a partir da noção de cibercultura, formulada por Pierre Lévy (1999), que compreende o ambiente digital como espaço de produção coletiva de sentidos, marcado pela interatividade, pela circulação acelerada de informações e pela construção compartilhada de conhecimento. Ao trabalhar com memes, o e-book se insere nesse universo, reconhecendo que a aprendizagem histórica também se constrói em diálogo com as formas contemporâneas de comunicação e expressão.

Do ponto de vista didático, o formato do e-book permite articular texto, imagem e atividade de maneira integrada, explorando potencialidades próprias das linguagens digitais. Essa articulação não se reduz ao uso de recursos visuais como elemento ilustrativo, mas se configura como estratégia de construção de sentido. Kenski (2007) destaca que as tecnologias

digitais possibilitam novas formas de interação com o conhecimento, desde que utilizadas de maneira crítica e intencional. No ensino de História, essa integração favorece o desenvolvimento de operações cognitivas fundamentais, como a comparação, a contextualização e a problematização de diferentes narrativas.

A noção de cultura digital, nesse contexto, não deve ser compreendida apenas como presença de tecnologias no cotidiano, mas como transformação nas formas de produção, circulação e interpretação de informações. Autores que discutem a escrita e a comunicação na era digital chamam atenção para o fato de que as redes sociais constituem espaços de performance discursiva e disputa política, nos quais sentidos são constantemente negociados. Ao trabalhar com memes, o e-book incorpora essas dinâmicas ao ensino de História, permitindo que os(as) estudantes analisem como discursos são construídos, compartilhados e ressignificados em ambientes digitais.

Ao mesmo tempo, é fundamental reconhecer que o e-book não opera de forma autônoma. Sua eficácia pedagógica depende diretamente da mediação docente e da inserção em práticas educativas intencionalmente construídas. Nenhum material didático é neutro ou suficiente em si mesmo, sendo sempre atravessado por escolhas curriculares, valores e concepções de ensino (Candau, 2012). O material digital oferece possibilidades de trabalho, mas não determina usos, cabendo ao(a) professor(a) orientar a leitura, contextualizar os memes e problematizar seus sentidos em sala de aula.

A organização interna do e-book evidencia essa preocupação ao estruturar as atividades em três movimentos pedagógicos articulados: apresentação da fonte, contextualização histórica e problematização crítica. Essa estrutura não se apresenta como modelo rígido, mas como orientação metodológica que permite conduzir o(a) estudante da leitura imediata à análise histórica. O meme, inicialmente reconhecido como elemento familiar, é deslocado para a categoria de fonte, exigindo interpretação situada e reflexão orientada.

Esse deslocamento é central para a aprendizagem histórica. Conforme destaca Barca (2018), o desenvolvimento da competência histórica envolve compreender que as fontes não são reflexos neutros da realidade, mas produções situadas, marcadas por perspectivas, interesses e intencionalidades. Ao convidar o(a) estudante a identificar o contexto de produção do meme, as circunstâncias da pandemia e os discursos políticos envolvidos, o e-book promove a passagem de uma leitura espontânea para uma análise crítica fundamentada.

A etapa de contextualização assume papel decisivo nesse processo. Trabalhar com memes do tempo presente implica lidar com acontecimentos ainda em disputa, o que exige

cuidado para evitar simplificações ou anacronismos. Ao articular os memes com dados sobre a pandemia, decisões governamentais e debates públicos amplamente divulgados pela mídia, o e-book cria condições para que o(a) estudante compreenda esses materiais como parte de processos históricos mais amplos.

A problematização crítica amplia esse percurso ao deslocar o foco da compreensão para a interpretação. As atividades propostas estimulam o(a) aluno(a) a identificar intenções discursivas, efeitos de sentido e possíveis leituras divergentes, reconhecendo que os discursos são atravessados por ideologia, memória e posicionamentos sociais (Orlandi, 2005). Nesse sentido, o trabalho com memes permite discutir não apenas o conteúdo das mensagens, mas as condições de sua produção e circulação.

Essa estrutura aproxima o produto técnico e tecnológico desta dissertação das discussões contemporâneas sobre letramento histórico e letramento midiático. Em ambientes digitais, a circulação de informações é marcada por dinâmicas de visibilidade, engajamento e compartilhamento que influenciam diretamente a formação da opinião pública. Ao trabalhar com memes em sala de aula, o e-book contribui para que os(as) estudantes desenvolvam uma postura mais crítica diante dessas dinâmicas, reconhecendo que a informação não circula de forma neutra.

A linguagem adotada no e-book evidencia um processo de tradução pedagógica que merece atenção. Ao evitar terminologia excessivamente técnica, o material reorganiza o discurso acadêmico em função do público escolar, sem abrir mão de sua complexidade conceitual. A didatização do conhecimento envolve processo de tradução pedagógica, no qual o conteúdo é organizado sem perder a estrutura conceitual (Saviani, 2013). Essa tradução é visível na forma como os memes são apresentados, contextualizados e convertidos em questões orientadoras, que estimulam a leitura crítica e a construção de argumentos.

Buscando uma melhor didatização do conteúdo, O e-book foi organizado em seções temáticas, estruturadas de modo a favorecer tanto a mediação docente quanto a compreensão discente acerca da linguagem dos memes e de seu potencial pedagógico no ensino de História. A primeira seção é direcionada ao(a) professor(a), configurando-se como um manual de orientações que busca auxiliá-lo(a) na utilização do material, oferecendo encaminhamentos para a condução das atividades propostas e para a exploração didática dos conteúdos apresentados.

Na sequência, a seção “O que é um meme” tem como finalidade apresentar esse conceito de maneira clara e acessível, por meio de explicações e exemplos que possibilitam ao(a)

aluno(a) reconhecer os memes como uma linguagem presente em seu cotidiano digital. Mais do que uma definição introdutória, essa seção busca estabelecer uma base conceitual necessária para que os(as) estudantes compreendam o meme como uma produção cultural inserida em dinâmicas comunicacionais próprias do tempo presente.

A seção “Como ler um meme”, por sua vez, tem por objetivo orientar os(as) alunos(as) quanto à interpretação dessa mídia, evidenciando que os memes não devem ser compreendidos apenas como manifestações de humor. Ao contrário, trata-se de produções carregadas de sentidos, opiniões, críticas e referências ao contexto social, político e cultural em que circulam.

Em “Tipos de memes”, o(a) estudante é apresentado à diversidade de formatos que circulam no ambiente digital, compreendendo que os memes podem assumir distintas estruturas, linguagens e finalidades comunicativas. Essa abordagem contribui para ampliar sua percepção acerca da multiplicidade dessa linguagem nas redes, permitindo-lhe identificar diferentes modos de construção de sentido e diferentes estratégias de comunicação mobilizadas por essa mídia digital.

Já a seção “Limites do humor” propõe uma reflexão fundamental acerca dos usos dos memes, ressaltando que nem tudo pode ser convertido em objeto de brincadeira. Nessa perspectiva, busca-se conscientizar os(as) alunos(as) de que o humor também está atravessado por limites éticos e sociais, exigindo responsabilidade, respeito e senso crítico em sua produção e circulação. Com isso, pretende-se evitar a reprodução de preconceitos, a disseminação de desinformação e a banalização de temas sensíveis.

É importante destacar que, considerando a proposta de trabalhar com memes históricos como recurso pedagógico, torna-se imprescindível que os(as) estudantes compreendam previamente o contexto histórico ao qual cada meme faz referência. Somente a partir desse conhecimento é possível realizar uma leitura crítica mais consistente, interpretando adequadamente os sentidos do humor, da ironia e da crítica presentes nessa linguagem. Por essa razão, antes de cada análise de meme apresentada no e-book, foi incluída a seção intitulada “A gestão do governo Bolsonaro durante a pandemia”, na qual são reunidas informações essenciais para a contextualização do tema abordado na análise subsequente. Essa etapa tem como objetivo oferecer subsídios históricos mínimos para que o(a) aluno(a) compreenda o meme não apenas como entretenimento, mas como uma forma de narrativa, crítica e interpretação do tempo presente.

Além disso, o e-book possibilita explorar a dimensão comparativa do ensino de História. Ao colocar diferentes memes em diálogo, produzidos em momentos distintos da pandemia ou

relacionados a diferentes episódios da crise sanitária, o material permite que os(as) estudantes identifiquem continuidades e variações nas narrativas em circulação. A comparação, nesse sentido, constitui procedimento fundamental para o desenvolvimento do pensamento histórico, pois permite compreender mudanças e permanências ao longo do tempo (Fonseca, 2003). Mesmo tratando-se de um período recente, essa operação amplia a percepção temporal dos estudantes(as) e contribui para a construção de relações mais complexas com o passado e o presente.

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que o trabalho com temas politicamente sensíveis não se realiza sem tensões. A pandemia de Covid-19 foi marcada por profundas desigualdades sociais, conflitos institucionais e intensa polarização política. Essas dimensões atravessam os memes analisados e se fazem presentes também no espaço escolar. Candau (2012) lembra que a escola é ambiente plural, no qual diferentes experiências e visões de mundo convivem e, muitas vezes, entram em conflito. Nesse contexto, o e-book não se apresenta como instrumento neutro, mas como proposta pedagógica que exige mediação cuidadosa, abertura ao diálogo e construção de espaços de argumentação fundamentada.

Os impactos formativos do e-book devem ser compreendidos a partir dessa complexidade. Ao trabalhar com memes relacionados à pandemia e ao governo Bolsonaro, o material coloca os(as) estudantes diante de narrativas que fizeram parte de seu cotidiano recente, convidando-os(as) a refletir historicamente sobre experiências ainda próximas. Esse movimento rompe com a ideia de que a História se ocupa apenas de passados distantes, aproximando o ensino da realidade vivida pelos sujeitos e reforçando sua dimensão formativa.

O e-book também estimula os(as) estudantes a reconhecerem os memes como registros situados, produzidos em um contexto específico de crise sanitária, disputas políticas e circulação acelerada de discursos. Ao analisar essas produções, os(as) alunos(as) são levados(as) a perceber que as interpretações do presente também são históricas, marcadas por interesses, valores e afetos.

Esse tipo de abordagem favorece o desenvolvimento de competências interpretativas fundamentais ao ensino de História. Aprender História implica reconhecer que as fontes expressam pontos de vista e que o conhecimento histórico é produzido por meio da análise crítica dessas fontes (Barca, 2018). Ao transformar memes em objetos de investigação, o produto técnico e tecnológico amplia o repertório de materiais trabalhados em sala de aula e desafia os(as) estudantes a aplicarem procedimentos de análise histórica a produções que fazem

parte de seu cotidiano. Esse deslocamento contribui para superar concepções equivocadas sobre a disciplina, frequentemente associadas à memorização de conteúdos descontextualizados.

A articulação entre ensino de História e formação cidadã também se evidencia nesse processo. O trabalho com fontes do Tempo Presente permite discutir responsabilidades históricas, escolhas políticas e seus impactos na vida social. Ao problematizar a atuação do governo durante a pandemia e os discursos que a acompanharam, o material cria condições para abordar temas como papel do Estado, importância da ciência e consequências das decisões políticas em contextos de crise. Essas discussões, quando mediadas de forma crítica e fundamentada, contribuem para a formação de sujeitos capazes de interpretar a realidade social e participar de maneira consciente da vida pública (Fonseca, 2003).

No entanto, um ponto que merece atenção diz respeito ao risco de presentismo. A centralidade do presente nas sociedades contemporâneas pode dificultar a construção de distanciamento crítico, levando à naturalização das interpretações atuais (Hartog, 2013). Ao trabalhar com memes produzidos no calor dos acontecimentos, o e-book precisa criar condições para que os(as) estudantes compreendam a historicidade dessas narrativas e reconheçam que elas podem ser reinterpretadas ao longo do tempo. A problematização da memória e da temporalidade torna-se, portanto, elemento central da proposta pedagógica.

Nesse contexto, a mediação docente assume papel decisivo. A qualidade da prática educativa depende da articulação entre fundamentos teóricos, intencionalidade pedagógica e condições concretas de ensino (Saviani, 2013). O e-book oferece possibilidades de trabalho, mas não substitui a atuação do(a) professor(a) na condução das discussões, na contextualização dos memes e na construção de ambientes de aprendizagem que favoreçam o respeito, o diálogo e a argumentação fundamentada.

Dessa forma, o papel do produto educacional na construção do conhecimento histórico não pode ser compreendido de maneira isolada. Ele se insere em um conjunto mais amplo de práticas pedagógicas que articulam análise de fontes, reflexão crítica e mediação docente. Seus efeitos formativos dependem das escolhas realizadas no contexto escolar, das estratégias adotadas pelo(a) professor(a) e do modo como os(as) estudantes se engajam nas atividades propostas.

A inserção do e-book como produto educacional também deve ser compreendida no âmbito da formação docente e da natureza da pesquisa aplicada no campo do Ensino de História. Em programas de pós-graduação profissional, espera-se que a investigação acadêmica produza efeitos concretos na prática escolar, articulando teoria e intervenção pedagógica. Nesse sentido,

o produto não se configura apenas como material didático, mas como expressão de uma pesquisa comprometida com a transformação do ensino.

A formação docente contemporânea enfrenta o desafio de lidar com linguagens digitais que atravessam o cotidiano escolar. A presença constante de redes sociais, memes e outras formas de comunicação digital exige do(a) professor(a) não apenas domínio técnico, mas capacidade de análise crítica dessas linguagens. Kenski (2007) destaca que a incorporação de tecnologias na educação demanda compreensão de seus usos, limites e implicações. O trabalho com memes, portanto, não se resume à utilização de um recurso atrativo, mas envolve leitura crítica das mídias, análise de discurso e contextualização histórica. O e-book contribui para esse processo ao oferecer atividades estruturadas e fundamentadas teoricamente.

A relação entre pesquisa e produto educacional reforça, também, a legitimidade acadêmica do trabalho desenvolvido. A prática pedagógica, para não se reduzir a improvisação, deve estar ancorada em fundamentos teóricos consistentes (Saviani, 2013). Ao se apoiar na análise historiográfica dos memes e nas discussões sobre tempo presente, discurso e memória, o e-book demonstra que o uso de linguagens digitais pode ser desenvolvido com rigor teórico, rompendo com a ideia de que inovação pedagógica implica superficialidade.

Outro aspecto relevante diz respeito à articulação entre teoria historiográfica e prática escolar. A teoria da História oferece instrumentos para compreender como os sujeitos atribuem sentido às experiências temporais (Rüsen, 2007). Ao transformar memes em objetos de análise em sala de aula, o e-book realiza essa articulação de maneira concreta, permitindo que conceitos teóricos se desdobrem em práticas interpretativas. Essa aproximação contribui para reduzir a distância entre produção acadêmica e ensino básico.

A dimensão da pesquisa aplicada também se manifesta na escolha do objeto. A pandemia de Covid-19 não foi apenas um evento global, mas uma experiência vivida de maneira desigual, atravessada por disputas políticas intensas no contexto brasileiro. Ao trabalhar com memes relacionados ao governo Bolsonaro, o e-book enfrenta o desafio de abordar um tema sensível e recente, articulando análise histórica e formação crítica. Essa escolha evidencia o compromisso com a relevância social da pesquisa, característica central dos mestrados profissionais em ensino.

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que a implementação do e-book pode produzir resultados distintos em diferentes contextos escolares. As práticas pedagógicas são atravessadas por condições institucionais, culturais e sociais específicas, que influenciam a recepção e o impacto dos materiais didáticos (Candau, 2012). O e-book, portanto, não deve ser

compreendido como modelo universal, mas como proposta situada, passível de adaptações conforme as realidades de cada escola.

A reflexão sobre formação docente envolve, ainda, a necessidade de diálogo entre professores(as). O trabalho com temas sensíveis e com linguagens digitais pode gerar dúvidas, tensões e até resistências. A construção de espaços de debate fundamentados teoricamente contribui para fortalecer práticas pedagógicas críticas e conscientes. Nesse sentido, o e-book pode funcionar não apenas como material voltado aos(as) estudantes, mas também como ponto de partida para discussões formativas no interior da própria escola.

Ao consolidar a articulação entre pesquisa, produto educacional e formação docente, evidencia-se que o e-book se insere em um movimento mais amplo de renovação metodológica no ensino de História. Essa renovação não se fundamenta na substituição de conteúdos tradicionais por linguagens digitais, mas na ampliação do repertório de fontes e estratégias pedagógicas, orientadas por objetivos formativos claros. O trabalho com memes, nesse contexto, estabelece um ponto de contato entre cultura digital e consciência histórica, desde que sustentado por reflexão teórica consistente.

O papel do e-book, portanto, ultrapassa a dimensão instrumental. Ele expressa uma proposta de ensino comprometida com a formação crítica, com a mediação docente e com a relevância social do conhecimento histórico. Ao articular teoria historiográfica, análise de fontes do tempo presente e proposta pedagógica fundamentada, o produto educacional reafirma o caráter aplicado da pesquisa e a importância do Ensino de História como campo de produção de conhecimento situado.

A construção do conhecimento histórico no espaço escolar se realiza na intersecção entre linguagem, mediação e experiência social. Ao tomar os memes como ponto de partida, o e-book desloca a centralidade do manual tradicional e amplia o repertório de fontes trabalhadas em sala de aula, sem abrir mão dos critérios historiográficos. Esse movimento reforça a necessidade de interpretar criticamente as diferentes formas pelas quais o passado e o presente são narrados na cultura contemporânea.

No contexto da pandemia, os memes funcionaram como dispositivos de elaboração simbólica de uma crise marcada por incerteza, medo e disputas políticas. Sua circulação intensa evidencia que a sociedade produziu, simultaneamente, crítica, ironia, negação e resistência diante das decisões governamentais. Ao incorporá-los ao ensino, o e-book reconhece que o conhecimento histórico também se constrói a partir da análise das linguagens que moldam a experiência coletiva.

A aprendizagem histórica, nesse sentido, não se limita à aquisição de informações, mas envolve a capacidade de atribuir sentido às experiências temporais, reconhecer disputas por significado e desenvolver autonomia intelectual. Ao propor atividades que articulam análise de imagem, contextualização e argumentação, o e-book contribui para que os(as) estudantes compreendam a historicidade dos discursos e se posicionem de maneira crítica diante da realidade social.

Ao integrar análise historiográfica, reflexão pedagógica e produto educacional, evidencia-se que o ensino de História no tempo presente exige abertura metodológica e fundamentação teórica. A incorporação de linguagens digitais, quando orientada por critérios críticos, amplia as possibilidades formativas da disciplina e reforça sua relevância em uma sociedade marcada pela circulação acelerada de discursos e pela disputa constante por sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu da compreensão de que a pandemia de Covid-19, no Brasil, não pode ser analisada apenas como um evento sanitário, mas como um fenômeno histórico atravessado por disputas políticas, narrativas concorrentes e intensas mediações culturais. Nesse cenário, a gestão do governo Jair Bolsonaro assumiu papel central na configuração dessas disputas, não apenas pelas decisões adotadas no campo da saúde pública, mas, sobretudo, pelas estratégias discursivas mobilizadas ao longo da crise. Ao tensionar recomendações científicas, relativizar a gravidade da pandemia e produzir declarações amplamente repercutidas, o governo contribuiu para a construção de um ambiente marcado por polarização e conflito interpretativo.

Foi nesse contexto que os memes emergiram como uma das principais linguagens de elaboração simbólica da experiência pandêmica. Longe de serem compreendidos como simples expressões de humor ou entretenimento, os memes analisados ao longo desta dissertação revelaram-se como artefatos culturais complexos, capazes de condensar críticas, afetos, posicionamentos políticos e disputas de sentido. Ao circularem intensamente nas redes sociais, essas produções passaram a integrar o conjunto de fontes do tempo presente, oferecendo ao(a) historiador(a) possibilidades de acesso às formas pelas quais a sociedade brasileira percebeu, interpretou e reagiu à condução da crise sanitária.

A investigação desenvolvida demonstrou que os memes não operam de maneira neutra ou passiva, mas participam ativamente da construção de narrativas sobre o presente. Ao selecionar episódios, enfatizar contradições e atribuir significados às ações governamentais,

essas produções contribuem para a formação de uma memória social em disputa. Nesse sentido, sua análise exigiu o diálogo com a História do Tempo Presente, especialmente no que se refere à compreensão da memória como campo conflituoso, marcado por seleções, silenciamentos e enquadramentos. Ao mesmo tempo, a interlocução com a História Cultural permitiu compreender os memes como formas de representação e linguagem, inseridas em práticas sociais mais amplas de produção de sentido.

Além disso, a pesquisa evidenciou que a cultura digital desempenha papel decisivo na forma como acontecimentos contemporâneos são significados e compartilhados. A circulação acelerada de conteúdos, a lógica algorítmica das plataformas e a participação ativa dos(as) usuários(as) configuram um ambiente no qual informação, interpretação e emoção se entrelaçam. Nesse cenário, os memes se destacam por sua capacidade de síntese e viralização, funcionando como dispositivos de leitura rápida da realidade, ao mesmo tempo em que reforçam posicionamentos e identidades coletivas. Tal característica reforça a necessidade de que a historiografia contemporânea amplie seu repertório de fontes, incorporando essas produções como elementos legítimos de análise.

A partir dos objetivos delineados, a pesquisa buscou compreender de que maneira os memes relacionados ao governo Bolsonaro, no contexto da pandemia de Covid-19, podem ser analisados como fontes da História do Tempo Presente e, ao mesmo tempo, mobilizados como ferramentas didáticas no ensino de História. Nesse percurso, evidenciou-se que tais produções não apenas registram reações imediatas aos acontecimentos, mas atuam como mediadores na construção de sentidos sobre a crise sanitária e sobre a atuação do poder político. Ao serem apropriados, reinterpretados e compartilhados por diferentes grupos sociais, os memes passam a integrar dinâmicas mais amplas de produção de memória e de disputa narrativa.

Os resultados da análise demonstraram que essas produções operam em múltiplas dimensões. Em primeiro lugar, funcionam como instrumentos de crítica política, ao evidenciar contradições entre discurso e prática governamental, expondo tensões relacionadas à condução da pandemia. Em segundo lugar, atuam como registros de afetos coletivos, revelando indignação, ironia, medo e revolta diante da experiência vivida. Por fim, configuram-se como elementos de fixação de memória, ao transformar determinados episódios, como falas presidenciais ou decisões políticas, em signos recorrentes, amplamente reconhecíveis no imaginário social.

Entretanto, a pesquisa também evidenciou a ambivalência desses materiais. Se, por um lado, muitos memes operaram como formas de denúncia e resistência simbólica, por outro,

também houve produções que contribuíram para a circulação de desinformação e para a legitimação de discursos negacionistas. Essa dualidade reforça a compreensão de que os memes não podem ser analisados de forma simplista, como expressões unívocas de crítica ou alienação, mas como parte de um campo complexo de disputas, no qual diferentes atores sociais buscam afirmar suas interpretações sobre a realidade.

Nesse sentido, a análise historiográfica desenvolvida ao longo do trabalho permitiu reconhecer que o estudo dos memes exige atenção às suas condições de produção, circulação e recepção. Não se trata apenas de interpretar o conteúdo isolado de uma imagem ou de uma frase, mas de compreender os contextos nos quais esses materiais emergem e os efeitos de sentido que produzem em diferentes públicos. Essa perspectiva contribui para ampliar o olhar do(a) historiador(a) sobre o tempo presente, evidenciando a necessidade de considerar linguagens contemporâneas e formas não tradicionais de registro histórico.

Ao mesmo tempo, a investigação revelou que a proximidade temporal com os acontecimentos analisados impõe desafios específicos. Trabalhar com memórias ainda em formação, marcadas por disputas políticas e afetivas intensas, exige cautela metodológica e consciência dos limites interpretativos. Nesse cenário, a articulação entre análise teórica e leitura crítica das fontes mostrou-se fundamental para evitar reducionismos e para construir uma interpretação que reconheça a complexidade do período estudado.

A articulação entre a análise historiográfica dos memes e sua utilização no ensino de História constituiu um dos eixos centrais desta pesquisa. Ao longo do trabalho, evidenciou-se que a incorporação dessas produções ao espaço escolar não deve ocorrer de maneira instrumental ou superficial, mas como parte de uma proposta pedagógica fundamentada, orientada pela leitura crítica das fontes e pela construção do conhecimento histórico. Nesse sentido, o e-book elaborado como produto educacional não se configura como um recurso complementar, mas como desdobramento direto das reflexões teóricas desenvolvidas na dissertação.

O material didático proposto parte do reconhecimento de que os(as) estudantes estão inseridos(as) em uma cultura digital na qual os memes ocupam lugar significativo em suas práticas de comunicação e interpretação do mundo. Ao trazer essas linguagens para a sala de aula, o ensino de História se aproxima da experiência vivida pelos(as) alunos(as), criando condições mais favoráveis para o engajamento e para a problematização de temas contemporâneos. No entanto, essa aproximação não implica a simples validação das formas de

consumo cultural, mas a sua transformação em objeto de análise, exigindo mediação docente e rigor interpretativo.

A proposta do e-book, ao estruturar atividades que envolvem leitura de imagens, contextualização histórica e análise de discursos, busca contribuir para o desenvolvimento de competências fundamentais à aprendizagem histórica. Entre elas, destacam-se a capacidade de identificar diferentes perspectivas, compreender a historicidade das narrativas e estabelecer relações entre acontecimentos, discursos e contextos sociais. Dessa forma, o trabalho com memes deixa de ser apenas um recurso motivador e passa a integrar um processo formativo mais amplo, voltado à construção da consciência histórica.

Além disso, a utilização desses materiais em sala de aula possibilita discutir questões centrais para a formação cidadã, como o papel da ciência, a responsabilidade do Estado e os impactos das decisões políticas na vida coletiva. Ao analisar memes produzidos durante a pandemia, os(as) estudantes são convidados a refletir sobre acontecimentos que marcaram suas próprias experiências, o que amplia o sentido da aprendizagem e contribui para a compreensão do presente como processo histórico em construção.

Entretanto, a pesquisa também evidenciou que o uso pedagógico dos memes exige atenção a limites e desafios. A linguagem sintética e, por vezes, simplificadora dessas produções pode obscurecer a complexidade dos fenômenos históricos, exigindo do(a) professor(a) estratégias de contextualização e aprofundamento. Além disso, o caráter polarizado das discussões políticas no Brasil contemporâneo demanda cuidado na condução das atividades, de modo a garantir um ambiente de respeito, diálogo e argumentação fundamentada.

Dessa forma, o e-book proposto não se apresenta como solução definitiva ou modelo fechado, mas como possibilidade de intervenção pedagógica situada, que pode ser adaptada conforme as realidades escolares. Sua contribuição reside na demonstração de que é possível articular cultura digital, análise crítica e ensino de História de maneira consistente, ampliando o repertório de fontes e metodologias disponíveis ao(a) professor(a).

Ao longo desta dissertação, buscou-se demonstrar que a pandemia de Covid-19, no contexto brasileiro, constituiu-se como um acontecimento histórico profundamente atravessado por disputas políticas, narrativas concorrentes e mediações culturais, nas quais a atuação do governo Bolsonaro desempenhou papel central. Nesse cenário, os memes emergiram como uma linguagem privilegiada de elaboração simbólica da crise, funcionando simultaneamente como instrumentos de crítica, registros de afetos e dispositivos de construção de memória. Ao analisá-los como fontes da História do Tempo Presente, a pesquisa contribui para ampliar o repertório

documental da historiografia, incorporando produções oriundas da cultura digital como objetos legítimos de investigação.

A análise desenvolvida evidenciou que os memes não apenas refletem a realidade social, mas participam ativamente da sua construção. Ao selecionar eventos, destacar contradições e atribuir significados às ações governamentais, essas produções integram processos mais amplos de disputa por sentidos no espaço público. Nesse movimento, revelam a complexidade da experiência histórica vivida durante a pandemia, marcada por tensões entre ciência e política, entre informação e desinformação, entre memória e esquecimento. Compreender essas dinâmicas mostrou-se fundamental para a interpretação do período, especialmente no âmbito da História do Tempo Presente.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa reafirma a importância do diálogo entre diferentes campos do conhecimento, como a História, a Comunicação e a Análise do Discurso, para a compreensão de fenômenos contemporâneos. Ao articular esses referenciais teóricos, foi possível construir uma análise que reconhece a centralidade das linguagens digitais na produção de sentidos sociais, sem perder de vista a necessidade de rigor metodológico e de contextualização histórica. Nesse sentido, o trabalho também contribui para o fortalecimento da História Cultural como campo de investigação atento às práticas, representações e formas de circulação de significados na sociedade.

No campo do ensino de História, a dissertação apresenta como principal contribuição a elaboração de um produto educacional que articula teoria e prática, demonstrando a viabilidade do uso de memes como ferramentas didáticas. Ao propor atividades que estimulam a leitura crítica, a contextualização e a problematização de fontes do tempo presente, o e-book reafirma o papel do ensino de História na formação de sujeitos capazes de interpretar a realidade social de maneira reflexiva. A incorporação de linguagens digitais ao espaço escolar, quando orientada por fundamentos teóricos consistentes, amplia as possibilidades formativas da disciplina e fortalece sua relevância no mundo contemporâneo.

Entretanto, é necessário reconhecer os limites desta pesquisa. A análise dos memes foi realizada a partir de recortes específicos, o que implica que outras produções, circulações e interpretações não foram contempladas. Além disso, a própria natureza dinâmica e efêmera das redes digitais impõe desafios à preservação e à sistematização dessas fontes, indicando a necessidade de desenvolvimento de metodologias cada vez mais adequadas ao estudo do tempo presente. Do ponto de vista pedagógico, também se reconhece que a aplicação do produto

educacional depende de condições concretas de ensino, da mediação docente e das especificidades de cada contexto escolar.

Diante disso, abrem-se possibilidades para pesquisas futuras que possam aprofundar a análise das linguagens digitais no campo da História, explorando, por exemplo, outras formas de produção cultural online, diferentes recortes temporais ou comparações entre contextos nacionais. No âmbito do ensino, novos estudos podem investigar a recepção de materiais didáticos que utilizam memes, avaliando seus impactos na aprendizagem histórica e na formação crítica dos(as) estudantes.

Por fim, a pesquisa reafirma que compreender o tempo presente implica reconhecer a multiplicidade de vozes, linguagens e disputas que o constituem. Em uma sociedade marcada pela circulação acelerada de informações e pela intensificação dos conflitos narrativos, o ensino de História assume papel fundamental na formação de sujeitos capazes de ler criticamente o mundo em que vivem. Ao incorporar os memes como fontes e objetos de análise, este trabalho evidencia que a cultura digital não apenas transforma as formas de comunicação, mas também redefine os modos pelos quais a História é construída, interpretada e ensinada.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**: Homo Sacer, I, II. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AGUIAR, Claudio Gustavo Borges de; MONTEIRO, Patricia Ortiz Monteiro; BATISTA, Andréia Jayme. Negacionismo e mudanças climáticas. **Revista Ciências Humanas**, v. 15, e-33, 2022. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/download/922/455/3583>. Acesso em: 30 set. 2025.
- AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004. Disponível em: <https://pratiquesdhospitalite.com/wp-content/uploads/2019/03/245435211-sara-ahmed-the-cultural-politics-of-emotion.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2026.
- ALBUQUERQUE, Afonso de. Protecting democracy or conspiring against it? Media and politics in Latin America: a glimpse from Brazil. **Journalism**, v. 20, n. 7, p. 906–923, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333825618_Protecting_democracy_or_conspiring_against_it_Media_and_politics_in_Latin_America_A_glimpse_from_Brazil. Acesso em: 16 fev. 2026.
- ANDERSEN, K. G., Rambaut, A., Lipkin, W.I. et al. A origem proximal do SARS-CoV-2. *Nat Med* 26, 450–452 (2020). <https://doi.org/10.1038/s41591-020-0820-9>
- ANDRADE, Alessandra Michelle Alvares. **Memes históricos: uma ferramenta didática nas aulas de História**. 2018. 128f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistória) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Tradução Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- AVRITZER, Leonardo (org.). **Política sem política: antipolítica, crise e governo Bolsonaro**. São Paulo: Editora Autêntica, 2020.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.) **Enciclopédia Emandi**. V. 5. Lisboa: Imprensa Nacional-casa da Moeda, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARBOSA, Rafaella Carvalho. (2019). **Aproximações entre charges e memes em ambientes digitais**. 9ª Arte (São Paulo), 8(1), 63-72. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9877.v8i1p63-72> Acesso em: 19 de abril de 2025.

BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. **História: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, [S. l.], v. 2, 2018. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5126>. Acesso em: 16 fev. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2015.

BARROS, José D'Assunção. **Seis desafios para a Historiografia do Novo Milênio**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: seguido de “A influência do jornalismo” e “Os jogos olímpicos”. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, Seção 1, Pág. 146. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, DE 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 de dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BUTLER, Judith. **Excitable speech**: a politics of the performative. New York: Routledge, 1997. Disponível em: https://monoskop.org/images/5/54/Butler_Judith_Excitable_Speech_A_Politics_of_the_Performative_1997.pdf. Acesso em: 16 fev. 2026.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectiva de ensino e pesquisa**. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo e GONTIJO, Rebeca (org). O ensino de história em questão. Cultura histórica, usos do passado. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 17-36

CAMPOS, L.M.L. BORTOLOTO, T.M.; FELÍCIO, A.K.C. (2003). **A Produção de Jogos Didáticos para o Ensino de Ciências e Biologia: Uma Proposta para Favorecer a Aprendizagem**. Cadernos dos Núcleos de Ensino, São Paulo, Brasil. p. 35- 48.

CANDAU, Vera Maria. **Didática crítica intercultural**: aproximações. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANDIDO, Evelyn Coutinho Rother; GOMES, Nataniel dos Santos. **Memes – uma linguagem lúdica**. Revista Philologus, Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, ano 21, n. 63, supl. Anais da X CNLF, set./dez. 2015.

CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 209-224, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-4014.2020.3499.013>

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. São Paulo: Zahar, 2013.

CERRI, Luis Fernando. **Um lugar na história para a didática da história**. História & Ensino, Londrina, v. 23, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2017.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. 138 p. (Coleção FGV de Bolso. Série História).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano vol. 1**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

CHAGAS, Viktor. **Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura**. BIB (São Paulo), n. 95, 2021.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. ID27025, 2018. DOI: 10.15448/1980-3729.2018.1.27025. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/27025>. Acesso em: 13 agos. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHAUÍ, Marilena. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Autêntica, 2013.

DAMOLIN, A., Kroth, M. y Borelli, M. (2021). **Interações em plataforma: circulação de conteúdos sobre COVID-19 em grupos no Whatsapp constituídos por vínculos familiares**. En X. Tobi y M. Berman (Coords.), Interacciones mediatizadas: contactos y vínculos antes y durante la pandemia (pp. 107 127). UNR Editora. Disponível em: EbookCIM_2022.pdf - Google Drive. Acesso em: 02 de abril de 2025.

David M. Morens, MD, Peter Daszak, Ph.D., e Jeffery K. Taubenberger, M.D., Ph.D. **Escapando da caixa de Pandora - outro novo coronavírus**. The New England Journal of Medicine, v. 382, n. 14, p. 1293-1295, 26 fev. 2020. DOI: 10.1056/NEJMp2002106.

DAWKINS, R. **O Gene Egoísta**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2012. DOI:10.5965/2175180304012012005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3381/338130378002.pdf>. Acesso em: 14 set. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA, Flávia Florentino; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MATA, Sérgio da (orgs.). **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 101-124.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/1cc35ec5-24c2-4f40-bcfd-a79d42f3cfd/content>. Acesso em: 13 set. 2025.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80–108, 2018. DOI: 10.5965/2175180310232018080. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018080>. Acesso em: 14 jun. 2025.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**: Experiências, reflexões e aprendizados / Selva Guimarães Fonseca. - Campinas, SP: Pádua, 203

FONTANELLA, Fernando. **O que vem de baixo nos atinge: intertextualidade, reconhecimento e prazer na cultura digital trash**. Trabalho apresentado no IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e. Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas volume 7**: O chiste e sua relação com o inconsciente. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GATTI, Gabriel. **A sociedade vítima: o sofrimento como recurso**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GATTI, Márcio Antônio. Memes e o recorte cômico da pandemia de COVID-19. **Estudos da Língua(gem)**, v. 18, n. 1, p. 37–58, 2020.

Disponível

em: https://www.researchgate.net/publication/348533543_Memes_e_o_recorte_comico_da_pandemia_de_COVID-19.

Acesso em: 04 jul. 2025.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022.

HARARI, Yuval Noah. **Nexus: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. Brasília. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf. Acesso em: 25 de março de 2025.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2022.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **“Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas**. In: *Futuros Passados. Contribuição a semântica dos textos históricos*. RJ: Contraponto, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEAL, Sayonara; MEJIA, Fabiana; NÓBREGA JÚNIOR, Fábio. A memetização do discurso bolsonarista sobre combate à pandemia da COVID-19: democracia sanitária à prova da desinformação. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 29, n. 2, 2024. DOI:

10.52780/res.v29i2.19442. Disponível em:
<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/19442>. Acesso em: 13 set. 2025.

LEITE, Carlina Rocha. **A cultura dos memes**: reflexões fundamentais de interesse à Ciência da Informação. 2021. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em:
<https://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/8227>. Acesso em: 29 set. 2025.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

LUIZ, L. Fffffffuuuuuuuuuuuuuu: o fenômeno das rage comics e sua relação com os quadrinhos. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 2012. Disponível em: <(1) Fffffffuuuuuuuuuuuuuu: o fenômeno das rage comics e sua relação com os quadrinhos> Acesso em: 30 de março de 2025.

MACHADO, AB e QUARESMA, FRP. **Metodologia ativa no processo de ensino aprendizagem dos profissionais de saúde**. Revista Educação. V14, n.1,2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MAUÉS, Olgaíses Cabral. **Reformas internacionais da Educação e formação de professores**. Cadernos de pesquisa, n. 118, mar 2003.

MIGUEL, Luís Felipe. **O colapso da democracia no Brasil**: da Constituição ao golpe de 2016. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MILNER, Ryan M. **The World Made Meme**: Public Conversations and Participatory Media. Cambridge, MA: MIT Press, 2016. Disponível em:
<https://archive.org/details/worldmadememepub0000miln>. Acesso em: 16 fev. 2026.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução de Maria Helena Kühner. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Desejo, desinformação e democracia: afetos políticos na cultura digital**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

Disponível em: <https://n-1edicoes.org/livro/desejo-desinformacao-e-democracia>.
 Acesso em: 04 jul. 2025

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 5ª Ed. Campinas: Papirus, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. Desafios para a História nas encruzilhadas da memória: entre traumas e tabus. **História: Questões & Debates**, [S. l.], v. 68, n. 1, p. 18–56, 2019. DOI:

10.5380/his.v68i1.67794. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/67794>. Acesso em: 01 out. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 13 set. 2025.

OCA, de I. C. M. (1995). **Que aportes ofrece la investigación mas reciente sobre aprendizaje para fundamentar nuevas estrategias didácticas?** Revista Educación, 19(1), 7-16.

OLIVEIRA, Marcos. **A cibercultura e suas implicações culturais**. São Luís: EDUEMA, 2019.

OLIVEIRA, Marina; FERREIRA, Luís. Arquivos digitais e memória social da pandemia: desafios éticos e políticos. **Revista Brasileira de História**, v. 42, n. 88, p. 1–24, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/kx9gbs3Jd7sJrKQ9rC5MZ3P/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de; CAIMI, Flávia Eloisa. Vitória da tradição ou resistência da inovação: o ensino de História entre a BNCC, o PNLD e a escola. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e77041, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.77041>.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

ORTEGA, Francisco. Pandemia, negacionismo e crise epistêmica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 4, e00068221, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/YwyZnQMgsmW88HZ3DJVmqzh>. Acesso em: 04 jul. 2025.

PASSETTI, Maria Clara; SIQUEIRA, Lúcio Willian Mota; MIRANDA, Ana Júlia. Ações e omissões do governo federal durante a pandemia: fake news, pós-verdade e desinformação no Brasil. **Sortuz: Oñati Journal of Emergent Socio-Legal Studies**, v. 15, n. 2, 2025. Disponível em: <https://opo.iisj.net/index.php/sortuz/article/download/2249/2493/13966>. Acesso em: 13 jul. 2025.

PENTEADO, Cláudio et al. Populismo digital e desinformação na pandemia. **Revista Contracampo**, v. 41, p. 1–20, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uff.br/contracampo/article/view/55310>. Acesso em: 30 de jul. 2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 16 fev. 2026.

PHILLIPS, Whitney; MILNER, Ryan M. **The ambivalent internet: mischief, oddity, and antagonism online**. Cambridge: MIT Press, 2017. Disponível em: <https://content.e-bookshelf.de/media/reading/L-10880461-d3173f9794.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2026.

RECUERO, Raquel da Cunha. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259328452_A_Conversacao_em_Rede_Comunicacao_Mediada_pelo_computador_e_Redes_Sociais_na_Internet/download. Acesso em: 13 set. 2025.

RECUERO, R.; SOARES, FB; GRUZD, A. Hiperpartidarismo, desinformação e conversas políticas no Twitter: a eleição presidencial brasileira de 2018. **Anais da Conferência Internacional AAAI sobre Web e Mídias Sociais**, [S. l.] , v. 14, n. 1, p. 569-578, 2020. DOI: 10.1609/icwsm.v14i1.7324. Disponível em: <https://ojs.aaai.org/index.php/ICWSM/article/view/7324>. Acesso em: 13 set. 2025.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REIS, Rossana R.; VENTURA, Deisy; AITH, Fernando. Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à COVID-19 no Brasil São Paulo: CEPEDISA-FSP-USP; Conectas, 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa – v. 1.: a intriga e a narrativa histórica**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. São Paulo: WF Martins Fontes, 2011.

ROCHA, Fernanda Martins. **Das charges aos memes: ideologias e as novas tecnologias**. 2017. Relatório (Pesquisa de Iniciação Científica) – Centro Universitário de Brasília (UnICEUB), Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais – FATECS, Brasília, 2017.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história – formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história – fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SANTOS, Ricardo. Memória em disputa: arquivos, plataformas e pandemia. **Revista Estudos Históricos**, v. 35, n. 73, p. 135–160, 2022.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/wDqCvM7s5yG7C3f3TWZnY5B/>.
Acesso em: 1 jul. 2025.

SANTOS, Ronaldo Teodoro dos. O Neoliberalismo como linguagem política da pandemia: a Saúde Coletiva e a resposta aos impactos sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, 2020.

SAVIANI, Dermeval. A defesa da escola pública no Brasil: difícil, mas necessária. In: KRAWCZYK, Nora (Org.) **Escola pública**: Tempos difíceis, mas não impossíveis. Campinas, SP.FE/UNICAMP; Uberlândia, MG: Navegando, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2013.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Contribuições de Jörn Rüsen para a pesquisa em Educação Histórica**. MÉTIS – história & cultura, Caxias do Sul, v. 19, n. 38, p. 23-47, jul./dez. 2020. DOI: 10.18226/22362762.v19.n.38.02.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX?** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SEIXAS, Peter; MORTON, Tom. **The Big Six Historical Thinking Concepts**. Toronto: Nelson Education, 2013. Disponível em: <https://archive.org/details/bigsixhistorical0000seix>. Acesso em: 16 fev. 2026.

SENO, Victor. Memes como patrimônio digital: desafios de preservação em contextos de crise. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 2, p. 68–89, 2025.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. Cambridge (MA): MIT Press, 2014. Disponível em: <https://mitpress.mit.edu/9780262317702/memes-in-digital-culture/>. Acesso em: 02 set. 2025.

SILVA, A. A. **Memes virtuais: gênero do discurso, dialogismo, polifonia e heterogeneidade enunciativa**. Revista Travessias, v. 10, n. 3, p. 341 a 361, set./dez., 2016.

SILVA, M. P. B.; FRANCELINO, P. F.; MELO, R. M. **Relações dialógicas em memes da campanha publicitária “Eu sou a Universal”**. Revista Prolíngua. v. 12, n. 2, p. 175 – 187, out/dez de 2017.

SOARES, Cássia Baldini et al. Science by means of memes? Meanings of Covid-19 in Brazil based on Instagram posts. **Journal of Science Communication**, v. 22, n. 3, p. A01–A18, 2023.

Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/372432099>.
Acesso em: 04 jul. 2025.

SOARES, Felipe Bonow; RECUERO, Raquel; VOLCAN, Taiane; FAGUNDES, Giane; SODRÉ, Giéle. Desinformação sobre o Covid-19 no WhatsApp: a pandemia enquadrada

como debate político. **Ciência da Informação em Revista**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 74–94, 2021. DOI: 10.28998/cirev.%y874-94. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/11246>. Acesso em: 13 agos. 2025.

SOARES, Felipe Bonow; VOLCAN, Taiane. Memes políticos, humor e eleições: o uso de memes como estratégia de propagação no Twitter. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 23, n. 2, p. 1-24, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/d8mRWm9VM3bDyDjszHDP35x/?lang=pt>. Acesso em: 13 agos. 2025.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso**: televisão, indivíduo e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021.

SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TEOTONIA; MOURA. **Metodologias ativas na aprendizagem: um desafio para o professor do século XXI**. Formação Docente e Trabalho Pedagógico: Diálogos Fecundos. Org. Andréa Koachhann. Editora Scotti, Goiânia, 2020. p. 193- 209.

TURIN, Rodrigo. **Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades**. In: Tempo, v.24, n.2, 2018.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. Tradução de Judith Hoffnagel e Karla Falcone. São Paulo: Contexto, 2008.

VILELA, Mariana Lima; SELLES, Sandra Escovedo. É possível uma Educação em Ciências crítica em tempos de negacionismo científico? **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 1722-1747, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2020v37n3p1722>.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. 35. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima; REIS, Rosana. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19. In.: **Direitos na Pandemia**: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil, n. 10, p. 6–31, 2021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003016698>. Acesso em: 13 set. 2025.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**. Campinas: Papirus, 2025.

VITÓRIA, Bárbara Zacher. **Sobre Memes E Mimimi: Letramento Histórico E Midiático No Contexto Do Conservadorismo E Intolerância Nas Redes Sociais**. 2019. 122f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe,

2017. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>. Acesso em: 16 fev. 2026.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: EDUSP, 2019.

XAVIER, Maria Luisa Merino. **Os incluídos na escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios**. Porto Alegre, 2003.

ZAN, Dirce; MAZZA, Débora. **Formação de professores no contexto atual: os desafios apontados pelo professor António Nóvoa**. In: KRAWCZYK, Nora (Org.) *Escola pública: Tempos difíceis, mas não impossíveis*. Campinas, SP. FE/UNICAMP; Uberlândia, MG: Navegando, 2018.

ZEICHNER, Kenneth M.; ANTUNES, Cristina. Uma agenda de pesquisa para a formação docente. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 13–40, 2009. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/3>. Acesso em: 17 fev. 2026.